



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS - PPGEL
MESTRADO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS – PPGEL/MEL

MÁRCIA SOUZA MAIA E ARAUJO

**DA FALA PARA A ESCRITA: INTERVENÇÕES
DISCURSIVAS EM PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO**

Feira de Santana, Ba
2017

MÁRCIA SOUZA MAIA E ARAUJO

**DA FALA PARA A ESCRITA: INTERVENÇÕES
DISCURSIVAS EM PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos.

Orientadora: Profa.. Dr^a. Maria Helena da Rocha Besnosik

Feira de Santana, Ba
2017

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

A687d Araujo, Márcia Souza Maia e
Da fala para a escrita: intervenções discursivas em processos de retextualização / Márcia Souza Maia e Araujo. – Feira de Santana, 2017. 173 f.: il.

Orientador: Maria Helena da Rocha Besnosik

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, 2017.

1. Estudos linguísticos – Retextualização. 2. Intervenções discursivas. 3. Fala e Escrita. I. Besnosik, Maria Helena da Rocha, orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 801

MÁRCIA SOUZA MAIA E ARAUJO

**DA FALA PARA A ESCRITA: INTERVENÇÕES DISCURSIVAS EM
PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Feira de Santana, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Estudos Linguísticos. Defendida e aprovada em 17 de fevereiro de 2017.

Banca Examinadora:

Profa. Dr^a Maria Helena da Rocha Besnosik – UEFS
Orientadora

Profa. Dr^a Carla Luzia Carneiro Borges – UEFS

Profa. Dr^a Obdália Santana Ferraz Silva – UNEB

*A maior riqueza
do homem
é sua **incompletude**. [...]
Não aguento ser apenas
um sujeito que abre
portas, que puxa
válvulas, que olha o
relógio, que compra pão
às 6 da tarde, que vai
lá fora, que aponta lápis,
que vê a uva etc. etc.
Perdoai. Mas eu
preciso ser Outros.
Eu penso
renovar o homem
usando borboletas.*

Manoel de Barros

A Luiz Antônio Marcuschi (*in memoriam*).

A minha mãe, Maria de Lourdes Maia.

A Maria Laura, Maria Fernanda e Carlos.

Agradeço

A Deus, por alimentar a esperança em meu coração; por velar meu sono, protegendo-me sempre.

A minha mãe, Maria de Lourdes Maia, pelas lutas, pela preocupação e pelo amor; e a minha irmã, Victória Louise, por me proporcionar os primeiros exercícios do que seria ser mãe. Vocês, para quem continuo sendo “Marcinha”, sempre.

A minha avó-mãe, Vitalina Neri (*in memoriam*), pela disciplina e pelo exemplo de força. Ela, que tinha tanto orgulho de mim, enquanto estudante e enquanto pessoa independente. Ela, que sempre dizia, toda feliz, que eu era “um moleque macho, sem medo de sair por aí, mundo a fora”. Logo ela, que era toda coragem.

A meu esposo, Carlos Araujo, por acreditar sempre, incentivando o meu crescimento acadêmico e profissional. Ele, que, também cursando mestrado, com todas as labutas profissionais e acadêmicas, sempre encontrou tempo para me ajudar de diversas formas.

Às minhas filhas, Maria Laura e Maria Fernanda, minhas *Maricotinhas*, essas criaturas incríveis, inquietas e desafiadoras, por aguardarem com compreensão e certa ansiedade, “a mamãe terminar a tarefa”, para irmos brincar lá fora ou tomar um sorvete, nossos jeitos simples de partilhar amor e felicidade.

Aos demais familiares, por tanto carinho, apoio e incentivo: minhas tias, sempre com o terço na mão, orando por mim; minhas primas e primos, pela amizade e pelas risadas, sempre cheias das nossas melhores lembranças da infância.

Ao meu cunhado Jean Marcel, pela amizade, pelo exemplo acadêmico e por todas “as ajudas”. Digo isso no plural porque foram muitas e de natureza diversa. Ele foi o meu “bastante procurador”, fazendo a minha inscrição no mestrado, entregando toda sorte de documentos e trabalhos; “presenteou minha pesquisa” com livros incríveis, que via, associava ao meu estudo e comprava para mim; leu, opinou e contribuiu sempre com muita generosidade.

Ao meu cunhado Rennan Geovanny, pela amizade partilhada desde a infância; por nossas longas sessões de conversa “sobre os mesmos temas” e que já fazem

parte de nossos encontros; pelo brilhantismo acadêmico; e ao meu cunhado Reinaldo, pela amizade, “brabezas” e risos.

A minha sogra, Alina, pela generosidade e pelo encorajamento; e ao meu sogro, Francisco, que me chama, carinhosa e solenemente de “professora”.

A minha orientadora, Profa. Dr^a Maria Helena da Rocha Besnosik, por gentilmente ter me acolhido como orientanda, num campo em que tivemos o desafio de aprender juntas; por trazer tranquilidade e leveza ao processo.

Às professoras Josane Moreira e Silvana Araujo, por coordenarem o PPGEL/MEL com dedicação e rigor acadêmico. Aos professores do programa, por nos oferecerem disciplinas significativas sobre o que a Linguística tem produzido de melhor, em seus diversos campos.

Às colegas da turma “*das 13 mulheres*”, pela convivência harmônica. Em especial a Cláudia Maísa, Girlene, Jackeline, Joseilda, Marinalda e Priscila, pelos almoços, trocas.

A Carol, pelo suporte. A dona Branca, pelas histórias, pela franqueza, pela vida dedicada à UEFS.

À banca de qualificação, pelas contribuições valiosas.

A Alana Freitas El Fahl, Fabíola Vilas Boas, Flávia Aninger e Zélia Martins, por me acolherem carinhosamente num grupo tão especial; por demonstrarem tanto amor pela UEFS e por me mostrarem novas formas de ver a cidade de Feira de Santana.

Aos tantos e queridos amigos, pelo abraço, pela cumplicidade e pelas xícaras de café, forças revigorantes e definidoras de nosso afeto.

Aos estudantes que participaram desta pesquisa, por sua disposição e complexidade; por sua alegria e pelo muito que me ensinam cotidianamente.

Ao diretor-geral do IFBA – *Campus Ilhéus*, Prof. Dr. Thiago Nascimento Barbosa, por ter espontaneamente movido esforços para reduzir a minha carga horária de aulas; e às colegas Ana Gabriela Poll, Juliana Menezes e Suzana Brito, por fazerem esse ajuste possível, tornando um pouco mais leve a minha rotina de viagens e estudos.

DA FALA PARA A ESCRITA: INTERVENÇÕES DISCURSIVAS EM PROCESSOS DE RETEXTUALIZAÇÃO

RESUMO

Este trabalho, ancorado no aporte teórico da Linguística Textual, mais especificamente nos estudos de Marcuschi (2003) acerca da Retextualização, versa sobre a natureza das intervenções textuais-discursivas decorrentes do processo de retextualização de entrevistas, numa interface entre texto oral e texto escrito, considerando as operações linguísticas-discursivas aí envolvidas. O seu propósito é compreender o nível de ocorrência dessas intervenções, e *como* esses textos são modificados, considerando as operações de retextualização em que há interferências mais ou menos acentuadas. A constituição do *corpus* se dá a partir de entrevistas concedidas pelos candidatos à presidência da República Aécio Neves e Dilma Rousseff, na campanha eleitoral de 2014, transformadas para a modalidade escrita da língua, por estudantes de 3ª e 4ª séries do Ensino Técnico Integrado do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA/Campus Ilhéus. Acreditamos que, mesmo não sendo a retextualização uma livre interpretação do texto-base, elementos constitutivos do evento de interação do qual o texto emerge poderão influenciar em alterações de sequências dos textos-alvo. A análise do *corpus* demonstrou que os estudantes assumiram a percepção das entrevistas levando em conta aspectos linguísticos e extralinguísticos do evento e que a adequação ao gênero textual proposto foi satisfatória. As intervenções ocorreram por meio de operações de substituição, reordenamento e condensação de ideias, descrevendo movimentos que modificaram partes do texto, produzindo novos sentidos e projetando a imagem dos candidatos positiva ou negativamente. A atividade de retextualização, por envolver complexas relações num plano textual-discursivo, e por depender de redes de referência dos sujeitos, é passível de alterações que excedem a relação entre fala e escrita.

Palavras-chave: Retextualização, intervenções discursivas, fala e escrita.

DE LA PAROLE À L'ÉCRITURE: INTERVENTIONS DISCURSIVES DANS DE PROCESSUS DE RETEXTUALIZATION

RESUMÉ

Cet étude aborde la nature des interventions textuelles-discursives résultantes du processus de retextualization d'interviews, à une interface entre le texte oral et le texte écrit, en considérant les opérations linguistique-discursives y présentes. L'objectif est comprendre le niveau d'occurrence de ces interventions, et la façon dont ces textes sont modifiés, à partir des opérations de retextualization dans lequel les interférences sont plus ou moins intenses. La constitution du *corpus* est donnée à partir d'interviews, accordées par les candidats présidentiels Aécio Neves et Dilma Rousseff, pendant la campagne électorale en 2014, transformées en modalité écrite, pour les élèves de 3e et 4e année d'enseignement au course Technique Intégré de l'Institut Fédérale d'Education, Science et Technologie de Bahia - IFBA / *Campus Ilhéus*. Nous croyons que la retextualization n'est-ce pas une libre interprétation des textes-bases, mais que des éléments constitutifs de l'événement de l'interaction dont le texte apparaît peuvent influencer dans des changements des séquences textuelles. Le *corpus* de l'analyse a montré que les étudiants ont pris la perception des interviews en tenant compte des aspects linguistiques et extralinguistiques de l'événement et la pertinence du genre proposé a été satisfaisante. Les interventions ont eu lieu à travers des opérations de remplacement, réordonnancement et condensation des idées, en décrivant des mouvements qui ont changé des parties du texte, avec la production de nouvelles significations et la projection d'une plus positives ou plus négatives des candidats. L'activité de retextualization, il implique des relations complexes dans un niveau textuel-discursive, et dépendent de réseaux d'orientation des individus, elle est soumise à des changements qui dépassent la relation entre la parole et l'écriture.

Mots-clés: Retextualization, interventions discursives, parole et écrite.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1:	Mudanças na Nomenclatura do IFBA de 1909 até 2009	28
Quadro 2:	Perspectiva dicotômica	64
Quadro 3:	Perspectiva culturalista	66
Quadro 4:	Perspectiva variacionista	67
Quadro 5:	Perspectiva sociointeracionista	68
Quadro 6:	Recursos gráficos para transcrição	86
Quadro 7:	Tópicos de avaliação da entrevista de Aécio Neves	97
Quadro 8:	Tópicos de avaliação da entrevista de Dilma Rousseff	98
Quadro 9:	Tópicos de avaliação do papel dos entrevistadores	98
Quadro 10:	Excertos com síntese narrativa das entrevistas	101
Quadro 11:	Excertos com comentários críticos sobre as entrevistas	101
Quadro 12:	Excerto de texto híbrido	102
Quadro 13:	Excertos de realização da 1ª operação – Hesitações	105
Quadro 14:	Excertos de realização da 1ª operação – Partes de palavras	106
Quadro 15:	Excertos de realização da 1ª operação – Elementos interacionais	107
Quadro 16:	Excertos de realização da 2ª operação	108
Quadro 17:	Excertos de realização da 3ª operação	109
Quadro 18:	Excertos de realização da 4ª operação	110
Quadro 19:	Excerto de positividade por reordenamento e encadeamento (6ª operação)	112
Quadro 20:	Excertos de positividade por tratamento estilístico (7ª operação)	114
Quadro 21:	Excertos de positividade por reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)	120
Quadro 22:	Excertos de positividade por condensação de ideias (9ª operação)	126
Quadro 23:	Excertos de negativização por reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)	133
Quadro 24:	Excertos de negativização por condensação de ideias (9ª operação)	136
Quadro 25:	Olhos de entrevistas com realce de aspectos positivos	142
Quadro 26:	Olhos de entrevistas com realce de aspectos negativos	145

LISTA DE TABELAS

Tabela 1:	Possibilidades de retextualização	76
------------------	---	----

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:	Mapa da expansão do Instituto Federal da Bahia até 2010	29
Figura 2:	Mapa de distribuição dos <i>campi</i> IFBA/2016	30
Figura 3:	Visão do IFBA - Campus Ilhéus	32
Figura 4:	Imagem da entrevista com Aécio Neves	49
Figura 5:	Imagem da entrevista com Dilma Rousseff	49
Figura 6:	Diagrama-Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito	89

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	13
2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: A TESSITURA E O TEXTO.....	23
2.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA PESQUISA QUALITATIVA	23
2.2 O CAMPO DE PESQUISA	26
2.2.1 O IFBA: a Bahia na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.....	26
2.2.2 O <i>campus</i> Ilhéus	31
2.3 O PROJETO DE INCENTIVO À APRENDIZAGEM - PINA.....	34
2.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA.....	35
2.5 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS.....	38
2.5.1 A entrevista enquanto gênero textual.....	41
2.5.2 As entrevistas orais: selecionando os textos-base	48
2.5.3. Entrevistas escritas: a construção dos textos finais (textos-alvo) nas Oficinas de Retextualização.....	50
2.6 SOBRE A ANÁLISE DE DADOS.....	52
3 ORALIDADE, ESCRITA E SOCIEDADE.....	56
3.1 ORALIDADE E ESCRITA: PRÁTICAS SOCIAIS.....	58
3.2 PERCURSOS PARA UMA COMPREENSÃO DE ORALIDADE E ESCRITA	60
3.3 RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA: PERSPECTIVAS.....	63
3.3.1 A visão dicotômica	63
3.3.2 Fenomenologia de caráter culturalista	65
3.3.3 A perspectiva variacionista	66
3.3.4 A perspectiva sociointeracionista	68
3.3.5 Considerações sobre as perspectivas de estudo das relações entre oralidade e escrita	69
3.4 ASPECTOS DO TEXTO FALADO	70
4 RETEXTUALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES NUM PROCESSO TEXTUAL-DISCURSIVO	73
4.1 RETEXTUALIZAÇÃO, REESCRITA, REVISÃO E TRANSCRIÇÃO.....	80

4.1.1 Reescrita e revisão	80
4.1.2 Transcrição	84
4.2 OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO.....	87
4.3 O PROCESSO TEXTUAL-DISCURSIVO.....	89
5 ANÁLISE DE DADOS	93
5.1 CODIFICAÇÃO.....	94
5.2 REFERENCIAIS DE PARTIDA: CONTEXTO DE REALIZAÇÃO E RECEPÇÃO DAS ENTREVISTAS.....	94
5.2.1 Recepção das entrevistas à época de sua exibição.....	94
5.2.2 Recepção das entrevistas na oficina de retextualização.....	97
5.3 ENTREVISTAS RETEXTUALIZADAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS-ALVO.....	100
5.3.1 Quanto ao tratamento do gênero textual	100
5.3.2 Quanto à realização das Operações de regularização e idealização: elementos associados à editoração do texto escrito	105
5.3.3 Quanto à realização das Operações de transformação: movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos positivos (positivização)	112
5.3.4 Quanto à realização de Operações de transformação: movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos negativos (negativização).....	132
5.3.5 Quanto ao emprego do <i>olho</i> nas entrevistas.....	142
5.4 REFERENCIAIS DE CHEGADA	146
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
REFERÊNCIAS	153
APÊNDICES.....	157
ANEXO.....	170

INTRODUÇÃO

O interesse pela retextualização, eixo central do presente estudo, tem sua origem em 2007, quando conheci, sob o ponto de vista teórico, as formulações de Luiz Antônio Marcuschi sobre esse processo de transformação textual. Foi um encontro importante e de efeitos imediatos: identificação com a substância da perspectiva apresentada; enfrentamento com a visão dos contínuos entre fala e escrita, uma então “novidade”. A identificação com a perspectiva marcuschiana deu-se especialmente em função da clareza com a qual as operações por que passam o texto oral até chegar à forma escrita são apresentadas, e ao fato de que, antes mesmo de nominar a retextualização, eu já a realizava nas aulas da graduação em Letras e com meus próprios alunos em sala de aula.

No primeiro caso, e conforme pude constatar, no período do curso de Letras com Francês¹, o livro **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**, principal guia teórico sobre o assunto, tinha sido publicado há pouco tempo, mas publicações preliminares já deixavam impressões importantes, e alguns professores já realizavam atividades similares às realizadas por Marcuschi, como transformação de depoimentos, diálogos, embora o fizessem como forma de acentuar as diferenças entre as modalidades oral e escrita. Foi assim que, enquanto estudante de Letras, retextualizei alguns gêneros selecionados nas disciplinas de Língua Portuguesa I e II, alguns dos quais, mais tarde, (re)encontrei *ipsis litteris* no referido livro.

No segundo caso – do emprego em sala de aula – apesar de eu ainda não ter o conhecimento teórico, as atividades realizadas, embrionariamente marcadas pela retextualização, consistiam ferramentas pedagógicas para o aprimoramento do texto escrito, embora ainda fossem revestidas de uma – equivocada – visão de superioridade formal da escrita com relação à fala, fruto de estudos pautados mais nas diferenças entre as modalidades, do que em suas convergências. Tratava-se de uma aplicação parcial, focada na atividade, em si, mas desprovida do propósito de reflexão sobre as relações ali estabelecidas.

O estranhamento, por sua vez, deveu-se a uma formação acadêmica fortemente marcada pela visão dicotômica (que opõe oralidade e escrita), muito difundida nos

¹ Curso de Graduação realizado na Universidade Estadual de Feira de Santana - UEFS (2000 a 2005).

estudos linguísticos, e “a de maior tradição entre os linguistas” (MARCUSCHI, 2003, p. 27). Assim, eu incorporara a ideia de que as modalidades oral e escrita se opunham na forma, isto é, marcavam-se pelas diferenças (enquanto o texto oral é considerado redundante, o escrito é considerado sintético; o texto oral é fragmentário, o escrito, completo, por exemplo). Tendo tomado isso como parâmetro, precisei me despir de algumas “verdades” no intuito de melhor compreender oralidade e escrita em suas semelhanças e continuidades no que tange ao fluxo das diversas situações de comunicação.

Todo esse processo (de reencontro e estranhamento) desencadeou-se enquanto cursava a Especialização em Estudos Linguísticos², quando tive contato com o livro, integralmente, e, apesar de este já ter sido bastante explorado até então, enxerguei muitas possibilidades pedagógicas e acadêmicas em suas proposições. Como primeiro desdobramento, realizei o estudo que resultou em minha monografia de fim de curso³, cujo foco era a análise das marcas de oralidade remanescentes de textos de estudantes da 3ª série do Ensino Médio submetidos às atividades de retextualização, demonstrativas de certa inabilidade nas especificidades dos gêneros orais e escritos.

Foi exatamente desse estudo que surgiram os elementos para a composição do projeto desta dissertação. Enquanto analisava o corpus daquela pesquisa, composto pela transformação de uma argumentação livre sobre um cartum do argentino Quino, verifiquei que determinados níveis de transformação – ou operações de retextualização, conforme veremos em seção específica – permitiam alterações de palavras e de estruturas sintáticas que, por sua vez, produziam efeitos de sentido diferentes, seja por realçar um ponto de vista, seja por utilizar um termo de mesmo campo semântico, mas com sentido de maior ou menor intensidade, tornando uma expressão mais negativa ou mais positiva, por exemplo. Naquele momento, esse não era o meu foco de estudo, mas encontrei na própria visão marcuschiana prerrogativas que acenam para esses possíveis desdobramentos das atividades de retextualização, perpassadas invariavelmente pelo sujeito que, diante de um texto oral, tem a tarefa

² UEFS, 2007 a 2009

³ Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em estudos Linguísticos da UEFS, intitulada **Retextualização e resquícios de oralidade em textos do Ensino Médio**.

de moldá-lo a uma nova forma, sem antes interpretá-lo, avaliá-lo e confrontá-lo com suas próprias concepções, pelo menos no que tange a textos de natureza argumentativa, que se constroem a partir de pontos de vista distintos.

Dessa observação, nasceram questionamentos sobre os modos como nos apropriamos de um dado texto, o interpretamos e o reconstruímos em sua forma e em sua modalidade (da fala para a escrita, ou vice-versa): os modos como selecionamos as informações; ou como administramos as nossas próprias opiniões, concordâncias e discordâncias com relação ao ponto de vista explorado no texto; ou, ainda, como – conscientemente ou não – a nossa visão sobre dado fato projeta-se no processo interpretativo, e, conseqüentemente, no processo de transformação dos textos. Tratava-se de inquietações que precisavam de elaboração, e que foram basilares no processo de formulação desta proposta, sua problemática, seus objetivos.

Ora, *a priori*, a concepção de retextualização aponta para um intenso jogo de transformações executadas cotidianamente, no qual textos variados são modificados para atender a um grande número de situações de comunicação: assiste-se a um telejornal e depois se faz um relato oral de uma notícia; assiste-se a um filme ou lê-se um livro e depois se produz um resumo oral para um amigo; participa-se de uma reunião, a partir da qual um representante redige uma ata; etc. No caso específico da retextualização de um texto oral para o escrito, há um percurso de transformação marcado por ações de natureza diversa (inclusão de pontuação e paragrafação, exclusão de marcas de oralidade). Além disso, na retextualização ocorrem operações de reformulação, chegando a um plano mais complexo, seja no que diz respeito à reestruturação e à condensação de ideias, seja no que diz respeito aos aspectos cognitivos que envolvem compreensão e inferência, numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos.

O cerne da questão reside na pressuposição de que a conversão das amostras textuais de uma para outra modalidade – resguardadas as suas especificidades –, não altere a substância da informação expressa no texto, nem interfira significativamente no discurso e/ou em seqüências discursivas nele veiculados, uma vez que retextualizar corresponde a uma conversão de cunho estrutural e linguístico que não deve ser compreendido como uma livre interpretação do texto original ou texto-base. Essa visão, entretanto, atende a princípios teórico-metodológicos, mas esbarra na hipótese de que não seja possível efetuar – dentro da variedade de gêneros passíveis

de retextualização – operações apenas num plano estrutural, separando precisamente forma e conteúdo, fenômenos que, segundo Marcuschi (2003) “ [...] estão sempre imbricados”.

O autor chama a atenção para o fato de que as operações de retextualização são importantes na compreensão do contínuo entre fala e escrita, e prioriza, nessa perspectiva, as operações de transformação entre tais modalidades, mas não descarta a ideia de que as múltiplas instâncias de produção e funcionamento da língua conferem complexidade às atividades em questão, e ainda afirma que

A língua não é transparente nem é determinada, pois ela não se esgota no interior do código. Os sentidos não são simplesmente codificados (depositados no interior do código), pois eles são sempre produzidos na relação do sujeito com a língua, dos sujeitos entre si e na complexa articulação com outras instâncias de produção e funcionamento da língua. Em suma, textos não são como uma *bonbonnière* de onde só saem bombons (MARCUSCHI, 2003, p. 72, grifo do autor).

Como se vê, o autor chama a atenção para variáveis, no processo de retextualização, que se expandem para além da transformação entre modalidades, podendo agregar elementos intrínsecos à própria complexidade do fenômeno linguístico e das relações entre sujeitos, códigos, significados construídos e discursos subjacentes ao texto. Acerca dessa relação entre texto e discurso, o autor chama a atenção para a existência de abordagens variadas, e pondera que

esta distinção entre *texto* e *discurso* é hoje cada vez mais complexa, já que em certos casos são vistas até como intercambiáveis. A tendência é ver o texto no plano das formas linguísticas e de sua organização, ao passo que o discurso seria o plano do funcionamento enunciativo, o plano da enunciação e efeitos de sentido na sua circulação sociointerativa [...] (MARCUSCHI, 2008, p. 58, grifos do autor)

Pelo fato de manterem uma relação intrínseca, texto e discurso atrelam-se de tal forma que é difícil pensar em operações que interferem na reorganização de ideias dentro de uma amostra textual, sem vislumbrar a possibilidade de mudanças no plano discursivo, em que o discurso é visto como uma prática que leva em conta fenômenos extralinguísticos, e não apenas como um artefato empírico. Isso corresponde a dizer que o retextualizador atua sobre o texto-base a partir de sua “leitura”, de seu lugar, de seu ponto de vista sobre o mesmo. Ele não “move peças” estáticas, como num quebra-cabeça, e sim, faz escolhas, toma decisões, de acordo com o que o resultado que

deseja produzir. Temos, pois, uma problemática inserida nessa relação, uma vez que, inicialmente, se pensa a retextualização como uma sequência de operações de transformação que figura no plano do texto, com a manutenção da substância de sua mensagem, mas a complexidade de algumas operações pode contribuir para a ocorrência de alterações no plano do discurso compreendido, segundo Adam (1999) *apud* Marcuschi (2008, p. 83), como prática enunciativa que engloba texto e suas condições de produção, recepção-interpretação – o contexto.

Diante dessa problemática, que é acadêmica, mas ao mesmo tempo está intimamente ligada ao estudo linguístico, o meu trabalho, enquanto docente de Língua Portuguesa, não poderia ocorrer alheio às inquietações quanto ao processo de retextualização, muito menos às possibilidades de trabalho com os mais variados gêneros textuais, que, afinal, são a base do ensino de língua atualmente. Como professora de língua, no embate para fugir das armadilhas do legado (puramente) gramatical, os textos promovem um movimento muito relevante, haja vista a sua “incompletude”: os seus sentidos constroem-se e reconstroem-se não em si mesmos, mas no contato com o outro, e no confronto com o repertório desse outro nas diversas relações.

Nesse processo, a língua se mostra em sua forma mais viva, e os sujeitos (empíricos) mostram-se, e marcam-se, e posicionam-se. Mostra-se o autor, que expõe sua(s) perspectiva(s); mostra-se o estudante, que esmiúça e confronta-se com o texto e suas leituras; mostra-se o professor, que seleciona, orienta, media. E como docente, vivo nesse entremeio, buscando os caminhos entre as normas e os usos, num cenário em que os gêneros se multiplicam, ganham dinamismo, impulsionados pelas tecnologias digitais, em que a norma é um referencial necessário, mas os discursos são valiosos e ganham materialidade em diversos suportes, os quais não posso ignorar.

É justamente nessa condição - a de docente -, e observando a efervescência dos debates sobre a política nacional no período eleitoral de 2014, entre estudantes do Ensino Médio Técnico no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia (IFBA - Campus Ilhéus), no qual leciono, que pude, preliminarmente, ver o quanto os referidos estudantes colocavam-se, e marcavam-se discursivamente, enquanto argumentavam em prol ou contra alguns dos candidatos. Foi possível também perceber como eles compunham os perfis dos candidatos, positiva ou

negativamente, estabelecendo recortes de suas falas em debates, discursos e entrevistas. Comecei a ver, na atuação desses grupos de estudantes, um fecundo espaço para o estudo das variáveis que tanto traziam inquietações, e já expostas aqui nesta seção. Afinal, a postura desses sujeitos, nesse embate, por mostrar-se atuantes e críticos, poderia ser relevante na condução da retextualização de textos orais desses candidatos a quem defendiam e/ou rejeitavam.

Impulsionada pelas possibilidades desse público inquieto, encontrei espaço para a pesquisa no projeto “Fala e escrita: percursos da linguagem em nosso cotidiano”, dentro do Programa de Incentivo à Aprendizagem (PINA), que integra o quadro de programas institucionais do IFBA. Aprovado por edital e acompanhado pela Coordenação Técnica em Serviço Social do *campus*, o projeto contou com atividades semanais com as bolsistas (monitoras) e oficinas de produção de texto, com os estudantes de 3ª e 4ª séries dos cursos técnicos em nível médio então oferecidos (Informática e Segurança do Trabalho).

A partir da problemática ora apresentada, e considerando uma aplicação no grupo supracitado, delimito o objeto deste estudo, a saber, a natureza das intervenções textuais-discursivas efetuadas em entrevistas de políticos brasileiros na campanha eleitoral de 2014, retextualizadas por estudantes das séries finais do Ensino Médio, levando-se em conta as operações linguísticas-discursivas⁴ nele envolvidas. O esforço para analisar tal objeto norteia-se pela questão: ao realizar as complexas operações de transformação do texto oral em escrito, que movimentos textuais-discursivos são realizados pelos estudantes na (re)construção dos sentidos dos textos e na projeção de dada imagem dos candidatos?

É preciso considerar, nesse objeto, a relação entre as suas variáveis. A retextualização configura-se, num primeiro plano, pelo manuseio de recursos para atender a um novo gênero ou a uma outra modalidade da língua, mas é impossível que se pense no texto estanque de sua discursividade. Daí a concepção das intervenções “textuais-discursivas”, em lugar de uma concepção exclusivamente “textual”, justificada pela premissa de que o texto é a própria materialidade discursiva, e as atividades propostas podem ter desdobramentos para ambas as instâncias. Não

⁴ Em Marcuschi (2003), tais operações aparecem também como linguísticas-textuais-discursivas, e remetem, segundo o autor, a operações que atuam de forma mais pontual no código, mas com repercussão direta no discurso, já que ambos são inseparáveis. Trata-se de um amplo conjunto de operações de eliminação, regularização, acréscimo, substituição, reordenação, que veremos mais especificamente na seção IV, sobre retextualização.

por acaso, as etapas de transformação do oral em escrito são assim chamadas pelo autor. Daí, origina-se também a variável “linguística-discursiva”, que dá conta das referidas operações e as distingue de operações cognitivas (como a inferência, por exemplo). Trabalharemos com as operações linguísticas-discursivas, por deixarem traços empíricos mais seguros na análise, mas é importante ressaltar que se trata de uma distinção metodológica, já que uma não se realiza sem a outra.

Feita essa contextualização, resta considerar o gênero textual entrevista, presente nas práticas sociais tanto na forma oral quanto na forma escrita, de modo que a transformação seja intermodal, permitindo uma análise mais concentrada no percurso entre fala e escrita. A opção pelo tema das entrevistas, como dito anteriormente, está associada ao grau de envolvimento dos sujeitos, evitando o distanciamento destes com o conteúdo dos textos, e uma suposta neutralidade diante do material a ser retextualizado.

A delimitação do objeto liga-se intimamente com o objetivo geral do trabalho, que é analisar o nível de ocorrência e a natureza de interferências discursivas em textos resultantes de retextualização, numa interface oral - escrita. Ou seja, pretendo verificar *como* esses textos são modificados; em quais operações essas interferências são mais ou menos acentuadas e que efeitos de sentido produzem.

Como desdobramentos desse objetivo geral, delineei objetivos específicos associados ao percurso da pesquisa, que se organizam de um plano mais geral, até o plano mais central. Assim, pretendo: analisar perspectivas acerca da relação entre fala e escrita, considerando-as enquanto práticas sociais; delimitar teoricamente conceitos de retextualização, suas operações, e seu fundamento textual-discursivo, sob o escopo da Linguística Textual; identificar, em amostras retextualizadas, sequências em que houve alterações textuais-discursivas, descrevendo-as e estabelecendo relações internas e externas ao texto-base, quando possível.

Desde a sua gênese, e a partir do início dos anos 2000, quando ganhou força no meio acadêmico, a perspectiva da retextualização tem sido referência bastante consistente no campo linguístico brasileiro, trazendo importantes contribuições na compreensão do contínuo entre fala e escrita, favorecendo muitos estudos complementares, tanto no escopo da Linguística Textual, quanto em áreas como a Linguística Aplicada. Rendeu, assim, muitos trabalhos e chegou aos livros didáticos de Língua Portuguesa. Boa parte dos estudos desenvolvidos sobre o tema trabalham

com elementos pedagógicos das atividades de retextualização, abordando aspectos formais das modalidades oral e escrita. Outros, por sua vez, abordam variáveis associadas à mediação plurilinguística, sem contar artigos que trabalham com *corpus* de gêneros textuais variados (retextualização de depoimentos, de aulas, etc.). O que se percebe, como linha condutora mais evidente nos trabalhos, é o enfoque na aplicação das operações, ou seja, em aspectos formais, com forte influência do código linguístico (verificação de domínio das modalidades, por exemplo). Embora não se consiga um mapeamento exaustivo dos estudos, e apesar de um aparente esgotamento da abordagem, em função da recorrência de pesquisas, por ser a retextualização uma prática social viva em nosso cotidiano, é grande o leque de possibilidades para sua compreensão.

O presente estudo, nesse contexto, diferencia-se dos demais trabalhos pelo enfoque dado a tais atividades. Isso porque a presente proposta pretende abordar a variável discursiva emergente das operações de retextualização a partir da identificação e da descrição do fenômeno das interferências que essa variável promove no processo entre o texto-base (oral) e o texto-alvo/ texto final⁵ (escrito). Assim, a pesquisa justifica-se pela possibilidade de contribuir com os estudos em retextualização, a partir do enfoque discursivo, que apesar de situado por seu principal articulador, em **Da fala para a escrita**: atividades de Retextualização, não constitui, naquele momento, o objeto central dos seus estudos. Além disso, a pesquisa pode fornecer dados relevantes sobre o manejo dos movimentos textuais-discursivos dentro da perspectiva do contínuo entre fala e escrita, observando-se, por exemplo, opções estruturais, linguísticas e estratégias de (re)ordenação argumentativa numa e noutra modalidade.

Na busca pelas respostas para as questões postas, este estudo estrutura-se, além desta parte introdutória (I), em mais cinco seções, serão discutidos: (II) os aspectos metodológicos da pesquisa; (III) perspectivas sobre fala e escrita enquanto práticas sociais; (IV) os processos de retextualização em sua interface da fala para a escrita, considerados aspectos textual-discursivos; (V) análise de dados; (VI) considerações finais.

⁵ Marcuschi, no livro **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização (2003), refere-se ao texto escrito resultante de transformação de um dado texto oral, ora como “texto final”, ora como “texto-alvo”. Para efeito de registro na análise dos dados, adotaremos a forma “texto-alvo”, por ser a que ele delimita no diagrama das operações de retextualização (p. 75), podendo, eventualmente, usar a primeira forma.

Sendo a presente seção de introdução ao trabalho considerada a primeira, na segunda seção, será descrito o percurso metodológico da pesquisa. Além de uma abordagem teórica sobre a pesquisa qualitativa, cujos fundamentos são os mais adequados a este trabalho. Farei o detalhamento de aspectos fundamentais ao desenvolvimento do estudo: os critérios utilizados na seleção do *corpus*; as categorias de análise; o campo de pesquisa; os sujeitos da pesquisa; e o projeto no qual se constituiu o *corpus*. A seção funcionará como o fio norteador do trabalho que se tece ponto a ponto, que se constrói passo a passo. Por tal razão, intitula-se “Aspectos Metodológicos: a tessitura e o texto”, contando com contribuições de autores como Costa (2008); Goldenberg (2002); Hoffnagel (2005); Lage (2003), entre outros.

A terceira seção, intitulada “Fala, escrita e sociedade” objetiva estabelecer um panorama acerca da oralidade e da escrita enquanto práticas sociais, marcando o seu papel numa sociedade ao mesmo tempo grafocêntrica – que valoriza sobremaneira a escrita –, mas que tem na oralidade um dos principais meios de condução de sua vida cotidiana. É importante dizer que, enquanto prática social, estamos adotando o termo oralidade, que será particularizado para o termo fala, em outras partes do trabalho. Esta seção vale-se de concepções advindas não apenas de estudos em linguagem, mas também de estudos antropológicos que, em conjunto, demonstram o valor dado a uma e outra modalidade no seio de culturas diferentes, em tempos diferentes, mas profundamente marcadas pelo impacto da difusão escrita. Trata-se de uma seção importante, pois embora não seja exaustiva em sua abordagem, trilha um caminho no sentido de demonstrar as visões sobre fala e escrita que, linguisticamente, partem da distinção, por meio das dicotomias, até chegar aos contínuos, perspectiva adotada como base da compreensão dos processos de retextualização. Trataremos também de aspectos do texto falado. Esta etapa do trabalho conta com um suporte heterogêneo, por sua natureza. Assim, agregam-se perspectivas de Olson e Torrance (1997); Havelock (1997); Cavallo e Chartier (1998; 1999); Gnerre (2009); Calvet (2011), entre outros.

A quarta seção, que tem por título “Retextualização e elementos do processo textual-discursivo” trará, em caráter teórico, os principais pressupostos de Marcuschi (2003) sobre as atividades de retextualização, incluindo a descrição das operações de transformação de textos da fala para a escrita. Além disso, traremos para o diálogo algumas discussões acerca do componente textual-discursivo envolvido nos usos da

linguagem – de um modo geral, e na atividade textual, em particular – e como dito anteriormente, uma das tônicas da retextualização. Por ser o texto (materialmente falando), objeto de áreas diversas, e o termo discurso, apropriado de forma análoga, vale salientar que a discursividade tal qual concebemos receberá o tratamento teórico da Linguística Textual, que, entre outros aspectos, a compreende no seio das situações de comunicação e de referenciação. Nessa parte do trabalho, estabelecerão diálogo com a visão marcuschiana, trabalhos como o de Flôres e Silva (2005); Dell'Isolla (2007); Travaglia (2013); Benfica (2013) – no que tange à retextualização, especificamente – , além de alguns estudos de Bentes e Rezende (2008); Koch (2002; 2009).

Estabelecidos os pilares teóricos e metodológicos considerados fundamentais, chega o momento de nos debruçar sobre os dados. A quinta seção, Análise de dados, dedica-se a uma análise das entrevistas escritas, fruto da retextualização de entrevistas orais dos então candidatos à presidência Aécio Neves e Dilma Rousseff, na campanha eleitoral de 2014. Essa análise é feita a partir da verificação de aplicação das operações de retextualização constantes do esquema marcuschiano e da associação dessas a movimentos textuais-discursivos, nos quais os sujeitos promovem interferências no texto original (texto-base).

Uma seção final trará as considerações que sintetizam os resultados obtidos, as impressões, possíveis lapsos e/ou desdobramentos do estudo, com vistas a trazer um breve panorama de seus aspectos mais importantes e margens para novas investigações.

2 ASPECTOS METODOLÓGICOS: A TESSITURA E O TEXTO

Nesta seção, apresento elementos constituintes do percurso metodológico da pesquisa, que acaba por configurar uma espécie de fio condutor para a tessitura do trabalho como um todo.

2.1 FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UMA PESQUISA QUALITATIVA

Pela natureza da proposta de estudo, cujos elementos básicos foram expostos na seção introdutória, desenvolvê-lo-ei numa abordagem qualitativa. Para Minayo (2001, p. 22),

A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

As tais “questões particulares” dispõem-se em um leque muito variado, dependendo, naturalmente, da área da pesquisa, e, no caso específico das retextualizações, parto da premissa de que as escolhas feitas, desde o componente linguístico determinante das operações de transformação entre fala e escrita, até os níveis discursivos mobilizados pelos participantes nas operações mais complexas, retomam a parte do que a autora expõe, afinal, entra-se num plano de “significados”, ou supõe-se a existência de “motivos”, perpassados por “crenças”. Tudo isso, obviamente, depende de uma análise que não pode desconsiderar as muitas variáveis, e que não pode reduzir-se a uma superfície de quantificação, não por nenhum problema em quantificar, ou assim nortear-se, mas pela natureza do texto.

Nesse sentido, Goldenberg (2002, p. 14) afirma que

Na pesquisa qualitativa a preocupação do pesquisador não é com a representatividade numérica do grupo pesquisado, mas com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização, de uma instituição, de uma trajetória etc.

Sendo assim, as pesquisas qualitativas podem ser realizadas com grupos pequenos de sujeitos, ou mesmo com apenas um, a depender do objeto e dos

objetivos do estudo. A representatividade da pesquisa, nesses casos, está associada à profundidade que o estudo apresenta, e em que isso contribui para determinada área. Este trabalho concentra-se num eixo em que o estudo detalhado do texto é mais relevante, por suas especificidades, que o quantitativo da amostra. É importante frisar que, embora trabalhem com uma amostra inicial de 22 textos – o que é expressivo para a análise –, a dinâmica das oficinas em que o material foi produzido, poderia ter gerado um número menor de textos.

No que tange ao envolvimento entre pesquisador e demais participantes, ou do pesquisador com o processo de pesquisa que integra, é importante frisar alguns aspectos. Se, por um lado, a perspectiva mais fortemente defendida na pesquisa qualitativa⁶ atualmente assume a posição de que a subjetividade do pesquisador, bem como a dos que estão sendo estudados acabam se tornando parte do processo de pesquisa, de modo que elementos como sentimentos, impressões, observações acabam, por si mesmos, integrando a interpretação (FLICK, 2009, p. 25); por outro lado, é preciso cuidado com essa interseção sob o risco de interferência inadequada nos resultados, de forma a colocá-los em xeque. Em outras palavras, apesar de essa interface ser característica inerente à pesquisa qualitativa, ela requer um processo crítico do pesquisador, no sentido de avaliar constantemente o curso do trabalho. Isso porque a sua presença pode, ao mesmo tempo, integrar a pesquisa, como sugerido por Flick, no excerto acima, como “contaminá-la” com suas projeções. Ponderando sobre essa tênue relação, Goldenberg (2002, p. 55) avalia que

Um dos principais problemas a ser enfrentado na pesquisa qualitativa diz respeito à possível contaminação dos seus resultados em função da personalidade do pesquisador e de seus valores. O pesquisador interfere nas respostas de grupos ou indivíduo que pesquisa. A melhor maneira de controlar esta interferência é tendo consciência de como sua presença afeta o grupo e até que ponto este fato pode ser minimizado ou, inclusive, analisado como dado da pesquisa.

O problema abordado por Goldenberg é especialmente importante neste estudo. O processo de coleta de dados pressupõe a realização de oficinas temáticas sobre

⁶ A pesquisa qualitativa, na maior parte dos manuais de metodologia, é discutida a partir das Ciências Sociais, e vem, nesses casos, associada à ideia de pesquisa social, que abrange muitos estudos sociológicos, antropológicos, de saúde, etc. Muitas das perspectivas apresentadas pelos autores, portanto, têm uma forte ligação com estudos dessa natureza. Valemo-nos de uma espécie de teoria geral acerca do que seja a pesquisa qualitativa, e fazemos adequações à área da Linguagem.

gêneros textuais, seguidas de produções de texto, envolvendo os gêneros em estudo e, em momento específico para a pesquisa, realizam-se as retextualizações, tendo por foco o gênero entrevista. Todos esses momentos ocorreram em ambiente escolar, mediado por mim, pesquisadora, mas também, e principalmente – naquele espaço –, professora de uma considerável parte daqueles estudantes. Esses papéis não se anularam por estarmos numa atividade fora das aulas. A relação professor-aluno mantém-se nessas oficinas, por mais que se busque uma atmosfera distinta dos inúmeros compromissos das aulas, digamos, regulares.

Um desafio, portanto, foi tentar, conforme aponta a autora, “controlar a interferência” dessa relação na produção de texto dos participantes. Primeiro, criando um espaço no qual os participantes tivessem plena consciência da natureza facultativa da atividade, mas da necessidade de compromisso, afinal, o projeto tem como foco a aprendizagem, em múltiplas possibilidades. Segundo, mantendo claros os objetivos do projeto de trabalho. Terceiro, desvinculando o desempenho nas atividades da ideia de atribuição de nota, seja dentro das oficinas, seja na sala de aula, no curso da disciplina de Língua Portuguesa, seja para aqueles que eram meus alunos, sejam os demais. O objetivo maior dessas ações era, pois, fazer com que os participantes se compreendessem como um grupo de estudo mediado, independente das disciplinas de seu curso regular, reconhecendo o espaço de aprendizado no qual estava se inserindo e a sua liberdade para sair/ deixar de participar, quando quisesse. Com isso, atenuou-se a possibilidade de uma relação que inibisse os estudantes a participarem das atividades.

A minha presença como professora da escola poderia ser compreendida como uma relação de poder que interferiria diretamente na produção dos estudantes, na medida em que eles poderiam se perguntar sobre “o que essa professora quer que eu faça?”; ou “eu acho que ela quer corrigir meus erros de português” ou ainda “acho que ela quer que sejamos “do contra”; ou “eu sou bom com ela em Língua Portuguesa, não posso cometer erros aqui”. Em todas essas hipóteses, os textos poderiam reproduzir aquilo que os estudantes participantes da pesquisa “achavam que eu queria”, e não, necessariamente, o que eles próprios queriam. Assim, houve o cuidado de avaliar a todo instante o impacto de minha presença, das escolhas, do enunciado da proposta, na condução da pesquisa, com vistas a manter a subjetividade a favor

do estudo, e não para pô-lo em xeque. Não podemos, contudo, controlar plenamente essa variável.

Em linhas gerais, o estudo volta-se para um trabalho que mergulha nesse espaço onde o processo, como um todo, agrega significados, e cujos elementos constitutivos passarei agora a descrever.

2.2 O CAMPO DE PESQUISA

2.2.1 O IFBA: a Bahia na Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica

O Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA⁷ integra a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica e vem sendo ampliado, analogamente ao movimento nacional de expansão. Nesse processo, a instituição vem, gradativamente, sendo conhecida e reconhecida nas comunidades que atende, sobretudo por oferecer um ensino de qualidade na esfera pública. O instituto, apesar desse recente movimento, data de períodos mais antigos da Rede Federal de Educação Profissional, passando por alterações que acompanharam momentos da história do país, alterações essas que perpassam a concepção de educação que norteia suas práticas e dimensões socioeducacionais, assim como a própria nomenclatura institucional.

O nascedouro oficial da Rede Federal de Educação Profissional data de 1909, no governo do presidente Nilo Peçanha, que cria 19 unidades da Escola de Aprendizizes Artífices – uma das quais em Salvador, conhecida popularmente como “escola do mingau”, pela oferta desse alimento aos estudantes (MENEZES, 2015, p. 51). Trata-se de um período em que a educação profissional ainda não tem, de forma prioritária, um compromisso com a demanda técnica para indústria (em fase embrionária no país), mas é uma alternativa ao problema da ociosidade dos “desfavorecidos da fortuna” – pobres, aleijados, cegos, surdos, ex escravos, loucos, órfãos, entre outros marginalizados pela sociedade da época – que geravam altos índices de criminalidade e impediam o progresso do país (TAVARES, 2012, p. 5).

⁷ IFBA e IF Baiano são instituições federais oriundas de processo análogo de expansão, sendo o IFBA (IFAL, IFSE, IFSP, etc.) oriundo dos CEFETs, enquanto o IF Baiano (IF Goiano, etc.) são oriundos das antigas Escolas Agrotécnicas Federais.

Com a crise da cultura cafeeira a partir da década de 1930, o país começa a ver condições para a emergência de uma burguesia industrial. Em 1937, a então Escola de Aprendizes e Artífices da Bahia torna-se o Liceu Industrial de Salvador, para, em 1942, tornar-se a Escola Técnica de Salvador, período em que, no cenário nacional, a indústria começa a construir as bases para a efetiva propulsão a partir da década de 1950.

Em 1965, a Escola Técnica de Salvador é convertida legalmente em Escola Técnica Federal de Salvador (EFTBA), num período inicial da Ditadura Militar, que mantém a articulação entre os interesses do capital internacional e da elite política nacional e no qual a elevação da escolaridade dos trabalhadores passa a ser determinante para o desenvolvimento industrial do país.

Quase três décadas mais tarde, a EFTBA passa à condição de Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET- Ba, num momento de transformações no mercado de trabalho e de avanços tecnológicos, em que a educação profissional visa formar “o ‘trabalhador de novo tipo’, em sintonia com as novas formas de organização e gestão do trabalho e com os interesses do mercado” (TAVARES, 2012, p.8). O CEFET- Ba, a exemplo dos demais CEFET componentes da rede federal, gozava de prestígio enquanto centro formador, sendo procurado pela qualidade técnica, empregabilidade e possibilidade de prosseguimento nos estudos, em nível superior (na própria instituição, quando ofertados cursos superiores; ou em universidades).

Em 2008, os CEFET⁸ passaram à condição de Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia – IFs, criando, localmente, o IFBA – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia.

A seguir, quadro-síntese dessas mudanças na nomenclatura do IFBA:

⁸ Nessa etapa, os CEFET do Rio de Janeiro, Minas Gerais e Paraná optaram por manter a terminologia de CEFET, por pleitearem a sua transformação em Universidades Federais Tecnológicas, o que já foi alcançado pelo CEFET- PR, hoje Universidade Tecnológica do Paraná - UFTPR. As novas unidades construídas nos estados dentro do plano de expansão adotam a nomenclatura de Institutos Federais, inclusive no Paraná quando a Escola Técnica da Universidade do Paraná foi transformada em Instituto Federal de Educação, mantendo em algumas unidades, como é o caso do IFPR/PALMAS, tanto o ensino tecnológico, quanto o superior.

Quadro 1 - Mudanças na Nomenclatura do IFBA de 1909 até 2009

NOME INSTITUCIONAL		DECRETO/LEI
ANTERIOR	ATUAL	
----	Escola de Aprendizizes e Artífices da Bahia	Decreto nº 7.566/1909
Escola de Aprendizizes Artífices da Bahia	Liceu Industrial de Salvador	Lei nº 378/1937
Liceu Industrial de Salvador	Escola Técnica de Salvador	Decreto-Lei nº 4.127/1942
Escola Técnica de Salvador	Escola Técnica Federal de Salvador (ETFBA)	Lei nº 4.759/1965
Escola Técnica Federal da Bahia (ETFBA)	Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET- Ba)	Lei nº 8.711/1993
Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia (CEFET- Ba)	Instituto Federal da Bahia (IFBA)	Lei nº 11.892/2008

Fonte: SAMPAIO e ALMEIDA (2009) *apud* (MENEZES, 2015, p. 49).

É justamente a partir dessa transição de 2008, que o IFBA⁹ começa um processo de ampliação e expansão muito importante, uma vez que, dentre outros aspectos, tem como premissa a descentralização das unidades de ensino – atendendo diversas partes do estado – assumindo um forte compromisso social, seja atuando no sentido de promover o desenvolvimento local, regional e nacional, seja na observância e valorização do componente cultural. Além disso, os institutos federais são criados para promoverem não exclusivamente as atividades de ensino, mas também a pesquisa e a extensão, em cursos de nível médio ou superior, conforme previsto na Lei Federal 11.892/2008, que os institui. Em sua Seção II, art 6º, está previsto que

é característica e finalidade dos Institutos Federais:

I - ofertar educação profissional e tecnológica, em todos os seus níveis e modalidades, formando e qualificando cidadãos com vistas na atuação profissional nos diversos setores da economia, com ênfase no desenvolvimento socioeconômico local, regional e nacional;

II - desenvolver a educação profissional e tecnológica como processo educativo e investigativo de geração e adaptação de soluções técnicas e tecnológicas às demandas sociais e peculiaridades regionais; [...]

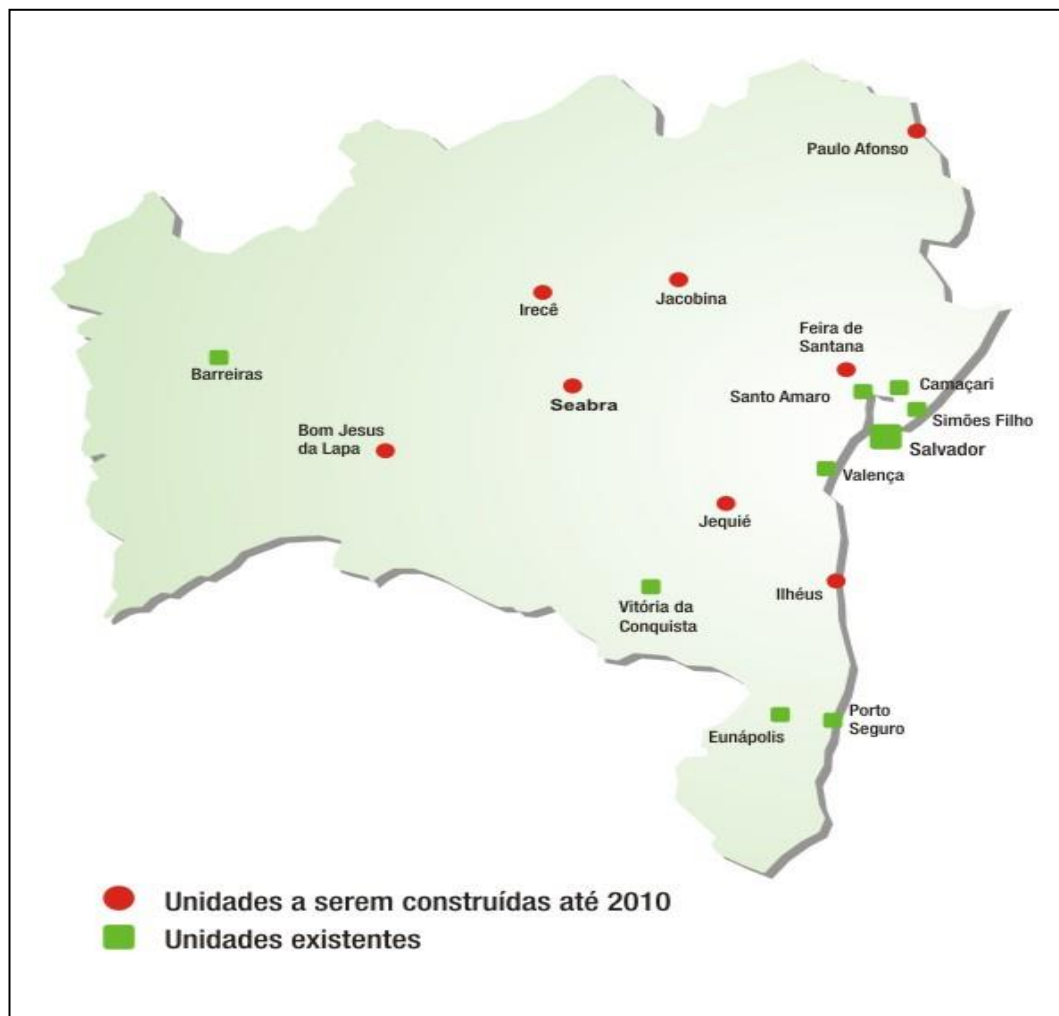
VII - desenvolver programas de extensão e de divulgação científica e tecnológica; [...] (BRASIL, 2008)

Na sua fase inicial de implantação, por IFBA entende-se a incorporação das unidades do antigo CEFET – Ba então em funcionamento, a saber: Salvador, Simões

⁹ O processo de expansão é nacional. Individualizo o IFBA por ser o foco de interesse do estudo.

Filho, Camaçari, Santo Amaro, Valença, Eunápolis, Porto Seguro, Vitória da Conquista, Barreiras. A fase inicial da expansão previa a implantação de novas unidades. Conforme mapa a seguir:

Figura 1 - Mapa da expansão do Instituto Federal da Bahia até 2010



Fonte: www.ifba.edu.br

Das unidades previstas para construção até 2010, embora não tenhamos buscado dados acerca de atrasos em sua entrega¹⁰, em 2016, todas já se encontravam em pleno funcionamento. Além dessas, acresce-se à lista, os *campi* de Juazeiro, Brumado e Euclides da Cunha, não constantes na projeção exposta na figura 1, e atualmente em atividade; além das unidades de Lauro de Freitas e Santo

¹⁰ Pelos dados especificamente ligados ao *campus* Ilhéus, sabemos que sua efetiva entrega ocorreu em 2011, portanto, um pouco após a projeção inicial. Não nos pareceu relevante buscar dados acerca dos demais *campi*.

Antônio de Jesus, já prontas e aguardando trâmites para começar as atividades (concurso público para provimento de cargos técnicos e docentes, por exemplo). Podemos visualizar melhor a configuração atual através do mapa que se segue.

Figura 2 – Mapa de distribuição dos *campi* IFBA/2016



Fonte: www.ifba.edu.br

São, portanto, 23 as cidades em que o IFBA tem unidades, sendo 21 *campi*, um *campus* avançado (Ubaitaba) e um núcleo avançado (Salinas das Margaridas). Os *campi* são administrados localmente pelos diretores gerais, e estes, por sua vez, atendem às orientações da reitoria, sediada em Salvador.

Nessa estrutura *multicampi*, são oferecidos diversos cursos, com destaque para:

- cursos técnicos em nível médio, nas modalidades integrada (Ensino Médio e Técnico, em currículo simultâneo, com duração de quatro anos), subsequente

(técnico, para estudantes que já possuem o Ensino Médio, com duração de dois anos) e Proeja (educação de jovens e adultos);

- cursos superiores (bacharelados, engenharias, licenciaturas, formações tecnológicas);

- pós-graduações.

2.2.2 O Campus Ilhéus

As atividades a partir das quais compoem o *corpus* da pesquisa desenvolveram-se no *Campus* Ilhéus, na chamada Região da Costa do Cacau, nome advindo da cultura cacaeira desenvolvida na área e que foi, durante décadas, principal propulsora econômica regional, até o declínio, na década de 1980, sobretudo em decorrência de uma doença que afeta a produção, a vassoura-de-bruxa.

Atualmente, a região, que tem como polos os municípios de Ilhéus e Itabuna, vem buscando reconfigurar sua economia através de atividades ligadas à indústria, ao turismo, ao comércio e à prestação de serviços, e preparando-se para a operacionalização do Complexo Intermodal Porto Sul, que mobilizará um grande complexo logístico na região, com porto, Aeroporto Internacional, a Ferrovia de Integração Leste-Oeste e uma Zona de Processamento de Exportação - ZPE, o que fomenta a ampliação nas oportunidades de formação técnica e científica.

O campus Ilhéus está situado no Km 13 da rodovia Jorge Amado – BR 415, entre os municípios de Ilhéus e Itabuna, numa área bem próxima à Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC. O trecho da rodovia, inclusive, é visto como um futuro “corredor do conhecimento”, pelo fato de já comportar as duas instituições (UESC; IFBA), e ter prevista a conclusão de obras permanentes da Universidade Federal do Sul da Bahia - UFSB (com sede provisória já em funcionamento, em Itabuna) e da nova sede integrada do SESI-SENAI (Serviço Social da Indústria e Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, respectivamente).

Figura 3 – Visão do IFBA - Campus Ilhéus



Fonte: www.ifba.edu.br

A unidade iniciou suas atividades em 2011, tendo em sua macroestrutura: direção-geral (DG) e instâncias administrativas; departamento acadêmico (DAC), ao qual se liga a Coordenação Técnica pedagógica – COTEP; além da Coordenação Técnica em Serviço Social – COTESS, responsável pela avaliação social dos estudantes e suas famílias, para fins de recebimento de auxílios e bolsas, assim como estudos de vulnerabilidade que requerem ações multidisciplinares, incluindo acompanhamento do setor de Psicologia em atuação no *campus*.

Na fase inicial, essas atividades concentraram-se no desenvolvimento de dois projetos de extensão, a saber:

- a) Pró-IFBA, curso preparatório para o ingresso nos cursos regulares a serem ofertados no IFBA – Campus Ilhéus a partir de 2012, voltado para estudantes de escolas públicas dos municípios de Ilhéus e Itabuna;
- b) Projeto Mulheres Mil – constituído de cursos de curta duração, voltados para mulheres (especialmente de comunidades vizinhas ao instituto, e muitas em situação de vulnerabilidade), com o objetivo de integrá-las ao mercado de trabalho. O programa perdurou até o ano de 2014.

No ano de 2012 iniciaram-se as atividades regulares de ensino, com a oferta de cursos nas modalidades Integrado e Subsequente. Os cursos oferecidos para ambas as modalidades são os técnicos em Informática, Segurança do Trabalho e Edificações, este último oferecido exclusivamente na modalidade Subsequente até 2015, passando a compor o Integrado a partir do ano letivo 2016.

Além das atividades de ensino, o *campus* – a exemplo do que ocorre em toda a rede –, lida com atividades de pesquisa e extensão, tendo vários projetos institucionais em andamento durante o ano. Os cursos de extensão englobam atividades de apoio ao aprendizado (em áreas propedêuticas e técnicas), além de atividades direcionadas à dança, a jogos (xadrez), a aspectos da vida cidadã (reciclagem, coleta de notas fiscais), entre outros, muitos dos quais voltados não exclusivamente para o público interno (há projetos voltados para o público do entorno do campus, outras que se estendem para outras escolas públicas de Ilhéus e Itabuna). Todos passam por editais de seleção, mediados pela equipe da Coordenação Técnica em Serviço Social – COTESS, assim como passam por avaliação parcial e final, feita por estudantes monitores/bolsistas, pelos docentes e técnicos que os coordenam.

Acerca das atividades de pesquisa, o *campus* desenvolve projetos de Iniciação Científica Jr (de Nível Médio) em áreas variadas (Física, Biologia, Segurança do Trabalho, Geografia, Literatura, Sociologia, Química). Os projetos têm duração de dois anos, tendo os estudantes bolsistas a oportunidade de desenvolver pesquisas científicas e participarem de eventos científicos:

- no âmbito do próprio IFBA: Seminários de Iniciação Científica – SEMIc, realizados anualmente pelos campi, para apresentação de resultados e/ou andamento de pesquisas;

- em âmbito regional/nacional: Congresso Norte Nordeste de Pesquisa e Inovação – CONNEPI), realizado a cada ano num campus diferente dos Institutos Federais sediados em estados do Norte e Nordeste, aberto ao público nacional; Semana Nacional de Ciência e Tecnologia, integrante do calendário nacional da Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica – SETEC/MEC;

- em âmbito internacional: Fórum Mundial de Educação Profissional e Tecnológica, realizado a cada triênio e oriundo do Fórum Mundial de Educação. Sua 2ª edição ocorreu em 2015, sediado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Pernambuco – IFPE. A edição 2018 está programada para Montevideo, no Uruguai.

Apesar de ter iniciado suas atividades há relativamente pouco tempo, o IFBA – *Campus* Ilhéus, nos últimos anos teve diversos trabalhos de pesquisa aprovados para apresentação nos referidos eventos.

O campus Ilhéus, portanto, insere-se numa rede que vem crescendo com a proposta de contribuir de com o desenvolvimento regional, com uma perspectiva educacional amparada pelo tripé ensino, pesquisa e extensão, o que favoreceu, através de um dos programas institucionais (PINA), o desenvolvimento da pesquisa.

2.3 O PROJETO DE INCENTIVO À APRENDIZAGEM - PINA

Conforme mencionado, as oficinas nas quais foram efetuadas as retextualizações que integram o *corpus* da pesquisa se realizaram dentro de um projeto institucional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Bahia – IFBA. O IFBA possui, assim como os demais IF's, uma política de assistência estudantil dividida em três eixos, a saber: Programa de Assistência e Apoio ao Estudante (PAAE), Programas Universais e Programas Complementares.

De acordo com esses eixos, o PAAE engloba o pagamento de auxílios (transporte, moradia, alimentação, cópia e impressão, de aquisição), além das bolsas, dentre as quais encontra-se a bolsa para participação em Programas de Incentivo à Aprendizagem - PINA.

Conforme Documento Normativo da Política De Assistência Estudantil do IFBA,

Art. 51 - As bolsas vinculadas aos PINA's têm como principais objetivos:

I - incentivar a participação dos estudantes em atividades através do engajamento em Projetos de Incentivo à Aprendizagem, com carga horária semanal de até 12 horas.

II - proporcionar ao estudante bolsista atividades que possibilitem o seu crescimento acadêmico, pessoal e profissional, estimulando o desenvolvimento de competências e habilidades voltadas para o mundo do trabalho e/ou da pesquisa. (BRASIL, 2014, p. 9)

Trata-se, pois, de um programa no qual docentes e técnicos podem apresentar propostas pedagógicas diversas, que visem o desenvolvimento de habilidades e aprendizagens em frentes variadas. A seleção dos projetos e a designação de bolsistas são de responsabilidade da Coordenação Técnica em Serviço social – COTESS, assim como o acompanhamento do andamento dos projetos, por meio de relatórios parciais e final, elaborado pelo coordenador e seus bolsistas.

No caso específico das atividades em que se contextualiza a pesquisa, as oficinas ocorreram dentro do Projeto “Fala e escrita: percursos da linguagem em nosso cotidiano”, sob minha coordenação, com apoio (orientação) da docente Isabel Rodrigues, da disciplina de Arte, e das bolsistas Drielli Louise Barreto Santos e Ellen Jeniffer Soares Santana, ambas estudantes da 3ª série do Ensino Médio Técnico Integrado, a primeira, do curso de Informática; a segunda, do curso de Segurança do Trabalho.

No referido projeto, além do trabalho semanal de preparação, com as bolsistas, ocorriam oficinas quinzenais e/ou mensais¹¹ de produção textual a partir de gêneros orais e escritos. Para manter a coesão do grupo colaborador e não fragmentar a proposta de atividade, oficinas de coleta de dados foram realizadas de forma subsequente, garantindo melhor continuidade.

2.4 OS SUJEITOS DA PESQUISA

O IFBA Ilhéus oferece, como já dito, cursos Integrados e Subsequentes. Esses últimos atendem estudantes que já concluíram o Ensino Médio, em sua maioria adultos. Os primeiros atendem a uma demanda de estudantes que acabaram de concluir o nono ano, e vêm em busca do Ensino Médio e Técnico. O público-alvo da pesquisa está exatamente na modalidade integrada.

Inicialmente, é importante destacar que os estudantes do IFBA, independentemente da modalidade, ingressam na instituição por meio de processo seletivo. O IFBA realiza o processo anualmente, com inscrições e acompanhamento eletrônicos, sendo as provas elaboradas e corrigidas em Salvador, sob responsabilidade de órgãos da Reitoria. Cada *campus*, contudo, é responsável pela aplicação dessas provas localmente, garantindo, portanto, maior comodidade aos candidatos. Atendendo a políticas públicas vigentes¹², esse processo seletivo adere

¹¹ A dinâmica de realização das oficinas tem uma leve variação, ora definida no cronograma do projeto, ora pela natureza de algum tema (por exemplo, a necessidade de complementar uma atividade, ou de sequenciá-la, como previsto no caso da composição do corpus), ou pela dinâmica das agendas do instituto (às vezes o cronograma é alterado em função de alguma atividade macro do campus, como semana de provas, eventos científicos).

¹² Dentre elas, a Portaria Normativa do MEC Nº 18, de 11/10/2012, que prevê, no Art. 14: As vagas reservadas serão preenchidas segundo a ordem de classificação, de acordo com as notas obtidas pelos estudantes, dentro de cada um dos seguintes grupos de inscritos: I - estudantes egressos de escola pública, com renda familiar bruta igual ou inferior a 1,5 (um vírgula cinco) salário-mínimo per capita: a)

ao sistema de cotas, sendo reservadas 50% das vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o Ensino Fundamental em escolas públicas, vagas essas ainda categorizadas de acordo com a renda per capita familiar, e de acordo com a declaração de raça/etnia (pretos, pardos e indígenas). Evita-se, com isso, que pela exigência do processo seletivo, as vagas sejam ocupadas de forma mais hegemônica por estudantes oriundos da rede privada, pelas desigualdades ainda sensíveis entre o ensino desta e de parte importante das instituições públicas. O público estudantil é, portanto, heterogêneo no que tange às bases de seu Ensino Fundamental.

Nesse aspecto, gostaria de chamar a atenção para o fato de que, apesar de ser uma ideia recorrente e baseada numa realidade geral, nem todos os alunos oriundos da escola pública apresentam distinções significativas daqueles oriundos da escola particular. Há muitos casos de equivalência, sobretudo por haver em Ilhéus e em Itabuna escolas públicas de referência (Colégios da Polícia Militar, por exemplo, muito embora estes se apresentem num contexto diferente das demais escolas públicas, dado o seu regimento).

Quanto ao componente econômico, o *campus* Ilhéus atende a algumas faixas de renda: um pequeno grupo de classe mais privilegiada, outro de classe média, e um grupo maior, oriundo de classes assalariadas (com renda de até um salário mínimo por membro), além daqueles em situação de vulnerabilidade social, devidamente identificados pela COTESS (Serviço Social). Ressalte-se que, a partir dessa avaliação do Serviço Social, os estudantes podem ser atendidos por programas de bolsas e auxílios (transporte, alimentação, moradia e até cópias). No grupo participante desta pesquisa, segundo informações coletadas junto à equipe de Serviço Social¹³, dos 22 estudantes: 2 entram na faixa de vulnerabilidade, com famílias que sobrevivem de auxílios sociais e trabalhos esporádicos; 16 encontram-se na faixa de até um salário mínimo por membro; e 4 estão na faixa considerada mediana de renda. Os estudantes dos dois primeiros grupos recebem algum auxílio ou bolsa institucional.

que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas; b) que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas. II- estudantes egressos de escolas públicas, com renda familiar bruta superior a 1,5 (um vírgula cinco) salário mínimo per capita: a) que se autodeclararam pretos, pardos e indígenas; b) que não se autodeclararam pretos, pardos e indígenas. III - demais estudantes (BRASIL, 21012).

¹³ A equipe do Serviço Social teve acesso ao nome dos participantes para fins de busca de seu perfil, entregando uma relação faixa de renda- número de estudantes sem associar a condição financeira ao nome, por ser uma das suas normas de ética e conduta.

O estudante que chega às 1ª séries do Integrado (Informática, Segurança do Trabalho e Edificações) no *campus* Ilhéus, já é resultado de uma etapa de seleção, tendo, num plano geral, competências mínimas para cursar o Ensino Médio. A questão é que esse estudante se depara com cursos nos quais, além das disciplinas propedêuticas, existem as disciplinas técnicas, aumentando o seu volume de estudo, inclusive em campos até então desconhecidos. O rigor acadêmico e técnico, a exigência de participação em múltiplas atividades, a profundidade dos estudos, a necessidade de gestão do tempo, bem como desafios outros típicos do estágio de vida (o ingresso ocorre, em sua maioria, entre 14 e 15 anos) imprimem nesse aluno ou a esse aluno um ritmo diferente daquele ao qual estava mais familiarizado. Em pouco tempo, além dos estudos de sua série, esses adolescentes devem estar familiarizados com normas institucionais, com a administração de seus estudos, com a participação nos debates, a representação estudantil e, talvez, com uma das maiores dualidades do instituto, que é o embate entre a formação técnica e a propedêutica. Isso porque muitos estudantes veem no instituto a possibilidade de estudar numa escola pública diferenciada, respaldada pela qualidade de ensino, pelos recursos que mobiliza, e não, necessariamente, na formação técnica. Dividem-se entre aqueles convictos de sua escolha pelo curso técnico, com intenção de trabalho na área antes ou paralelamente ao curso superior; e aqueles que focam o ingresso na universidade, independentemente do uso de sua formação técnica para o exercício profissional.

Quando chegam às 2ª séries, esses estudantes já passaram por uma segunda etapa de seleção. Isso se deve ao fato de que, diante das questões todas que compõem o ano inicial, alguns estudantes desistem ou são conservados. Começa aí, por assim dizer, a consolidação de seus perfis estudantis: passam a integrar grupos com interesses comuns; começam a integrar projetos na condição de bolsistas ou monitores; demonstram maior interesse por áreas do conhecimento, nas quais podem participar de iniciação científica, entre outros aspectos.

As turmas de 3ª e 4ª séries, além de amadurecerem para todas as questões anteriores (e sim, há sempre exceções), são marcadas, sobretudo, por maior segurança dos estudantes, que argumentam de forma mais clara e organizada; e se posicionam acerca de questões políticas e sociais: discutem relações educacionais, política, cidadania, questões de gênero, de raça, etc. São estudantes que, de forma

mais clara, marcam-se enquanto sujeitos. É exatamente com estudante desse grupo (3ª e 4ª séries), que compomos as oficinas de retextualização, e não por acaso.

Trata-se de um grupo mais familiarizado com leituras de gêneros diversos (científicos ou não), o que contribui para aproximação mais rápida com o gênero textual escolhido – a entrevista – durante as oficinas. Diretamente ligado a isso, o grupo apresenta um melhor amadurecimento para a escrita, contribuindo para que o texto-alvo (retextualizado) não precise de muitas correções do ponto de vista gramatical, já que a manipulação desse material já retextualizado poderia “afetar” as amostras por sobrepor atividades de cunho sintático ou lexical, por exemplo. A esses aspectos, pesou na escolha dessa faixa de estudantes o fato de se colocarem politicamente, de se marcarem enquanto sujeitos, elementos relevantes para a “leitura” e tomada de posição com relação ao texto-base.

2.5 CONSTITUIÇÃO DO CORPUS

Como bem frisa Marcuschi (2003), são muitas as retextualizações que depreendemos em nosso cotidiano, desde as atividades mais corriqueiras, até atividades mais complexas, no que tange ao uso da linguagem. Isso porque é vasta a gama dos gêneros textuais que podem ser mobilizados para retextualizar. Desse modo, o primeiro desafio metodológico dentro desta proposta de estudo foi exatamente a escolha do gênero textual, ou dos gêneros textuais a serem trabalhados. Primeiramente, e pela já citada variedade de gêneros passíveis de retextualização. E paralelo – mas não dissociado do primeiro – pelas particularidades de transformação de determinados gêneros, cujas especificidades na forma (exigidas pela estrutura do gênero) poderiam impor um afastamento demasiado entre o texto-base e o texto final.

Tomemos, por exemplo ilustrativo, o caso de um filme a que assistimos, e em seguida resenhamos na modalidade escrita. Apesar de ser um dos diversos casos de retextualização de texto oral em escrito, há de se considerar que o filme e a resenha são gêneros muito distintos, e que o gênero resenha comporta uma espécie de sequência estrutural que excede a escrita, ainda que resumida, da narrativa do filme. À resenha cabe sintetizar, discorrer sobre autor, estimar juízos de valor sobre a obra, além de avaliar o público para quem a obra é indicada. Trata-se de um processo que

inclui, do ponto de vista estrutural, partes que vão além do conteúdo do “texto-base” obrigatoriamente, e que imprimem uma força interpretativa individualizada. As interferências discursivas, neste caso, perpassam as exigências do gênero resenha (crítica), a partir do momento que o texto-base (filme) não será transformado em texto escrito, mas sim, partes, blocos ou fragmentos desse texto-base serão elencados na constituição de seu julgamento. Assim, se tomasse essa retextualização (muito usada academicamente) como base de composição do *corpus*, esbarraria em questões que ultrapassariam os limites da relação entre o oral e o escrito, ou seu contínuo, caminhando por um território de exceção, no qual as especificidades dos gêneros em transformação poriam interfeririam demasiadamente no objeto de estudo, uma vez que as interferências formais seriam uma imposição dos referidos gêneros, e não, necessariamente, fruto da realização das operações de transformação.

Nesse contexto, a entrevista vem a se enquadrar muito bem aos propósitos da pesquisa, porque, enquanto gênero textual, ela se apresenta tanto na forma oral quanto na forma escrita (com o mesmo núcleo pergunta – resposta, apesar das distinções situacionais entre a interação face-a-face e a sua representação escrita). Assim, pressupõe-se que, por se tratar de um “mesmo gênero”, questões estruturais como as mencionadas no caso da resenha deixam de constituir um obstáculo analítico. Importante também é o fato de que entrevista é um gênero de ampla circulação (em ambas as modalidades) na sociedade, sendo muito relevante nos contextos de comunicação em que é utilizada e difundida (na TV, na internet, no rádio, e impressas em jornais e revistas) e, portanto, para os diversos públicos, incluindo os estudantes.

Além das razões ora citadas, que tomadas em bloco, justificariam a decisão por seu emprego no contexto deste estudo, outra razão decisiva encontra-se na própria explanação de Marcuschi (2003), quando elabora e discute as atividades de retextualização. Nesse cerne, o autor cita as relações polêmicas envolvendo entrevistas, quando estas são tomadas em sua forma oral, e publicadas na modalidade escrita. O autor chama a atenção para constantes reclamações dos entrevistados, que “não se reconhecem” nos textos finais que chegam ao público de jornais e revistas, ou que afirmam “não terem dito exatamente isso” que nesses meios é publicado. Isso, ao mesmo tempo que levantou dúvidas sobre como o retextualizador maneja o texto-base até chegar ao seu texto-final, chamou a atenção

para os modos como as operações de transformação do texto oral em escrito, sobrepostas umas às outras no *continuum* favorecem a ocorrência de interferências no plano discursivo desses textos.

Como exemplo, o autor utiliza a reclamação do músico Arnaldo Antunes contra o jornalista Ruy Gandra, acerca de uma entrevista publicada na **Revista Playboy**, ainda nos anos 1990:

Reclamação de Arnaldo Antunes

Exemplo (1)

Nunca me reconheci tão pouco em uma entrevista. Nunca abominei tanto um discurso colocado por terceiros em minha boca. Um pequeno e bom exemplo desse procedimento: o entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto “não”. Resposta publicada: “Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança”. Essa espécie de “adorno” às declarações com fantasias e fetiches do entrevistador se tornou um procedimento usual na edição da matéria de uma forma geral.

Em sua réplica, Ruy Gandra escreve o seguinte:

Exemplo (2)

A primeira passagem da entrevista mencionada por Arnaldo Antunes, logo no início de seu texto, foi a da homossexualidade. Ele diz: “o entrevistador me perguntou se eu já tivera relações homossexuais. A resposta foi um sucinto ‘não’. Resposta publicada: ‘Nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança’. ” (...) Arnaldo Antunes mente, como comprova a fita número 4 da entrevista. Pergunta: “Você já teve transa homossexual?” resposta: ‘não, nunca’. Pergunta: “Nem quando criança, troca-troca?” Resposta: “Não, nem criança...” **Com o aval da concordância expressa do entrevistado e em nome da concisão, as duas perguntas forma fundidas em uma só. Não há nisso nenhum mistério nem ato condenável.** (grifo do autor)

Reconstruindo os procedimentos, de acordo com as informações de Ruy Gandra, teríamos o seguinte segmento da entrevista entre R (Ruy) e A (Antunes):

R: Você já teve transa homossexual?

A: Não, nunca.

R: Nem quando criança, troca-troca?

A: Não, nem criança.

Transformação publicada pelo jornalista:

R: Você já teve transa homossexual?

A: Não, nunca, nem mesmo em troca-troca quando eu era criança.

O excerto da entrevista acima é bastante representativo de como a retextualização pode, através de suas operações de transformação, gerar interferências no texto-base, alterando-o ou gerando efeitos de sentido distintos daqueles pretendidos. Nesse exemplo, o jornalista insiste em obter alguma declaração do músico entrevistado que remetesse a experiências homossexuais. As respostas dadas, muito sucintas e objetivas, de algum modo parecem frustrar a empreitada. O texto-alvo utiliza os mesmos itens lexicais presentes no texto-base, mas faz o que Marcuschi chama de atribuição de fala ou atribuição de autoria, a partir do momento em que o jornalista toma os termos mais polêmicos/ delicados que ele próprio utiliza nas perguntas e os emprega na resposta do entrevistado. Ao “condensar” os argumentos/ideias, ele o faz fundindo elementos e atribuindo a autoria de determinados segmentos à fala do outro. Atento a esse movimento, Marcuschi (2003, p. 71) alerta para o fato de que “a retextualização é perigosa”. Isso porque, no texto-base, a fala do entrevistado tem como sentido primeiro, ou mais evidente, a convicção de não ter tido nenhuma experiência homossexual. No texto-final, contudo, a reduplicação da negativa (“*não*”/ “*nunca*”), associada à referência à infância (“*nem mesmo em troca-troca quando eu era criança*”) suscita leituras como “o músico está muito preocupado em justificar sua negativa”, ou ainda “parece que ele tem dúvida, está buscando memórias sobre isso”, entre outras, um tanto distintas de seu conteúdo original.

Movimentos da retextualização como o apresentado interessam especificamente a este estudo. Pela natureza do gênero textual, que circula socialmente nas modalidades oral e escrita, e tendo em mente a questão levantada na exposição marcuschiana, a entrevista foi escolhida para constituir o texto-base das retextualizações.

2.5.1 A entrevista enquanto gênero textual

A entrevista é um gênero bastante difundido nos diversos veículos de comunicação. Na televisão (em programas de natureza jornalística, em *talkshows*, em programas de variedades), no rádio e em suportes/plataformas digitais (sites, blogs, programas de divulgação exclusiva na internet), as entrevistas são veiculadas em sua forma oral. Nos jornais, nas revistas (tanto em versões impressas quanto em versões

digitais), em blogs, o gênero apresenta-se na forma escrita. Contudo, mesmo com essa versatilidade no que tange à sua apresentação, “a entrevista é um gênero primordialmente oral” (HOFFNAGEL, 2005, p. 181), na medida em que, as formas impressas/ escritas correspondem a transcrições ou a versões daquilo que foi emitido oralmente, na interface entrevistador-entrevistado. Mais recentemente, com o desenvolvimento de recursos de comunicação mediados pela internet (chats, e-mail, aplicativos específicos para celular), esse espaço tem sido redimensionado, embora haja ressalvas, conforme veremos mais adiante. Entre as acepções correntes para o termo, o **Dicionário Caldas Aulete**, em sua versão *online visitada em setembro de 2016*, define entrevista como

1. **Jorn.** Diálogo conduzido por um jornalista com o fim de realizar matéria sobre a pessoa escolhida ou assunto de sua especialidade.
2. **Jorn.** A matéria resultante.
3. Encontro formal para avaliar uma pessoa profissionalmente ou obter informações, esclarecimentos
4. Conversa entre duas ou mais pessoas ger. em lugar, dia e hora pré-determinados.

De tais definições, temos ideia compatível com a apresentada anteriormente, de que se trata de um gênero marcadamente oral, com representações escritas normalmente resultantes de uma transcrição. Como podemos observar nas definições acima expressas, três delas apontam para a interação face a face como elemento inerente às entrevistas, (diálogo, encontro formal, conversa), enquanto que uma (a 2ª) remete à escrita, porém, neste caso, como “matéria resultante”, ou seja, como um produto da situação de interlocução oral.

Em seu **Dicionário de Gêneros Textuais**, Costa (2008, p. 93) define entrevista como “colóquio (v.), conversa/conversaço (v.) entre pessoas em local combinado, para obtenção de esclarecimentos, avaliações, opiniões, etc., como por exemplo, numa entrevista de emprego”. Nesse primeiro momento, a interface oral do gênero é privilegiada, para, em momento posterior, passar desse plano estrito, para um mais amplo, que perpassa o viés jornalístico, no qual o autor o considera como uma coleta, seja de declarações ou informações, mediadas por um jornalista para posterior divulgação na imprensa falada, escrita, televisiva ou internetica. A visão desse autor, pela natureza da publicação, amplia a definição do dicionário tradicional, e, analogamente ao “matéria resultante”, apresentado no Caldas Aulete, afirma que

entrevista pode ser o nome da matéria jornalística posta na forma de perguntas e respostas.

Segundo Lage (2003), a entrevista, enquanto procedimento, é um meio de apuração de informações, coleta de interpretações e reconstituição de fatos. Enquanto palavra, contudo, o autor considera um leque mais abrangente, e pondera que

A palavra *entrevista* é ambígua. Ela significa:

- a) qualquer procedimento de informação junto a uma fonte disposta ao diálogo;
- b) uma conversa de duração variável com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público;
- c) a matéria publicada com as informações colhidas em (b).

(LAGE, 2003, p. 73)

As possibilidades exploradas por Lage figuram no plano jornalístico e têm em comum (entre outras coisas) com as definições do dicionário Caldas Aulete e do Dicionário de Gêneros Textuais, o fato de que tratam a entrevista impressa como uma produção escrita oriunda do evento oral, aqui demonstrado como “matéria publicada com as informações colhidas em (b)”, isto é, colhidas numa conversa prévia (“com personagem notável ou portador de conhecimentos ou informações de interesse para o público”). Naturalmente, por inserir-se no contexto jornalístico, a sua definição tem esse apelo, de modo a não remeter a outras formas de entrevista como a entrevista de emprego, ou a entrevista médica, por exemplo. Ainda assim, podemos verificar que em todas essas modalidades alguma informação está em foco: sejam informações de cunho científico, de cunho profissional, de cunho pessoal. Fato é que a entrevista é uma interação na qual se espera que o entrevistado “forneça” algo (importante, interessante, inovador, criativo, esclarecedor), sob mediação do entrevistador, cujo papel na condução da entrevista é muito importante, seja pela elaboração de um bom roteiro, seja pela capacidade de aproveitar elementos surgidos no momento da interlocução e incorporá-los adequadamente ao contexto. É consenso, contudo, que um bom entrevistador deve dar ao seu entrevistado o papel de destaque, evitando “aparecer” mais que aquele, seja por falar por tempo demasiado, seja por demonstrar desinteresse em ouvir o que o outro tem a dizer, ou mesmo por ser rude ou indelicado, quebrando a polidez que pede a situação (é muito

frequente que entrevistadores perguntem e, antes mesmo de o entrevistado responder, este já o corte com outra questão; há aqueles entrevistadores que constrangem, diminuem o interlocutor; ou mesmo aqueles que, em dado momento deixam escapar declarações desaprovadas socialmente). Ressalte-se que a polidez à qual nos referimos não impede que o entrevistador faça perguntas “inquisidoras”, ou que contra-argamente com veemência. Ela é um requisito para que, mesmo nessas situações, não se cometam excessos, desrespeitos, etc.

O cenário em que se desenvolve a interlocução, por mais descontraído que possa ser, é um espaço de construção no qual os envolvidos têm papéis importantes: o entrevistado precisa passar uma imagem de si, ou do objeto de referência que representa, devendo, pois, portar-se de modo a referendá-los; o entrevistador, antes de tudo, precisa demonstrar domínio do assunto em referência ou sobre aspectos do entrevistado, de modo a elaborar um roteiro de perguntas consideradas plausíveis (há, em certos casos, aqueles que demonstram desconhecimento sobre a figura do entrevistado ou sobre o objeto central da entrevista, fazendo questões sem nexos, contestadas pelo entrevistado e que põem em xeque até a credibilidade da entrevista, em si, do jornalista ou do veículo de comunicação, dependendo da abrangência do fato).

Pela pressuposição de nortear a entrevista, por suas escolhas prévias e habilidade em extrair as informações do entrevistado, que “o entrevistador controla a interação, seu direito de fazer perguntas restringe não somente o que o entrevistado *pode* falar, mas em boa medida *como* pode falar”. (HOFFNAGEL, 2005, p. 191, grifos nossos). Para a autora, contudo,

o entrevistado não está completamente à mercê do poder do entrevistador. Aquele tem estratégias para evitar responder diretamente às perguntas deste [...] o entrevistado pode enfatizar um aspecto da pergunta e ignorar um outro e pode, às vezes, dar uma interpretação completamente à pergunta da que foi pretendida pelo entrevistador. (HOFFNAGEL, 2005, p.192)

Como se vê, numa entrevista, o papel de cada “ator” é importante e vai compondo a cena discursiva de modo dinâmico, redefinindo os rumos do evento comunicativo.

Desse evento face-a-face, com o advento da internet, criam-se novos ambientes de comunicação, que acabam por reconfigurar tal interação. Acerca disso, Lage

(2003, p. 78-79) faz algumas ponderações relevantes. A primeira delas é a de que, antes mesmo da internet, com os telefones, já se realizavam entrevistas a distância, que supriam (e suprem, afinal, trata-se de um recurso ainda em uso) a necessidade de se obter determinada informação/opinião, mas que, segundo o autor, não tinham o mesmo resultado, por ocultar tanto elementos típicos da conversa face a face e suprimir o ambiente controlado, considerados facilitadores da entrevista. A segunda dá conta do fato de que, para o autor, os *e-mails* e *chats*, quando empregados em entrevistas, podem, dependendo da destreza do entrevistado, trazer resultados inesperados, uma vez que, perdida a espontaneidade da interação face a face, as respostas podem tender a um grau de formalidade e elaboração muito grandes, reproduzindo o que ocorre num questionário escrito. Ele acrescenta que, mesmo em mecanismos em que a internet media uma videochamada, ou videoconferência, ocorrem perdas no grau de espontaneidade.

Em sua perspectiva, isso se justifica porque

O resultado do encontro entre duas pessoas depende bastante da avaliação que uma faz da maneira como a outra está recebendo suas mensagens. A proximidade física permite uma aferição de resposta – *um feedback* – rápida, visual e auditiva, corriqueira, a que nos acostumamos desde pequenos e que nos dá maior segurança. Os modelos de comunicação valorizam o efeito do ambiente partilhado pelos interlocutores e a que, numa conversa a distância, eles têm acesso parcial – limitado, no caso do computador, pela proximidade da câmera e sua imobilidade. (LAGE, 2003, p. 79)

Em suma, a entrevista enquanto interação, pode ocorrer presencialmente ou a distância, sendo a primeira forma considerada a mais “completa”, por permitir a conjunção de muitos elementos. Todavia, há cada vez mais recursos tecnológicos empregados na comunicação e há diversas situações quando as entrevistas a distância empregadas com ótimos resultados.

Há, como vimos, modalidades diferentes de entrevista. Utilizando a categorização proposta por Lage (2003), as entrevistas distinguem-se conforme:

a) os objetivos:

Ritual

→ Normalmente breve, centra seu foco na exposição da voz e imagem do entrevistado, e não especificamente no conteúdo

de sua declaração. (como entrevistas com jogadores de futebol a caminho do vestiário ou ao final de uma partida)

- Temática** → Focaliza um tema, partindo da pressuposição que o entrevistado tenha condições de discorrer sobre ele.
- Testemunhal** → Envolve o relato de algum acontecimento do qual o entrevistado participou ou que assistiu, incluindo, portanto, o seu ponto de vista particular sobre o fato.
- Em profundidade** → Concentra-se na figura do entrevistado, na representação de mundo que ele constrói, uma atividade que desenvolve ou um viés de sua maneira de ser.

b) as circunstâncias:

- Ocasional** → Não é programada/combinada previamente. De uma conversa menos formal, podem surgir declarações importantes e espontâneas. (pessoas habituadas com entrevistas podem aproveitar o momento e fazer declarações já “treinadas”, aproveitando o momento, como políticos, por exemplo)
- Confronto** → Inquire o entrevistado, confrontando-o com algum dossiê ou conjunto acusatório. O entrevistador é veemente e funciona como uma espécie de promotor. Em geral, supõe dar ao entrevistado a possibilidade de expor a sua versão dos fatos, o que nem sempre ocorre.
- Coletiva** → Submete o entrevistado a perguntas de diferentes entrevistadores, de diversos veículos de comunicação. Normalmente, ocorrem em torno de eventos importantes, medidas de interesse público, etc.
- Dialogal** → Reúne entrevistador e entrevistado em ambiente controlado e é marcada com antecedência. Nela, entrevistador e entrevistado fazem evoluir o tom de suas falas a partir de questões formuladas pelo primeiro, mas não exclusivamente. Permite-se o aprofundamento e o detalhamento de pontos, assim como o realinhamento dos rumos da entrevista, conforme a sua evolução e habilidade do entrevistador.

Para efeito de apropriação neste estudo, as entrevistas utilizadas, quanto ao objetivo, são entrevistas em profundidade, pois atuam sobre a atividade política exercida pelos entrevistados e a representação que constroem acerca do contexto nacional, no qual galgam função de grande importância. Suas experiências, suas propostas, a sua imagem pública, todos esses elementos entrecruzam-se, de modo a projetar uma ideia geral sobre “o personagem”, a partir de suas declarações. Quanto

às circunstâncias, o ponto de partida é de que se trata de uma entrevista dialogal, considerando-se a prévia combinação do encontro e de suas regras (tempo, estrutura da entrevista), o ambiente controlado (estúdio, para Aécio Neves, e ambiente institucional, para Dilma Rousseff). Há, contudo, em sua evolução, momentos em que ambos os entrevistados, cada um a seu tempo e modo, são confrontados veementemente pelos entrevistadores, dando tons de confronto, o que demonstra um certo hibridismo, justificado pelo teor da entrevista (com candidatos ao cargo de presidente da República, que precisam “provar” algo sobre si).

Além da tipificação, é possível verificar regularidade na execução/apresentação das entrevistas. Em geral, partem de uma introdução oral, na qual é apresentado o entrevistado, com uma breve descrição que permita compreender seu papel naquele espaço, seguindo-se as perguntas e as respostas. Ao final, há um curto espaço de tempo para colocações finais do entrevistado e do entrevistador, com agradecimentos e despedida.

A entrevista impressa, por sua vez, a partir de uma pauta previamente definida e de um roteiro inicial, apresenta-se com: um título (que pode ser retirado do tema predominante da entrevista, ou de algum elemento do entrevistado, ou mesmo de um excerto de sua fala); uma descrição sintética do entrevistado, que pode vir abaixo do título, na chamada “linha fina”; perguntas e respostas (corpo da entrevista, propriamente dita); olho (frase relevante do entrevistado posta em destaque na página).

Sobre o olho, por ser uma frase retirada da fala do entrevistado, naturalmente passa pela seleção do entrevistador ou do editor do texto final, e funciona tanto como um recurso gráfico do gênero textual – por sua posição gráfica de destaque na página impressa – quanto como um elemento que ratifica a posição do veículo de comunicação sobre o evento (a visão deste sobre o entrevistado ou a imagem que este quer evidenciar sobre aquele, através da escolha de fragmentos específicos de sua fala).

Isso é sintetizado por Caputo (2006, p. 53)

Olho é sempre uma boa frase dita pelo entrevistador que queremos destacar além do título. Copiamos a frase do corpo da entrevista e a reproduzimos ou no meio ou em algum cantinho da página. Os olhos (podem ser mais de um) ajudam a destacar o pensamento do entrevistado e deixam a página mais leve e bonita, ou seja, funcionam também como recursos gráficos.

A autora destaca, ainda, que não se trata de uma tarefa fácil, pois, segundo ela, tanto um título extraído da fala do entrevistado, quanto um olho precisam representar “a alma” da entrevista. Não vemos o olho, portanto, como um recorte mecânico, mas fruto de um movimento interpretativo, que porá em evidência, para o leitor, uma (de muitas possíveis) faceta do entrevistado.

Nesta pesquisa, como os participantes transformarão entrevistas orais em sua versão escrita, como possibilidade formal do gênero, podem ser escolhidos olhos (apesar de muito frequente, não é um recurso obrigatório). Nos casos de emprego desse recurso por parte dos retextualizadores, analisaremos se, além da função gráfica específica ao gênero textual, o olho (ou olhos) exerce papel preponderante na constituição da imagem do entrevistado.

2.5.2 As entrevistas orais: selecionando os textos-base

Uma vez selecionado o gênero, foi preciso definir qual ou quais entrevistas utilizar como textos-base para as retextualizações. Partindo da premissa de que a (s) entrevista(s) selecionada(s) deveria(m) ter um teor informativo e/ou uma forte argumentatividade, optei por selecionar entrevista(s) de natureza política, levando em conta a polarização e uma certa tensão decorrentes do cenário político nacional no ano de 2014, ano eleitoral e de embates bastante contundentes.

As entrevistas do período apresentam um volume considerável de informações, além de movimentos argumentativos diversos, com réplicas semelhantes aos debates típicos do período, o que traz elementos ricos para a aplicação das operações de retextualização.

Após análise de algumas dessas entrevistas, optei por selecionar duas, ambas concedidas ao Jornal Nacional, conduzidas pelos jornalistas William Bonner e Patrícia Poeta, com ampla divulgação e repercussão no período em que foram ao ar, a saber:

- entrevista com o candidato à presidência da República, Senador Aécio Neves (PSDB), realizada nos estúdios do Jornal Nacional, no Rio de Janeiro, e exibida em 11 de agosto de 2014;

Figura 4 – Imagem da entrevista com Aécio Neves



Fonte: <http://www.g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2014/08/aecio-neves>

- entrevista com a candidata à reeleição presidencial, Dilma Rousseff (PT), realizada em Brasília, e exibida em 18 de agosto de 2014.

Figura 5 – Imagem da entrevista com Dilma Rousseff



Fonte: <http://www.g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/videos/todos-os-videos/v/dilma-rousseff>

As entrevistas analisadas para a escolha das duas amostras apresentavam, como esperado para o tipo de entrevista, um grau de formalidade, as falas dos

candidatos aproximavam-se mais dos textos na modalidade escrita, em função da preparação pela qual passam, antes de debates e entrevistas, no período eleitoral (com formalidade mais acentuada na entrevista de Aécio Neves). Os próprios temas das entrevistas são exaustivamente trabalhados por equipes de assessoria, o que interfere na produção oral dos candidatos. Isso também é notado nas amostras selecionadas para comporem os textos-base, mas há, nelas, diversos momentos em que as perguntas feitas pelos jornalistas ou mesmo a sua insistência em obter determinados esclarecimentos geram momentos de maior espontaneidade na fala, no sentido de que fogem ao que foi preparado, ou mesmo ensaiado. Nesses momentos, a construção do texto oral mostra-se com maior evidência, havendo correções, retomadas, repetições, hesitações, em detrimento de uma “oralização” de textos previamente escritos.

2.5.3 Entrevistas escritas: a construção dos textos finais (textos-alvo) nas Oficinas de Retextualização

Uma vez selecionadas as amostras, era preciso efetuar as retextualizações com estudantes das séries finais do Ensino Médio, ressaltando-se que, no caso específico do IFBA – Campus Ilhéus, nos cursos de ensino Médio Técnico Integrado, são quatro anos de estudos, havendo, portanto, a 4ª série, cujos estudantes também poderiam participar das oficinas. A presença quase unânime, contudo, foi de estudantes de 3ª série.

Por uma questão de coerência didática, a retextualização das amostras escolhidas não foi feita de forma automática, direta. Uma vez inseridos num projeto pedagógico institucional cujo cerne é o estudo dos textos, os estudantes precisavam, antes de tudo, entrar em contato com o gênero textual entrevista, analisando tanto as questões formais (estrutura, linguagem), quanto as suas funções e usos na sociedade, passando por discussões sobre os meios que a veiculam. Na oficina destinada a esse fim, realizada em 11/05/2016, foi possível, além de delimitações de cunho teórico, debater, a partir das vivências individuais, o alcance desse gênero no cotidiano, as crenças que instituíam ou derrubavam (dependendo da postura de um entrevistado, por exemplo, ou de como a entrevista é conduzida pelo repórter/entrevistador), sendo possível sondar (com o cuidado de não revelar as intenções específicas da pesquisa)

a percepção dos estudantes sobre os componentes que se interpõem entre o que é dito pelo entrevistado e o que é mostrado ao público, seja através da edição de vídeo, seja pela transformação do texto oral em texto escrito.

Na oficina posterior sobre o gênero entrevista, realizada na semana seguinte à primeira (18/05/2016), os estudantes foram conduzidos a um dos laboratórios de informática do *campus*, onde assistiram às entrevistas previamente selecionadas como textos-base da pesquisa, teceram comentários a partir de sua percepção sobre a condução e o desempenho dos participantes e, em seguida, foram orientados a transformarem os textos orais em escritos, num movimento de edição, conforme haviam estudado e discutido. Utilizando os computadores, os estudantes puderam assistir à entrevista quantas vezes julgassem necessário para efetuarem a transformação. Os participantes realizaram todo o trabalho com acesso exclusivo às entrevistas orais, salvas em vídeo. Previamente, foi realizada uma transcrição da entrevista, mas o texto dela resultante não foi disponibilizado para uso nas oficinas. Trata-se de um material para uso exclusivo do pesquisador, para efeito de análise de dados, uma vez que será necessário compor quadros, estabelecer comparações entre o texto oral e o texto escrito retextualizado, organizando-o na seção de resultados.

Havendo, como vimos, duas entrevistas pré-selecionadas, houve sorteio entre os estudantes para definição de qual entrevista seria retextualizada por cada grupo (um número de estudantes retextualizou a entrevista de Dilma Rousseff, e outro, a de Aécio Neves). Os participantes foram informados de que, a exemplo do que as entrevistas seriam publicizadas em formato análogo ao de jornais e revistas, na tela de exposição no hall de entrada do *campus*, tradicionalmente usado para divulgar materiais diversos, fatos e eventos do instituto.

Uma vez concluído o trabalho, os estudantes foram orientados a deixá-lo salvo em pasta com o título “Entrevista de Aécio Neves” ou “Entrevista de Dilma Rousseff”, seguido do número da máquina que ele utilizou, sem qualquer assinatura pessoal. Desse modo, a identidade do participante é mantida em sigilo¹⁴, conforme compromisso com a ética em pesquisa¹⁵.

¹⁴ O sigilo será garantido no sentido de não se expor, sob qualquer pretexto, a identidade dos estudantes participantes, em qualquer etapa da pesquisa. Pela natureza da relação professor – aluno, pela dinâmica de uso dos computadores ou por outros elementos da realização das oficinas, o pesquisador os reconhece.

¹⁵ Esta pesquisa foi submetida à avaliação do Comitê de Ética em Pesquisa (CEPUEFS/Plataforma Brasil), tendo sido aprovado, conforme parecer consubstanciado emitido em 04/04/2016.

É importante ressaltar que, na oficina preliminar, os estudantes chamaram a atenção para “aquelas frases que os jornalistas retiram da fala dos entrevistados e colocam em destaque”. Trata-se do “olho”, tal como vimos na subseção sobre o gênero entrevista, e como isso não passou despercebido pelos participantes, muitos deles utilizaram o recurso, sendo possível, através do recorte utilizado, já vislumbrar essa variável para o estudo.

Dessa última oficina – a de retextualização, propriamente –, resultaram 22 textos escritos (textos-alvo), que comporão, portanto, o *corpus* para análise.

2.6 SOBRE A ANÁLISE DE DADOS

A retextualização em interface do texto oral ao texto escrito, tal qual definida por Marcuschi (c.f. seção 4) ocorre a partir de operações realizadas de forma simultânea. A análise da realização dessas operações deverá entremear o processo de análise dos dados, ajudando a compreender de que modo os participantes operam a transformação da fala para a escrita, como essas operações vão se sobrepondo e ressignificando o texto-base. Ao todo, são nove operações de retextualização (eliminação de marcas interacionais, hesitações e partes de palavras; introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas, retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos; introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos; introdução de marcas metalinguísticas para referência de ações e verbalização de contextos expressos por dêiticos; reconstrução de estruturas truncadas, concordâncias, reordenação sintática, encadeamentos; tratamento estilístico com seleção de novas estruturas sintáticas e novas opções léxicas; reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa; agrupamentos de agrupamentos - condensação de ideias). Em conjunto, todas convergem para a nova composição do texto, funcionando como componentes de textualidade no processo de transformação do texto oral para o escrito, e por isso, todas serão consideradas. Contudo, parto do pressuposto de que, nas quatro primeiras operações – regras de regularização e idealização – o texto sofra alterações muito mais em sua superfície, com ajustes formais que, grosso modo, produzirão como efeito imediato a nova feição do texto, do ponto de vista formal (pontuação

básica, paragrafação, eliminação de palavras incompletas, repetições). Por outro lado, da 5ª à 9ª operações, temos, potencialmente, um nível mais profundo de transformação do texto, mobilizando recursos que vão lidar com escolhas mais complexas e que podem interferir discursivamente no texto-base.

Consideraremos, portanto, o gênero textual entrevista, seu contexto de produção e recepção, como pontos de partida; as operações de retextualização como norteadoras do percurso entre o texto-base e o texto-alvo; e os movimentos textuais-discursivos delineados nesse ou a partir desse percurso. Desse modo, a análise dos textos-alvo está categorizada:

- I. Quanto aos contextos de realização e recepção das entrevistas orais (referências de partida);
- II. Quanto ao tratamento do gênero (manutenção ou não manutenção do gênero entrevista);
- III. Quanto à realização das operações de regularização e idealização: elementos de editoração do texto escrito;
- IV. Quanto à realização das operações de transformação:
 - a) movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos positivos (positivização);
 - b) movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos negativos (negativização);
- V. Quanto ao emprego do olho da entrevista

Acerca das categorias elencadas, algumas considerações são importantes. A categoria I diz respeito às condições de realização e recepção das entrevistas e, enquanto referenciais de partida, representam os modos como esses textos foram avaliados socialmente na época de sua exibição em rede nacional e como foram avaliados também, pelos participantes da pesquisa, quando assistiram aos vídeos, dois anos após a divulgação inicial, e num cenário político bastante modificado pela então ameaça de impedimento da então presidente reeleita Dilma Rousseff. Isso tem repercussão direta nos modos como os estudantes “enxergam” essas entrevistas, assim como a maneira como estes veem entrevistado e entrevistadores. Esses ditos referenciais de partida são (re)constituídos através de comentários especializados acerca do desempenho dos candidatos, assim como pelas falas avaliações dos estudantes sobre elas. De um modo geral, trata-se de remontar descritivamente o(s)

contexto(s) em que as entrevistas foram produzidas, distribuídas e recepcionadas originalmente, e de descrever a recepção dessas mesmas entrevistas pelos participantes, durante a oficina de retextualização (as opiniões e avaliações da época da exibição original não foram expostas para os participantes).

A categoria II analisa se os participantes, ao retextualizarem as entrevistas orais, produziram, como texto-alvo, de fato, entrevistas (escritas), ou se produziram um outro gênero textual.

A categoria III diz respeito às operações de regularização e idealização¹⁶, que estão ligadas a marcadores bem específicos do texto oral (fragmentos de palavras, hesitações, correções, etc.) que são visíveis mais nitidamente na superfície do texto, e passam por eliminação, completude e regularização. O percurso entre o texto oral e o escrito interessa-nos, enquanto processo, e a realização dessas operações – que remetem a aspectos linguísticos que os estudantes irão reconhecendo como sendo de uma ou de outra modalidade –, pode indicar o seu grau de compreensão sobre as especificidades de cada modalidade.

A categoria IV parte das operações de transformação – que operam mudanças mais profundas no texto-base – e focaliza os movimentos textuais-discursivos descritos pelas atividades de reformulação, acréscimo, substituição e reordenação. Esses movimentos perpassam as escolhas feitas pelo retextualizador e que podem refletir no sentido dos enunciados, na imagem do enunciador (entrevistador ou entrevistado). No caso das entrevistas concedidas em campanha eleitoral, “o que se diz” pode produzir efeitos de sentido positivo ou negativo (uma proposta de governo expressa, por exemplo, pode causar esperança, medo, desconfiança), ou pode projetar uma imagem boa ou ruim para a figura do candidato (uma frase em que pareça autoritário, ou fraco, ou desonesto). Nesse sentido, apesar de a ancoragem teórica das operações propostas no diagrama marcuschiano ser um norte muito importante, os movimentos textuais-discursivos observáveis a partir de sua realização são desdobramentos específicos ao *corpus* em análise, de modo que, ao efetuar a subdivisão em “movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos positivos (positivização)” e “movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos negativos (negativização)”, já estamos lidando com essa particularidade, na

¹⁶ Tanto as operações de regularização e idealização (1ª à 4ª operação de retextualização), quanto as operações de transformação (5ª à 9ª operação de retextualização) serão melhor explicitadas na Seção 4, a partir do diagrama elaborado por Marcuschi (2003).

qual os termos “*positivação*” e “*negativização*” são denominações elaboradas para o fenômeno, no recorte deste estudo, e não tomadas de um quadro teórico existente.

A categoria V diz respeito ao emprego do olho, como parte do gênero textual entrevista escrita. Não se trata de observar tão-somente a seleção ou não seleção de um olho (ou mais de um) para a entrevista, como parte da composição genérica, mas de observar se, uma vez empregado, esse olho funciona discursivamente por direcionar uma certa visão sobre o entrevistado.

3 ORALIDADE, ESCRITA E SOCIEDADE

Oralidade e escrita configuram duas importantes modalidades linguísticas, responsáveis por uma série de relações, que vão desde a comunicação interpessoal mais elementar do nosso cotidiano, até imbricadas redes de significação que marcam e definem as sociedades. Muito além das dicotomias que restringem o estudo dessas modalidades a suas diferenças, há entre elas uma complexa relação, que perpassa não apenas o seu aspecto estrutural, mas também as características e os modos de pensamento nas diferentes culturas.

Cronologicamente, as práticas orais precedem o uso escrita, constituindo, por um longo período de tempo, parte significativa da comunicação humana. Nesse período, a interação linguística dentro dos grupos – e entre os grupos –, dava-se por intermédio quase que exclusivo da expressão oral, por meio da qual se estabeleciam também as relações de poder. A atividade escrita, por sua vez, desde a sua gênese, ganha um importante *status*, uma vez que marca, formalmente, a divisão entre Pré-História (todo o período que antecede a utilização da escrita) e História (período que sucede essa utilização), reconfigurando, a partir de então, diversas relações, antes exercidas exclusivamente por formas orais da língua. Dentre elas, destacam-se a relação com o conhecimento e com a ciência – dada a sua especificidade no registro da informação; e as relações sociais – dada a propriedade de “ampliar o conjunto de meios de se transformar o texto em objeto de discurso” (OLSON e TORRENCE, 1997, p. 8).

Durante muito tempo, a tradição nos estudos da linguagem atribuiu à escrita o papel de recurso gráfico para transcrever o texto falado, num conjunto de teorias que associavam, paralelamente, o desenvolvimento dos sistemas de escrita numa espécie de movimento linear, para “alcançar” o registro da fala. Assim, ocorreria um movimento de evolução, partindo dos sistemas pictóricos, passando pelos fonológicos, até chegar, finalmente, ao sistema alfabético. Cada um desses sistemas estaria associado a um nível de desenvolvimento de uma dada sociedade/civilização, sendo a escrita alfabética, nessa perspectiva, a única capaz de representar a fala.

A suposição de que a escrita é um recurso de transcrição do texto oral, observável desde a época aristotélica, tem alimentado diversas teorias acerca dos sistemas de escrita, embora atualmente comece a ser rejeitada, com o advento de

novos e mais amplos estudos, seja no campo estritamente linguístico, seja no campo social. Para Olson (1997, p. 81) nenhuma dessas suposições é considerada defensável, uma vez que a escrita se desenvolveu para comunicar informações e não, necessariamente, para reproduzir o que é expresso oralmente. Para o autor, os sistemas de escrita proporcionam elementos para pensar a estrutura da língua falada, e não o contrário.

Acerca dessa relação, Cavallo e Chartier (1998, p.10) vão estabelecer importantes pontos de vista, que marcam, historicamente, a relação entre escrita, leitura e oralidade. Segundo os autores, Platão compreendia a fala como sendo o “discurso de verdade”, no qual escolhe-se os interlocutores, pode-se estudar as suas reações, esclarecer suas perguntas, responder aos seus ataques, em detrimento do discurso escrito, a quem o filósofo considerava pictórico, estático, “que nada mais consegue além de repetir-se eternamente”. Obviamente que a escrita, apesar de fisicamente estável/ estática, nada tem de estático em seus sentidos, e isso é observado pelos autores, para quem “o escrito goza da liberdade de ‘rolar’ livremente em todas as direções e se presta a uma leitura livre, a uma interpretação e a um uso do texto com total liberdade” CAVALLO e CHARTIER, 1998, p.10, grifo dos autores). Eis o embate sobre a forma e as funções da língua oral e da língua escrita, historicamente remontado e igualmente questionado.

Assim como a visão platônica, muitos estudos, sobretudo os antropológicos, psicológicos, sociológicos e linguísticos, defenderam a perspectiva que coloca a escrita numa posição secundária à linguagem oral, contudo, isso não constituiu necessariamente um processo de inferiorização daquela com relação à modalidade oral. A escrita, ao contrário, passou a integrar o cotidiano das mais diversas sociedades, assumindo papel de prestígio. Isso porque, historicamente, as sociedades tornaram-se grafocêntricas (FARACO e TEZZA, 1993, p.79), de maneira que o poder da palavra escrita constitui-se elemento crucial para sua continuidade e sobrevivência.

No campo da Linguística, muito se tem estudado acerca das relações entre oralidade e escrita, e esses estudos, de um modo geral, refletem as visões sintetizadas anteriormente: a visão da escrita como representação simbólica da língua falada, perpassando a perspectiva da escrita como “verdadeira” língua, e, finalmente,

a análise comparativa entre oralidade e escrita enquanto modalidades contínuas da língua.

Compreender bem a natureza dessas modalidades basilares, implica estudá-las sob aspectos distintos. Para tanto, é importante que analisemos enquanto práticas sociais, buscando, linguisticamente suas especificidades, seja através do detalhamento das estruturas do texto falado e do texto escrito, seja através de seus traços comparativos, tanto no que se refere às diferenças, quanto no que se refere às semelhanças, capazes de compor um contínuo entre as modalidades.

3.1 ORALIDADE E ESCRITA: PRÁTICAS SOCIAIS

Embora caibam no estudo linguístico muitos recortes teóricos, a partir dos quais a língua pode ser vista sob aspectos diversos – como processo cognitivo, como faculdade mental, como sistema abstrato, como código, entre outros – não se pode pensar a relação entre as modalidades oral e escrita desconsiderando o seu aspecto social.

O fato de essas modalidades linguísticas serem manifestações textuais da língua e, conseqüentemente, a representarem em seus contextos de uso, por si só, já representaria o seu caráter social. Entretanto, as relações entre língua oral, escrita e sociedade expandem-se para além desse aspecto. Há, nesse caso, uma relação dialógica, na qual a linguagem é modificada pela sociedade e, paralelamente, a modifica, por materializar os discursos e estabelecer relações de poder, entre outras.

Além disso, segundo Haveloc (1997) oralidade¹⁷ e [cultura] escrita integram-se e interligam-se nas sociedades através de uma linha tênue, cujos papéis, embora aparentemente definidos, ainda carecem de maior entendimento, uma vez que apresentam diferentes dimensões e estão sempre em processo de reelaboração. Para o autor

¹⁷ O uso do termo adota sentido de uso da modalidade oral da língua em práticas sociais e discursivas, envolvendo a ação de linguagem de sujeitos em contextos interacionais diversos e com registros de linguagem variados. Ancora-se em definição de Beth Marcuschi, no Glossário do Centro de alfabetização, leitura e escrita UFMG), disponível em: < <http://ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/glossarioceale/verbetes/oralidade> > Acesso em 21 de nov de 2016.

A relação entre elas [oralidade e cultura escrita] tem o caráter de uma tensão mútua e criativa, contendo uma dimensão histórica – afinal as sociedades com cultura escrita surgiram a partir de grupos sociais com cultura oral – e outra contemporânea – à medida que buscamos um entendimento mais profundo do que a cultura escrita pode significar para nós, pois é superposta a uma oralidade em que nascemos e que governa, dessa forma, as atividades normais da vida cotidiana. (HAVELOC, 1997, p. 18)

Como se observa, os efeitos da superposição da escrita nas sociedades ainda não são plenamente conhecidos. Está claro, porém, que aquela não minimiza as funções das práticas orais, presentes de forma mais direta e natural em nosso dia-a-dia. Embora o recorte anterior atribua à linguagem oral uma função própria nas “atividades normais da vida cotidiana”, não se pode entender como se a essas práticas orais fosse relegado um papel demasiadamente simplificado. O cotidiano é marcado por uma série de atividades, com diferentes graus de complexidade, aos quais a linguagem oral – assim como a escrita – molda-se em níveis que sejam adequados aos contextos cotejados.

O fato é que é extremamente difícil pensar a sociedade contemporânea sem o código escrito, e ainda mais difícil concebê-la sem o código oral, uma vez que há diferentes práticas discursivas que os envolvem, seja suprimindo necessidades primárias – a exemplo da comunicação elementar interpessoal - seja cumprindo funções mais complexas, como a divulgação de conhecimentos científicos, a manutenção de tradições culturais e o registro da História. Isso equivale a dizer que a linguagem (quer oral, quer escrita) entrelaça-se ao fazer social, tanto na interação entre seus indivíduos, quanto nos processos ideológicos que os definem, mantêm e/ou transformam, afinal, os atos linguísticos concentram a autoridade acumulada de seus interlocutores, de maneira que a comunicação é também o exercício dessa autoridade, marcando-se, por exemplo, o papel que o falante ocupa na sociedade em que vive.

Gnerre (2003, p. 05), bem sintetiza essa ideia, ao afirmar que a linguagem não pode ser vista prioritariamente por sua função referencial – transmissão de informações – mas pelas relações que ela estabelece socialmente. Para o autor, uma importante função da linguagem é

a função de comunicar ao ouvinte a posição que o falante ocupa de fato ou acha que ocupa na sociedade em que vive. As pessoas falam para serem “ouvidas”, às vezes para serem respeitadas e também

para exercer uma influência no ambiente em que realizam os atos linguísticos.

Oralidade e escrita, nesse contexto, configuram práticas enunciativas bastante relevantes, construídas social, histórica e culturalmente. Assim, descartam-se perspectivas centradas exclusivamente no código, as quais contribuíram para a construção de um conjunto de visões polarizadas sobre oralidade e escrita, visões que não apenas as contrapunham, como as balizavam em termos de superioridade e inferioridade, conforme veremos mais adiante.

3.2 PERCURSOS PARA UMA COMPREENSÃO DE ORALIDADE E ESCRITA

O mundo contemporâneo é marcado por um conjunto de práticas pautadas no uso da escrita, cuja história é rica, multifacetada e não linear. A complexa trajetória de expansão nos usos da escrita e seus desdobramentos em diferentes culturas e grupos sociais são parcialmente conhecidos, apesar do crescente interesse pelo assunto, não apenas no campo linguístico. Desde o início de sua utilização, até a elaboração de sistemas alfabéticos e o desenvolvimento da imprensa, lá se vão séculos de absorção desta, que hoje representa muito mais que uma ferramenta ou uma tecnologia, mas um bem social ao qual se associam noções de cultura e desenvolvimento, quer intelectual, quer econômico.

Como bem analisa Marcuschi (2003, p. 16 - 17)

Numa sociedade como a nossa, a escrita, enquanto manifestação formal dos diversos tipos de letramento, é mais do que uma tecnologia. Ela se tornou um bem social indispensável para enfrentar o dia-a-dia, seja nos centros urbanos ou na zona rural. Neste sentido, pode ser vista como essencial à própria sobrevivência no mundo moderno. Não por virtudes que lhe são imanentes, mas pela forma como se impôs e a violência com que penetrou nas sociedades modernas e impregnou as culturas de um modo geral. [...] ela se tornou indispensável, ou seja, sua prática e avaliação social a elevaram a um *status* mais alto, chegando a simbolizar educação, desenvolvimento e poder.

Essa impregnação das culturas pela escrita – em maior ou menor grau – acaba estabelecendo novas relações e alternando os papéis dentro dos grupos sociais. Isso se deve, em parte, ao fato de que a escrita é adquirida formal e institucionalmente,

por meio da escola, constituindo-se um bem cultural desejável, estando o seu domínio relacionado – pelo menos no pensamento geral – à intelectualidade, escolarização.

Esse *status* adquirido pela escrita decorre de um longo processo, entrecruzado pela modalidade oral da língua e condensado em momentos distintos da história.

Cook-Gumperz e Gumperz (1981) *apud* Galvão e Batista (2006, p. 407 - 409) definem, no referido processo, três importantes momentos da relação escrita e oralidade. O primeiro momento, segundo os autores, é marcado por uma considerável distância entre as duas modalidades, o que se justifica pelo fato de que poucas pessoas tinham acesso à alfabetização, habilidade artesanal restrita a um seletivo e privilegiado grupo. Não bastasse essa limitação ao aprendizado (inicial) da escrita, o acesso aos materiais impressos era igualmente limitado, devido ao alto preço e à dificuldade de obtenção. Nessa fase, a aprendizagem das atividades do letramento estavam associadas a formas de contato pessoal e informal, diferentes das atividades mais formais e sistematizadas, os estilos literários.

O segundo momento estabelece uma proximidade entre as referidas modalidades, pautada no pressuposto de que esta era o registro daquela. Trata-se de uma fase na qual as narrativas orais passam a ser amplamente divulgadas pela escrita, e as diferenças – antes expressivas – entre a linguagem cotidiana e as tradições literárias tornam-se bem mais sutis, à medida que cresce a industrialização, a urbanização, a emergência de camadas populares e a instituição de formas democráticas de participação política. A leitura maciça da Bíblia, iniciada com a Reforma Protestante também teve repercussões nesse período, no qual o desenvolvimento do jornalismo, a divulgação de novelas populares, a propagação de gramáticas, enciclopédias e manuais de estilo acabaram por criar o que os autores chamam de uma nova cultura urbana. A literatura com fins de entretenimento constituiu-se uma extensão dos usos da fala; a leitura substituiu a audiência das apresentações orais; e a escrita, por sua vez, é muito utilizada em cartas, listas e outros gêneros do cotidiano.

Até parte do século passado (século XX) as práticas de educação popular centravam-se em habilidades mais “básicas” de leitura, escrita e aritmética, distante de ambientes altamente formais e institucionalizados, como escolas secundárias e universidades, exclusividade das elites. Nesse contexto social a escrita mantinha uma

relação próxima dos usos orais da língua, de tal maneira que práticas mais elevadas de letramento não eram consideradas vitais à sobrevivência, sobretudo econômica.

O terceiro momento caracteriza-se, novamente, por uma ideia de afastamento entre língua oral e escrita, desta vez definido pela burocratização da primeira, num conjunto de fatores os quais implementaram novamente a dicotomia entre as duas modalidades. A organização da sociedade, nesse período, exigiu novas formas de comunicação marcadas pela escrita, especialmente em função do desenvolvimento tecnológico, das burocracias e das regulamentações governamentais. Nesse cenário, o sistema de educação precisou modificar-se, passando a escola a ter novas funções, na proporção em que as funções do letramento também são alteradas com base nos novos requisitos impostos pela especialização técnica vivenciada em diversos domínios da vida humana. A escola, nesse contexto, ao mesmo tempo funcionava como veículo de socialização, mas também como instrumentos de seleção e oportunidade econômica – o que, de certa forma, continua ocorrendo em nossos dias. A escrita, então, era concebida como símbolo do nível de instrução, da aquisição da cultura letrada e, finalmente, como elemento crucial para a sobrevivência econômica.

Observe-se que, nos momentos ora descritos, a língua oral e a escrita são vistas a partir de grandes movimentos, ora de aproximação, ora de distanciamento, sempre perpassados por fatores históricos e sociais, aparentemente mais que por aspectos psicológicos ou puramente linguísticos.

Ainda na trilha dessas relações, Galvão e Batista (2006, p. 407) repassam sucintamente as concepções de Ong (1998) e Zumthor (1993) sobre as culturas, tendo por base sua relação com a oralidade e a “penetração” da escrita.

Para o primeiro pesquisador, há dois tipos de oralidade: primária e secundária. Oralidade primária seria, em sua concepção, o tipo de oralidade referente a culturas que desconhecem a escrita, ou a imprensa e são “intocadas pelo letramento”. Esse tipo de cultura pressupõe um total desconhecimento da modalidade escrita. A existência desses grupos é, segundo o próprio autor, muito rara, uma vez que na atualidade, ou se tem acesso à escrita, ou se tem conhecimento de seus efeitos, exceto casos bastante isolados e específicos. Já a oralidade secundária, corresponde a uma “nova oralidade”, presente – e exigida – na atual cultura tecnológica. Nela, o telefone, o rádio, a televisão e outras tecnologias tão presentes no cotidiano, empregam notadamente a modalidade oral da língua, mas para existirem e

funcionarem dependem da escrita e da imprensa. Pode-se, inclusive, pensar em alguns deles como tendo uma utilização híbrida, por mesclarem oralidade e escrita, como é o caso, por exemplo da televisão: a oralidade ganha suportes com legendas, mensagens e outras formas escritas que ora complementam aquilo que veiculam, ora constituem base para a compreensão do que se vê e ouve.

O segundo autor, por sua vez, identifica três tipos de oralidade, às quais denomina: oralidade primeira e imediata, oralidade mista e oralidade segunda. Por oralidade primeira e imediata, compreende-se a cultura que não estabelece contato algum com a escrita, sendo, pois, “analfabeta”, desprovida de um sistema de simbolização gráfica. A oralidade mista, por sua vez, é aquela em que coexistem as modalidades oral e escrita, mas a influência desta última é parcial e externa. Por fim, a oralidade segunda é definida como aquela que é presente numa cultura letrada e, portanto, pode se recompor a partir da escritura. Trata-se, portanto, de uma oralidade bastante visível no mundo contemporâneo, levando-se em conta as práticas de letramento nele vigente, assim como a exposição à escrita e a crescente exigência pela escolarização, como forma de inserção social.

Como se observa, assim como a escrita apresenta nuances distintas no decorrer de sua “história”, a oralidade também desempenha papéis e níveis distintos, dependendo dos grupos sociais ou mesmo dos indivíduos que a utilizam. Entretanto, o que as posições apresentadas deixam evidente é que sempre se pensa em uma modalidade em relação à outra, e nunca isoladamente, dadas as intrínsecas relações que mantêm, tornando difícil, inclusive, a constatação de números expressivos – em termos globais – de culturas exclusivamente orais (de oralidade primária/ primeira e imediata). Nesse ponto, a citada “violência” da penetração da escrita parece ganhar ainda mais significado.

Mas a propósito dessas relações, os graus de penetração da escrita nas culturas, os tipos de oralidade, bem como os movimentos que historicamente as marcaram, promoveram a elaboração de estudos comparativos, alguns dos quais renderam visões bastante difundidas acerca da fala e da escrita, das quais trataremos a seguir.

3.3 RELAÇÕES ENTRE ORALIDADE E ESCRITA: PERSPECTIVAS

Na busca pela compreensão das relações entre fala e escrita, algumas tendências ganharam contornos importantes, ainda que nem todas no campo específico da Linguística.

3.3.1 A visão dicotômica

Essa perspectiva analisa as duas modalidades sob a ótica das suas distinções, desenvolvendo uma visão dicotômica, em que fala e escrita atuam como polos opostos da linguagem verbal. Marcuschi (2003, p.27) aponta, dentro dessa visão, vertentes que ele define como possuidoras de “matizes bem diferenciados”. A primeira apresenta as dicotomias mais polarizadas, numa visão estrita. Na segunda, essas dicotomias não se mostram extremas a ponto de colocar as modalidades oral e escrita como opostas, mas dentro de um contínuo tipológico, ou cognitivo e social.

Na primeira visão e, sem dúvida, a mais difundida, o foco volta-se para o código, alimentando, em última instância, o prescritivismo que define a norma culta como única norma linguística considerada padrão. Nasce, nesse contexto, as dicotomias que confrontam fala e escrita em blocos distintos e de propriedades específicas, também conhecidas como dicotomias estritas. Sem dúvida, essa visão influenciou muitos estudos e permeou a concepção geral de que a fala é caótica e a escrita, organizada. Cursos de linguagem, ainda hoje, trabalham com as tabelas produzidas com base nessas dicotomias.

Quadro 2 – Perspectiva dicotômica

Fala versus escrita	
Contextualizada	Descontextualizada
dependente	Autônoma
Implícita	Explícita
Redundante	condensada
não-planejada	planejada
Imprecisa	Precisa
não-normatizada	normatizada
fragmentária	Completa

(MARCUSCHI, 2003, p.27)

Apesar da difusão e aceitação do modelo dicotômico, este apresenta uma rigidez muito grande, que acaba por reforçar a ideia de supremacia da escrita sobre a fala, e limita-se a aspectos de cunho empírico, o que elimina aspectos discursivos e a produção textual.

Vejamos um exemplo de como essa perspectiva analisa as relações entre fala e escrita, tomando um excerto do *corpus* desta pesquisa:

TEXTO ORAL

DILMA ROUSSEFF: *((não se deixando interromper)) na segunda... respondendo à segunda pergunta... por exemplo ... recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio...ora... o Paulo Sérgio foi meu ministro... foi ministro do presidente Lula... quando saiu do governo...ele ficou no governo num cargo importante que é na Empresa de Planejamento Logístico...o César Borges o substituiu... posteriormente... eu troquei o César Borges novamente aí pelo Paulo Sérgio... fiz a troca ao contrário... o César Borges também ficou no governo...o César Borges também ficou aí... dentro do governo... na Secretaria de Portos...os dois... são pessoas que eu escolhi... as quais...nas quais eu confio... acho que são pessoas.. bastante...((novamente interrompida pelo jornalista))...*

TEXTO ESCRITO (retextualizador – Retextualizador 11)

Eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio. Mas ambos haviam sido ministros, e haviam ocupado outros cargos importantes. Ou seja, a troca de um pelo outro se deu porque são pessoas que eu escolhi. São pessoas íntegras, competentes, têm tradição na área e, portanto, são pessoas de confiança.

É muito provável que, numa análise sob a perspectiva dicotômica, fossem evidenciados os aspectos redundantes, fragmentários, não planejados, do texto oral. Não se levaria em conta o fato de que a fala, em sua realização, atende às situações de comunicação com características que lhe são próprias e que funcionam perfeitamente. O planejamento do texto oral é simultâneo à emissão; as redundâncias são eliminadas, trechos fragmentários são remontados automaticamente na situação enunciativa, à vista do interlocutor, enquanto na escrita tudo ocorre antes de o texto vis a público. Não há, portanto, de se pensar numa ou noutra modalidade como “pior” ou “melhor”. Ambas atendem às situações em que são evocadas.

O maior inconveniente dessa perspectiva, portanto, reside no fato de que reforça a ideia de que escrita e fala são tão diferentes que representam formas de linguagem antagônicas. Ressalte-se, porém, que dentro dessa mesma vertente teórica, alguns

estudiosos fogem à “regra”, apresentando uma visão menos extrema e menos caricatural entre fala e escrita.

3.3.2 Fenomenologia de caráter culturalista

Essa tendência serve a padrões estabelecidos pela antropologia, pela psicologia e pela sociologia, realizando análise de natureza cognitiva, pautada, sobretudo na fenomenologia da escrita e seus efeitos no “processamento” e produção do conhecimento. Num primeiro plano, observam-se as mudanças ocorridas em sociedades nas quais se introduziu o sistema da escrita, fato que afasta, por assim dizer, o interesse nas relações linguísticas, propriamente ditas, e direciona o foco para elementos de cunho cultural, ou social. Essa perspectiva de análise das relações entre fala e escrita está associada às perspectivas apresentadas na subseção anterior. Vejamos o quadro 3.

Quadro 3 - Perspectiva culturalista

Cultura oral	<i>versus</i>	Cultura letrada
pensamento concreto		pensamento abstrato
raciocínio prático		raciocínio lógico
atividade artesanal		atividade tecnológica
cultivo da tradição		inovação constante
Ritualismo		analiticidade

(MARCUSCHI 2003, p.29)

Uma observação muito importante dessa perspectiva é, sem dúvida, a de que a introdução da escrita permitiu a transição da era do “mito”, para a da “história”. Estudiosos críticos, nessa tendência, veem na escrita o instrumento que permitiu o estudo sistemático da língua, além de esta favorecer a multiplicidade na expressão, na literatura e na formalização do ensino.

Apesar de concordarem com afirmações como as apresentadas, pesquisadores detectaram problemas nessa visão culturalista, como o etnocentrismo, a supervalorização da escrita e o tratamento globalizante. Em bloco, eles acabam por refletir julgamentos das culturas alheias, supremacia de culturas escritas sobre as

demais, e o equívoco na crença de que existem, de fato, sociedades letradas, quando o que se tem são grupos letrados dentro das sociedades.

Em suma, apesar de preceitos relevantes, principalmente no que diz respeito a alguns aspectos da compreensão da escrita e fala no contexto histórico-social, essa tendência esbarra no fato de que seu foco é muito restrito a questões externas ao fenômeno linguístico, e por constituir uma visão quase unilateral, com a supervalorização de uma forma em detrimento da outra.

3.3.3 A perspectiva variacionista

Essa tendência apresenta, diferentemente das anteriores, uma análise da fala e da escrita sob o ponto de vista dos processos educacionais, sobretudo com a elaboração de propostas para o tratamento das variedades padrão e não-padrão no universo de ensino formal. Nessa perspectiva, não se constrói um panorama dicotômico entre fala e escrita, sendo ambas vistas como veículos de elementos diversos. Tanto fala quanto escrita são observadas de forma a se perceberem características da língua padrão e da não-padrão, da língua culta e da coloquial, dependendo da situação.

Para tornar mais clara a visão dessa tendência, podemos observar o quadro 4.

Quadro 4 - A perspectiva variacionista

fala e escrita apresentam	
língua padrão	variedades não-padrão
língua culta	língua coloquial
norma padrão	normas não-padrão

(MARCUSCHI 2003,p.31)

Diferentemente da visão dicotômica, a perspectiva variacionista não analisa as relações entre fala e escrita a partir de suas distinções ou particularidades, nem atribui a uma das modalidades supremacia sobre a outra. O que se observa é uma análise de convergências linguísticas e aspectos possíveis tanto numa, quanto em outra modalidade, enfraquecendo a ideia de que o padrão linguístico materializado na norma culta é exclusivo à escrita. Fala e escrita são analisadas a partir de contextos

de uso, nos quais se mostram nos níveis e variedades distintos a que ambas se submetem.

Segundo Marcuschi (2003, p.32), a perspectiva variacionista se faz interessante, porque nela “a variação se daria tanto na modalidade oral quanto na escrita, o que evitaria o equívoco de identificar a língua escrita como a padronização da língua, ou seja, impediria identificar a escrita como equivalente à língua padrão”.

Outra observação interessante feita pelo autor é a de que, ao se estudar e dominar fala e escrita, tem-se um domínio “bimodal”, por tornar-se fluente nas duas modalidades da língua, e não bidialetal, como sugere a visão na qual fala e escrita são dialetos.

3.3.4 A perspectiva sociointeracionista

Essa tendência apresenta uma visão da língua enquanto fenômeno interativo e dinâmico, numa perspectiva dialógica que evidencia algumas características da fala, a exemplo das estratégias de formulação em tempo real.

Considera-se ponto importante dessa tendência a atenção dada aos fenômenos de coautoria em situações de conversação e monautoria (monólogos), além das relações de interação na comunicação face a face e entre leitor e texto escrito. Isso constitui uma abertura importante na perspectiva linguística, pois permite a detecção de especificidades do processo de construção dos sentidos, matéria básica de qualquer texto, além de se dedicarem à variedade textual produzida numa ou noutra modalidade. Como poderemos verificar no quadro 5, fala e escrita não são contrapostas por suas distinções, nem são comparadas, avaliadas verticalmente, para provar a superioridade de uma sobre a outra. Ao contrário, analisam-se questões presentes em ambas, salientando-se as peculiaridades da execução de cada ação na prática comunicativa, como podemos verificar no esquema apresentado no quadro 5.

Quadro 5 - A perspectiva sociointeracionista

fala e escrita apresentam

dialogicidade
usos estratégicos
funções interacionais
envolvimento
negociação

situacionalidade coerência dinamicidade

(MARCUSCHI 2003,p.33)

Convém ressaltar que nessa perspectiva não são consideradas, em primeiro plano, categorias linguísticas, mas os contextos sócio históricos em que acontecem os processos de construção de sentido e em que se desencadeiam as atividades de negociação ou processos inferenciais. A ênfase dada aos processos de textualização nas modalidades oral e escrita torna essa tendência muito relevante para este estudo, pois, além de trabalharem num plano de interseção entre língua falada e escrita, buscam promover a relação com os contextos de produção e construção de sentidos dos textos, em suas modalidades.

3.3.5 Considerações sobre as perspectivas de estudo das relações oralidade e escrita

Como temos frisado desde o início desta seção, muito se avançou no estudo das relações entre fala e escrita, e muitas são as formas de ver tal relação. Por serem fala e escrita manifestações da língua, não se pode pensá-las, hoje, senão numa ótica que esteja relacionada à perspectiva dialógica da língua, enquanto ação discursiva e resultante da inter-relação entre os sujeitos.

Dessa forma, as dicotomias estritas, apesar da grande difusão no contexto de estudo da natureza da fala e da escrita, não condizem mais com o panorama que se constrói atualmente, com toda a sua prescritividade e por transformar a fala num subproduto da escrita, e por atribuir-lhe uma valoração negativa em termos linguísticos.

Em se tratando da fenomenologia culturalista, a própria gênese da perspectiva aponta para um olhar que foge ao aspecto linguístico, fornecendo, sem dúvida, elementos importantes para a compreensão dos papéis dessas modalidades nas sociedades, embora menos relevantes para a compreensão de seus aspectos linguísticos e discursivos.

A perspectiva variacionista, em contraponto com a dicotômica, elimina a excessiva polarização fala X escrita e avança, no sentido de mostrar que ambas as

modalidades apresentam variações, não havendo, portanto, maior ou menor “valor linguístico” para as modalidades. Abre-se, a partir de tal visão, espaço para a percepção de propriedades semelhantes entre fala e escrita, apesar de suas características específicas. Pode-se pensar, assim, num primeiro movimento rumo à ideia de “continuidade” entre as modalidades oral e escrita, defendida por Marcuschi, e crucial no que tange às atividades de Retextualização, conforme veremos mais adiante, na seção 4.

Das perspectivas apresentadas, porém, a sociointeracionista é a que engloba uma gama de aspectos discursivos importantes e muito recorrentes na própria concepção de língua e de usos da língua. Além disso, subjaz a essa perspectiva, a ideia da língua em funcionamento por meio dos textos, o que se observa por sua ligação com elementos da textualidade, independentemente se em suas formas orais ou escritas. Tais elementos e tal perspectiva interessam especialmente a este estudo por diversos aspectos, especialmente a concepção de fala e escrita a partir de aspectos textuais-discursivos, e o fato de as atividades de “retextualização” terem como pressuposto processos/elementos de constituição textual recorrentes em diversos estudos e intrínsecos à visão sociointeracionista.

3.4 ASPECTOS DO TEXTO FALADO

Pensar a fala e a escrita numa perspectiva sociointeracionista, considerando-as em sua dinamicidade, implica um grau de compreensão dessas modalidades em seus usos estratégicos, e significa pensá-las enquanto instâncias discursivas que se manifestam através dos textos. O texto escrito tem uma vasta tradição de estudos, e vem crescendo o interesse pela compreensão das características do texto falado, uma vez que, superada a ideia de que a fala é caótica e não sistematizável, passa a se debruçar sobre suas regularidades e funcionamento, de modo a se constituir uma visão do texto falado enquanto atividade estruturada, com regularidades próprias de organização.

Acerca dessas regularidades próprias de organização, Jurban (2015, p. 28-29) explica que

Na análise da construção do texto falado, foi constatado que o fluxo de informação pode desenrolar-se de modo contínuo, materializando-se por meio de estruturas linguísticas próximas às do texto escrito prototípico, mas pode também ser obstaculizado, dando origem a descontinuidades, que conferem um ritmo ralentado à progressão

temática. Tais descontinuidades muitas vezes subvertem a organização canônica dos constituintes da frase, porém se justificam no âmbito interacional, porque decorrem de necessários reajustes da formulação textual em processo, tendo em vista a eficácia comunicativa.

Na explanação da autora, fica evidente que há diferentes modos de produção e organização do texto falado. O seu fluxo de informações pode ser contínuo, aproximando-se de estruturas linguísticas dos textos escritos 'prototípicos', ou podem haver descontinuidades. O importante é perceber que essas descontinuidades, que aparentemente diluem a progressão temática, são elementos interacionais visíveis numa formulação textual em processo, isto é, em elaboração simultânea à exposição.

Cabe ressaltar que essa descontinuidade muitas vezes esteve na base das maiores críticas ao texto falado, mas que, diferentemente de constituir um "defeito" deste, trata-se de uma regularidade, uma característica marcada pela natureza da interação face a face, ou seja

A peculiaridade de o texto falado prototípico acontecer em uma situação comunicativa face a face, dentro de um processo dialógico de grande envolvimento entre os interlocutores coparticipantes em sua produção, de ser localmente construído, com grau reduzido de planejamento prévio, promove o aparecimento de descontinuidades marcadas por hesitações, interrupções, repetições, correções, parafraseamentos, inserções, segmentações, elipses, entre outros fatos. [...] as descontinuidades são fenômenos constitutivos do texto falado, e integram normalmente sua construção. (JURBAN, 2015, p. 36)

O apresentar-se *enquanto se faz*, assim como a dinâmica da interlocução, imprimem ao texto falado descontinuidades que, no contexto de produção, não comprometem a comunicação, pelo contrário, atendem a necessidades de uma interação face a face na qual o planejamento do próximo passo do texto depende, em certa medida, da avaliação acerca de como o texto está sendo recebido, ou de um reajuste, a partir de uma interrupção pelo interlocutor, entre muitas outras possibilidades, como as citadas no fragmento anterior. Fato é que essa descontinuidade não afeta a comunicação, sendo que algumas delas manifestam-se em todos os gêneros de textos falados. Em suma, "o texto falado não é absolutamente caótico, desestruturado, rudimentar. Ao contrário, ele tem uma estruturação que lhe é própria, ditada pelas circunstâncias sociocognitivas" (KOCH, 2015, p.39).

Dentre essas discontinuidades, Jurban (2015, p.47), chama a atenção para a hesitação e a interrupção, que são, segundo a autora, fenômenos específicos da oralidade, por serem observáveis em todos os gêneros de textos falados.

A interrupção é o fenômeno marcado como um inacabamento, buraco ou vazio, no fluxo do texto oral. De acordo com Souza-e-Silva e Crescitelli (2015, p. 69) “o fenômeno da interrupção tem sido visto na relação do locutor com seu próprio enunciado ou com o enunciado construído pela interferência direta do interlocutor”. Isso significa que o próprio locutor pode estabelecer uma pausa em sua fala (*autointerrupção*), ou que essa pausa pode ocorrer quando o interlocutor toma a palavra (*heterointerrupção*). As autoras alertam para o fato de que a retomada é o elemento que consolida a interrupção, após o lapso no fluxo da fala. Se não houver retomada, significa que a fala acabou, de fato.

A hesitação, por sua vez, constitui rupturas da fala, sintática e prosodicamente falando, por meio de pausas, alongamento de vogais, uso de marcadores discursivos. A hesitação é uma atividade que atua no plano do processamento do texto e “revela os procedimentos adotados pelos falantes para resolverem os problemas que surgem devido ao processamento *on-line* de formas e conteúdos.” (MARCUSCHI, 2015, p.50, grifo do autor). Pode-se observar a hesitação através de: expressões hesitativas (éh, ah, ahn, mm); fenômenos prosódicos como o alongamento vocálico; marcadores discursivos acumulados (*sei lá, quer dizer, então, né, olha*), entre outros elementos. O autor defende que “a hesitação é intrínseca à competência comunicativa em contextos interativos de natureza oral, e não uma disfunção do falante” (MARCUSCHI, 2015, p. 49).

As entrevistas orais que constituem os textos-base desta pesquisa apresentam um certo volume de hesitações e interrupções. As hesitações normalmente mostram-se como recursos de planejamento ou reajuste do texto, considerando que os entrevistados estão sob pressão e tentam evitar declarações polêmicas, ou cometer “erros” que os comprometam. As interrupções, em sua maioria, ocorrem pela tomada da palavra por parte do interlocutor (os entrevistadores, em diversas passagens, interrompem os entrevistados para exigir que vão ao ponto central que lhes foi perguntado, ou para mudar o tópico, ou para replicar algo dito pelo entrevistado; este, por sua vez, interrompe o entrevistador para concluir um pensamento, ou ratificar algo numa fala não concluída).

4 RETEXTUALIZAÇÃO: TRANSFORMAÇÕES NUM PROCESSO TEXTUAL-DISCURSIVO

Nas inúmeras situações de comunicação do nosso dia-a-dia, por razões igualmente variadas, somos levados a transformar textos orais em textos escritos, ou o contrário, ou ainda transformar textos de gêneros distintos, dentro de uma mesma modalidade. Quando um professor ministra uma aula e um aluno faz anotações; ou quando se lavra uma ata, numa reunião; ou até mesmo quando donas-de-casa trocam rapidamente uma receita, recodificamos a mensagem oral e a convertemos em escrita. De forma análoga, pode-se caminhar da escrita para a fala, quando, por exemplo, lemos um fragmento de texto e o comentamos alguém; ou quando apresentamos um seminário, e utilizamos tópicos impressos para explicarmos para o público; ou mesmo quando alguém nos pede ajuda na compreensão de instruções num manual ou num contrato. Isso sem sequer listarmos as ferramentas da comunicação digital, que age numa intensa relação entre os códigos oral e escrito. Em todos esses casos, lançamos mão de uma série de mecanismos para transformarmos o texto de uma em outra modalidade, ou mesmo entre gêneros distintos. A essa atividade, chamamos de retextualização, processo amplamente difundido a partir do trabalho de Marcuschi (2003).

Antes, porém, da configuração marcuschiana que, digamos, o popularizou, o termo foi empregado por Travaglia (1993), com um enfoque específico para a tradução. Nesse enfoque, segundo a autora, a tradução é compreendida como um processo no qual se produz um mesmo/novo texto, uma vez que se reconstrói o texto numa língua diferente daquela em que foi concebido, constituindo, pois, uma retextualização.

Tal concepção ancora-se no pressuposto de que não é uma língua que se traduz, e sim, textos. Daí o pilar de sua perspectiva: a tradução é um trabalho no qual o tradutor, em determinado propósito comunicativo, planeja o novo texto e – “*recoloca em texto* numa outra língua a reconstrução de um sentido que faz a partir de uma textualização anterior” (TRAVAGLIA, 2013, p. 80, grifo da autora).

Nesse viés, a autora considera que

Ao traduzir (retextualizar em outra língua), o tradutor deve antes de mais nada ter em mente deixar abertos os caminhos da interpretação,

embora, naturalmente sua tradução reflita sua própria interpretação e espelhe o sentido que para ele é, por assim dizer, o mais importante no original. (TRAVAGLIA,2013, p.47)

Embora difiram com relação aos desdobramentos de seus objetos específicos de retextualização, há de se considerar que a visão de Travaglia e a de Marcuschi têm em comum a suposição dos gêneros textuais como base para o trabalho linguístico – ou mesmo para a própria concepção do que seja a língua –, além de considerarem a interpretação como inerente ao processo – ainda que não de forma completamente livre – devido à ancoragem num texto de partida (texto-base, em Marcuschi; texto original, em Travaglia). O autor, inclusive, menciona a definição da autora em nota de rodapé, ao considerar que

O uso do termo *retextualização*, tal como feito aqui, se recobre apenas parcialmente com aquele feito por Travaglia, na medida em que aqui também trata de uma “tradução”, mas de uma modalidade para outra, permanecendo-se, no entanto, na mesma língua. (MARCUSCHI, 2003, p. 46, grifos do autor)

Há, nessa posição, o que talvez represente a linha divisória – ainda que tênue – entre uma perspectiva e outra, que é o fato de a retextualização, dentro da proposição marcuschiana, apontar para as transformações ou “traduções”, dentro da mesma língua, entre as modalidades (oral e escrita), ou entre gêneros textuais, como o autor amplia ao longo de sua exposição, e não entre línguas, como tratada por Travaglia, em sua gênese.

Flôres e Silva (2005, p.59) afirmam que “retextualização é a passagem do texto oral para o texto escrito”. Embora consoante ao que se difundiu com mais destaque entre diversos estudiosos do tema, sobretudo por haver maior ênfase nesse tipo de transformação, a definição das autoras pode ser considerada uma visão parcial do processo, que como vimos, pode acontecer com interfaces mais variadas.

Nessa perspectiva, uma visão mais ampliada é apresentada por Dell’Isolla (2007, p. 36), para quem

A retextualização é um processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código quanto no sentido e evidencia uma série de aspectos da relação entre oralidade-escrita, oralidade-oralidade, escrita-escrita, escrita-oralidade. Retextualização é a refacção ou a reescrita de um texto para outro, ou seja, trata-se de um processo de

transformação de uma modalidade textual em outra, envolvendo operações específicas de acordo com o funcionamento da linguagem.

A definição ora apresentada, na verdade, é análoga à concepção de Marcuschi (2003). Segundo ele, a retextualização representa a *passagem* do texto falado para o texto escrito, mas não exclusivamente. Este aponta atividades que executam a passagem de textos escritos para orais - entre outras possibilidades -, tal qual revisitadas por Dell'Isolla. Outra grande contribuição do estudioso está no fato de ele ter definido, no contexto oral-escrito, as chamadas operações de retextualização, das quais trataremos ainda nesta seção.

Embora fique expresso, em sua teoria, que o foco de análise são os processos que se inclinam “da fala para a escrita” (conforme retomado por Flôres e Silva 2005), ele aponta, ainda que sucintamente, outras formas de retextualização, levando em conta as atividades diversas de transformação e reformulação textuais que depreendemos, em níveis diversos. O autor deixa claro que as atividades de retextualização são frequentes e automatizadas, mas não mecânicas, e que se apresentam numa rede bastante imbricada, por envolver gêneros, estilos, etc.

Dois pontos importantes nessas ideias merecem a nossa atenção. Primeiro, o fato de a retextualização ser realizada cotidianamente e de forma “não-problemática”, não significa que se trata de uma tarefa simples, ou mecânica. Pelo contrário, assim como um sem número de eventos linguísticos, esta é uma atividade complexa, cuja execução se dá a partir de uma série de operações que perpassam o código e o sentido do texto. Segundo, o autor chama a atenção para o fato de haver uma variedade de processos de retextualização, e mesmo que tomemos apenas a transição fala → escrita como objeto, certamente não estaríamos lidando com um padrão unificado, uma vez que existem manifestações de fala em níveis e contextos diversos, que alteram desde as condições de formulação do “texto oral”, à seleção lexical, sintática, além, é claro de alterar a estrutura e organização desses textos. Isso significa, sinteticamente, que os processos de retextualização são múltiplos, em função da igual natureza da linguagem, independente da modalidade que se tome como ponto de partida, como base da transformação.

Dentro dessa “diversidade”, porém, Marcuschi apresenta-nos um modelo sistemático, no qual esquematiza combinações entre fala e escrita, no que ele intitula “possibilidades de retextualização”.

Tabela 1 - Possibilidades de retextualização

1. Fala	→	Escrita	(entrevista oral	→	entrevista impressa)
2. Fala	→	Fala	(conferência	→	tradução simultânea)
3. Escrita	→	Fala	(texto escrito	→	exposição oral)
4. Escrita	→	Escrita	(texto escrito	→	resumo escrito)

MARCUSCHI (2003, p.48 - Adaptado)

Como vemos, o quadro apresenta não só um esquema para possíveis realizações de retextualização, como incorpora, enquanto modalidades de base para a atividade, tanto fala quanto escrita, em entrecruzamentos variados, tais quais requerem as diversas situações das práticas linguísticas. Levando em conta essas possibilidades e a importância de ambas as modalidades no uso da língua, reforça-se o cuidado com posições nas quais se entende a retextualização fala → escrita como a passagem da linguagem caótica, para a linguagem formal, assim como vimos no legado da perspectiva dicotômica. Nesse aspecto Flôres e Silva (2005, p.59) são precisas ao considerar que

não se trata de propor em uma retextualização a passagem de um texto supostamente sem controle e confuso (referindo-se ao texto falado) para outro claro e bem- estruturado (texto escrito). A passagem da fala para a escrita não é do caos para a ordem: é apenas a passagem de um forma para outra forma, pois ambas permitem a construção de textos coesos e coerentes.

Não se pode deixar de notar que proposição das autoras é consoante com o que afirma Marcuschi (2003, p.47) segundo o qual

o texto oral está em ordem na sua formulação e no geral não apresenta problemas para a compreensão. Sua passagem para a escrita vai receber interferências mais ou menos acentuadas a depender do que se tem em vista, mas não por ser a fala insuficientemente organizada.

Isso implica dizer que o que se tem construído acerca da retextualização aponta mais para uma análise dos contínuos entre as modalidades, do que para qualquer perspectiva que busque estabelecer distinções muito rígidas. Obviamente que, em suas especificidades, língua oral e língua escrita são diferentes, mas apresentam pontos de convergência cada vez mais evidentes no que tange aos contextos de

comunicação. São muito tênues essas linhas, quase que holográficas. Basta que voltemos para o caso das ferramentas digitais de comunicação: os chats, os aplicativos de conversação online via celular (whatsapp, hungouts, Skype, etc.), são mecanismos nos quais a escrita reproduz situações de fala; os sistemas de videoconferência podem atender, tanto a uma conversa informal entre amigos, quanto a situações de grande formalidade, como uma palestra, uma vídeo aula, uma defesa de mestrado/doutorado, mediadas pela escrita. Naturalmente, existem gêneros que se distinguem quanto à natureza, mantendo traços de uma dada modalidade, e os seus espaços são, em geral, conhecidos e respeitados (um artigo científico, por exemplo, é reconhecido como um gênero escrito; um seminário, como um gênero oral, etc.). O que se afirma é que há uma relação de fluidez possível a várias situações e contextos.

De todo modo, é muito importante frisar que qualquer processo de retextualização pressupõe a compreensão do texto-base, compreensão esta, fruto da cognição, e dessa imbricada rede entre linguagem e pensamento. Além disso, sem a compreensão, a retextualização fica comprometida, uma vez que, por essência, o conteúdo básico do texto deva ser conservado. Neste trabalho, as maneiras como esse conteúdo é processado na passagem do texto-base (entrevistas orais) para o texto-alvo (entrevistas escritas) é bastante importante, pois os recursos manejados, assim como os efeitos que isso gera, constituem objeto de análise. Entretanto, é importante salientar que, como estamos considerando o texto numa perspectiva sociointerativa, precisamos pensar que os sentidos não se encerram nas condições de produção, mas dependem da sua recepção. Aquele que retextualiza “controla” a produção, mas não o consegue com a recepção, que envolverá outros atores/sujeitos, em outras situações, de desdobramentos variados.

No âmbito da produção, são muito relevantes aqui, as quatro variáveis apresentadas por Marcuschi (2003, p. 53 – 54), e retomadas em diversos estudos posteriores, a saber: o propósito ou objetivo da retextualização; a relação entre o produtor do texto original e o transformador; a relação tipológica entre o gênero textual original e o gênero da retextualização; os processos de formulação típicos de cada modalidade.

No que tange ao propósito da retextualização, trata-se da variável que norteia as escolhas relacionadas ao conteúdo temático do texto-base e às estruturas que se

pretende preservar. Dependendo, pois, do objetivo da atividade, pode haver tratamentos diferentes ao texto, já que elementos contextuais, como o perfil do público-alvo, ou o meio de publicação, por exemplo, serão alguns dos norteadores dessa transformação.

Com relação à segunda variável, o retextualizador pode ser o próprio autor do texto, ou uma outra pessoa. Sendo o autor o transformador, a natureza das alterações pode ser mais ampla, sendo as mudanças mais drásticas, na medida em que esse autor tem a noção de propriedade sobre o texto, chegando a dispensar a transcrição (em caso de transformação entre modalidades) e a efetuar maiores transformações de conteúdo. No caso de o retextualizador ser outra pessoa que não o autor, em geral, há tendência a se respeitar mais o conteúdo, apesar de intervenções na forma. Matencio (2002, p.112) entende que, “se um retextualizador tem conhecimento do autor e/ou do assunto do texto-base, pode acrescentar informações que muitas vezes não se encontram (explicitamente) no texto-base”, ampliando, assim, os domínios dessa variável.

O aspecto tipológico e genérico, tal qual posto na terceira variável, diz respeito ao grau das transformações a que são submetidos os textos, levando em conta o gênero do texto-base e o do texto-alvo. Quanto mais distintos são os gêneros, mais drásticas serão as mudanças, fato menos “intenso” quando a transformação ocorre com o mesmo gênero textual, transformado de sua forma oral para a escrita. Assim, uma narrativa oral transformada em narrativa escrita sofreria um grau menor de alterações que uma entrevista concedida por uma entrevista oral transformada em um artigo de opinião.

Na quarta e última variável, os processos de formulação correspondem às estratégias de produção textual associadas a cada modalidade. O texto oral, como vimos, apresenta um processo constitutivo diferente do texto escrito: o primeiro é produzido e exposto simultaneamente, ficando as correções e reformulações a cargo da metalinguagem; ao passo que o segundo tem em sua produção, a possibilidade de ser revisto inúmeras vezes antes de ser levado a público, sendo esse percurso de escrita e correção neutralizado, na medida em que o interlocutor não tem acesso a ele. Diante dessas observações, elimina-se a ideia de que a fala é caótica e a escrita, perfeita. A formulação dos textos é diferente pela natureza de cada modalidade, não por noções de perfeição ou superioridade com relação à outra.

Neste estudo, ao propor a passagem das entrevistas orais para a sua forma escrita, foi estabelecido na proposta de atividade que a entrevista escrita deveria ser configurada para o formato de publicação em meio digital. Ou seja, os estudantes participantes percorreriam, resguardadas as especificidades de seu nível de estudo, um caminho de produção textual voltada para a publicação, devendo pensar em perfis dos interlocutores e na linguagem adequada, na clareza, na substância das informações. Levando em conta o propósito da retextualização, essas escolhas poderiam ser diferentes, caso a proposta inicial pressupusesse tão-somente a entrega para o professor, por exemplo.

No que diz respeito à relação entre o produtor do texto e o transformador, os retextualizadores (estudantes) não eram os próprios autores do texto-base. Eles manejaram entrevistas orais que foram concedidas a um telejornal – como já vimos na seção de metodologia –, não sendo completamente desconhecidas por grande parte dos participantes, e pertencentes ao domínio público, uma vez que foram exibidas em rede nacional, e replicadas em meios digitais, sem contar a repercussão, quando se sua exibição. Há, contudo, de se observar que há um lapso temporal entre a exibição da entrevista, em 2014, e a sua retextualização, em 2016 (ano de instabilidade no âmbito político por conta do processo de impedimento da presidente), afastando, de certa forma, da atmosfera que se tinha no período de produção, e realocando num outro contexto temporal, mediado por novas relações. Isso também precisa ser considerado, pois esse deslocamento reconfigura a relação entre o texto-base e os transformadores.

No que diz respeito à relação entre o gênero textual original e o gênero retextualizado, temos, neste trabalho, como gênero inicial a entrevista oral retextualizada para entrevista escrita. Trata-se do “mesmo” gênero, porém em modalidades distintas. Apesar de se manter a base estrutural pergunta-resposta, a entrevista oral contém, pela natureza da fala, elementos que somente podem ser retomados metalinguisticamente na escrita (suspiro, mudanças no tom de voz, etc.), e outros que nem sempre podem ser representados satisfatoriamente (determinados gestos, expressões faciais, corporais, etc.). Além disso, o gênero, em sua forma escrita tem uma estrutura um tanto diferente, pois há a possibilidade de se destacar um trecho importante e colocá-lo em relevo (recurso chamado de olho); há um título, que atrai o leitor e pode representar um “sumário” da entrevista; enfim, trata-se de

uma configuração distinta do gênero, pelas especificidades dos contextos e suportes em que se apresentam. Assim, nesta variável, tratamos de uma relação entre textos de gênero análogo, porém dispostos entre as modalidades oral e escrita, despertando atenção para as peculiaridades formais aí estabelecidas. Trata-se, pois, de um processo imbricado na quarta variável, que como vimos, diz respeito aos processos constitutivos dos textos orais e escritos.

4.1 RETEXTUALIZAÇÃO, REESCRITA, REVISÃO E TRANSCRIÇÃO

4.1.1 Reescrita e revisão

O texto falado nos permite ações de formulação e reformulação durante a interlocução, de modo que o processo constitutivo fica aparente entre os interlocutores, que ao reelaborarem esse texto, buscam atingir objetivos dentro de determinado ato de comunicação: maior clareza, acréscimo de conteúdo, entre outros. O texto escrito, por sua vez, passa por processo equivalente, contudo, este não é aparente para o receptor, que tem acesso ao produto “final”, ou, pelo menos a uma versão final. As correções, reformulações, os reordenamentos, ocorrem antes da exposição ou publicação de dado texto, e correspondem, nessa situação, a uma revisão. Há, entretanto, várias situações nas quais, após a publicação (ou publicização) do texto, e do crivo do leitor, ou por avaliação do próprio autor, esse texto passa por atos de reconstrução, reformulação e intervenção, o que corresponderia a uma reescrita.

Acerca da reescrita, os Parâmetros Curriculares Nacionais preveem que

Ela implica uma atividade permanente de formulação e verificação de hipóteses sobre o funcionamento da linguagem que se realiza por meio da comparação de expressões, da experimentação de novos modos de escrever, da atribuição de novos sentidos a formas linguísticas já utilizadas, da observação de regularidades (no que se refere tanto ao sistema de escrita quanto aos aspectos ortográficos ou gramaticais) e da exploração de diferentes possibilidades de transformação dos textos (supressões, ampliações, substituições, alterações de ordem, etc.). (BRASIL, 1998, p. 53)

Por essa visão, a reescrita consiste, conforme observamos, num processo de “manuseio” do texto escrito de acordo com intervenções, seja com relação ao próprio

sistema linguístico, seja com relação às questões de estruturação textual. Trata-se, pois, de um trabalho consciente do indivíduo com relação ao seu próprio texto, sobre o qual executa diversas intervenções, alterando a ordem do discurso, operando correções na linguagem e adequações de conteúdo, cujo objetivo final é obter coesão, coerência e clareza junto ao leitor, que diferentemente do interlocutor na comunicação oral, está distante do emissor, espacial e temporalmente. Segundo Kato, (1990, p. 133)

a reescrita resulta da autonomia que o texto escrito tem. Na interação oral, o falante tem o interlocutor presente, cooperando para construir seu próprio discurso, ajudando-o com a sua fala, ou fazendo o falante explicar as suas intenções.

Ao contrário do que a conceituação acima possa levar a crer, o produtor do texto não realiza a reescrita apenas por intermédio de opiniões de terceiros. Ele próprio pode fazê-lo segundo os objetivos que traça para seu texto. Um estudante, por exemplo, antes mesmo de entregar uma primeira versão de seu texto para o professor, já desenvolve um processo de criação bastante complexo no qual refaz, reconstrói e reformula o texto. Importante, porém, é delimitarmos aqui o que consistiria reescrita e o que seria considerada uma revisão. Embora pareçam, à primeira vista, sinônimas, trata-se de atividades distintas, levando-se em conta o contexto em que cada uma se realiza.

Geraldi (1997) em menção feita por Köche, Pavani e Boff (2004, p. 143) define o texto como “uma sequência verbal escrita, formando um todo acabado, definitivo e publicado” (compreendendo o “publicado” como “tornar público” e não como processado pela imprensa). É exatamente nessa linha que se delimitam revisão e reescrita. A primeira consiste nas operações depreendidas até o “fechamento” do texto; a segunda, nas operações posteriores a sua publicação. As autoras explicam que a revisão corresponderia a um primeiro nível de correção do texto, enquanto a reescrita corresponderia à troca de programa de partida, sendo traduzida por modificações qualitativas e quantitativas do texto.

Se revisar e reescrever são atividades tão próximas, entre a reescrita e a retextualização, analogamente, são necessárias algumas considerações, já que não há posições muito fechadas sobre essa relação. De início, o próprio Marcuschi (2003, p. 48, em nota de rodapé) afirma que, assim como a retextualização pode ser compreendida como uma tradução (salvo as especificidades já apresentadas),

igualmente poderia usar as expressões refacção e reescrita como denominação. Se, por um lado, isso leva à compreensão de que tais atividades estejam num plano de equivalência, por outro, o autor indica o que seria um traço distintivo fundamental: a reescrita dá conta de mudanças no interior do texto, de forma a transformar uma escrita em outra, porém dentro do mesmo texto, ao passo que a retextualização dá conta de transformações de uma modalidade para outra, isto é, transformações entre fala e escrita – fenômeno prioritariamente estudado em sua obra de referência.

Se retomarmos a definição de Del'Isolla (2007, p. 36) para retextualização, apresentada na parte inicial desta seção, encontraremos uma visão bastante parecida com a de Marcuschi. A autora, de certo modo, estabelece uma relação quase sinonímica entre os termos, na medida em que considera a primeira “a refacção ou a reescrita de um texto para outro”. É preciso considerar também que as características operacionais por ela mencionadas, também reforçam a tese de que a reescrita funciona para a modificação de um mesmo texto, diferentemente da retextualização.

Nesse caminho, Matencio (2002, p.111 - 112), com base em seus estudos acerca da retextualização, pondera que

reescrever/revisar um texto qualquer é atividade significativamente distinta de produzir um novo texto a partir de um que lhe antecede na leitura. A esse respeito, o pressuposto é de que, embora, de fato, a atividade de retextualização envolva operações linguísticas similares àquelas envolvidas no que se tem denominado reescrita – tais como as operações de acrescentamento, supressão, substituição e reordenação tópica –, no que se refere às operações textuais e discursivas, essa semelhança é muito menor; além disso, as variáveis que interferem nesses dois processos não se comportam de forma semelhante.

Para, mais adiante, concluir que

Em suma, a reescrita é atividade na qual, através do refinamento dos parâmetros discursivos, textuais e linguísticos que norteiam a produção original, materializa-se uma nova versão do texto. Já na retextualização, tal como entendida aqui, opera-se, fundamentalmente, com novos parâmetros de ação da linguagem, porque se produz novo texto: trata-se, além de redimensionar as projeções de imagem dos interlocutores, de seus papéis sociais e comunicativos, dos conhecimentos partilhados, assim como de motivações e intenções, de espaço e tempo de produção/recepção, de atribuir novo propósito à produção linguageira. (MATENCIO, 2002, p.113)

Lidando com um núcleo comum aos autores mencionados anteriormente, Matencio busca, efetivamente, traçar os perfis de uma e outra atividade, trazendo, no recorte aqui realizado, uma definição mais direcionada. Para a autora, reescrever é produzir uma nova versão do mesmo texto, ao passo que retextualizar compreende o estabelecimento de novos parâmetros para a construção de um novo texto. Realizar uma atividade de retextualização é refazer um caminho textual para atendimento a novas condições de produção, que englobam novos papéis e propósitos. Reescrever, em sua análise, seria voltar-se para um determinado texto, com o intuito de “refiná-lo” discursiva, textual e linguisticamente. Ela acrescenta que, em geral, quem reescreve o texto é o próprio autor, com vistas a aprimorá-lo. Essa condição dilui-se muito quando se trata da retextualização, haja vista que um texto original (texto-base) é comumente modificado por terceiros, podendo passar por inúmeras e sucessivas retextualizações (entre modalidades e entre gêneros textuais diversos).

Essa linha (divisória ou não), apresentada por Matencio é a que atende melhor a esta proposta de estudo, porque, no bojo das atividades escolares, reescrita e retextualização são, efetivamente, atividades um tanto distintas, principalmente quanto aos objetivos. A reescrita, de fato, funciona como a reconstrução de um mesmo texto, seja ela feita por seu autor, antes de torná-lo público; seja ela feita pelo autor, após a leitura de um terceiro (normalmente o professor); seja ela feita por terceiros, como atividade para observação de algum aspecto gramatical, só para citar alguns exemplos. A retextualização, por sua vez, propõe a construção de um novo texto, a partir de um texto-base, e é comumente utilizada para o trabalho entre gêneros textuais.

Neste trabalho, as oficinas de estudo do texto preveem a possibilidade de reescrita, afinal, o projeto gira em torno do trabalho com o texto, levando os participantes à reflexão sobre suas produções, assim a retomada dos percursos dessa produção. Esbarramos, contudo, com um elemento da própria gênese do projeto, que é a participação espontânea. Nas oficinas que serviram de base para a coleta dos dados, por exemplo, duas situações situadas nesse entremeio precisam ficar expostas: primeiro, como já descrito na seção de metodologia, cinco amostras não atenderam ao gênero solicitado (entrevista escrita), e integram a análise exatamente como forma entregues, sem passarem por uma reescrita; e, segundo, das amostras que atenderam ao gênero, algumas apresentam alguns desvios passíveis de reescrita, sejam eles concernentes à norma gramatical, sejam eles concernentes à

modalidade escrita, não passando, também por reescrita, enquanto amostra da pesquisa.

É preciso explicitar que a intervenção dos sujeitos sobre os textos orais em seu percurso para o texto escrito não seria analisada tão-somente sob o viés estrutural, mas sobre o manejo dos sentidos, imbricados no momento de produção. Uma intervenção “externa” de nossa parte poderia promover direcionamentos, pela simples sugestão de alterações na estrutura linguística, na pontuação, na ordenação sintática, pois todos esses elementos são constitutivos das operações de retextualizações e podem ser recursos discursivos e de reordenação dos sentidos do texto. Sugerir quaisquer correções e fazer constar no corpus esses textos retextualizados e reescritos poderia não refletir as intervenções dos sujeitos, mas uma interferência nossa. Desse modo, todas as atividades, discussões e as eventuais reescritas, de cunho pedagógico e inerentes ao trabalho do projeto, forma feitas posteriormente, sem integrar o corpus, mantendo nas amostras as condições do momento da produção, com os movimentos originais dos participantes.

4.1.2 Transcrição

Já discutidas as especificidades entre as modalidades, sabemos que a escrita não deve ser compreendida como uma fiel representação da fala. Não há, no interior do código escrito, mecanismos para a reprodução de muitos fenômenos da linguagem oral, a exemplo da prosódia, dos movimentos corpóreos, do olhar, e da gestualidade, como um todo. Tem esta, por sua vez, recursos significativos na distribuição de informações e em sua disposição gráfico-espacial (tamanho de letras, cor, sinais de pontuação, etc.). Essas características dão equilíbrio às relações entre uma e outra modalidade, e embora tenhamos afirmado que não há uma representação fidedigna da fala por meio da escrita, a transcrição é uma forma de registrar o texto oral de forma gráfica, reproduzindo o mais detalhadamente possível suas características.

Segundo Marcuschi (2003, p. 49), “transcrever a fala é passar um texto de sua realização sonora para a forma gráfica com base numa série de procedimentos convencionalizados.” O autor acrescenta que a transcrição precisa caminhar lado a lado com o texto original, mantendo suas estruturas e conteúdo.

Acerca disso, Flôres e Silva (2005, p. 43), ressaltam

o quanto a transcrição deve manter-se fiel à fala do entrevistado, conservando todas as suas características fonéticas, alongamentos vocálicos e consonantais, pausas, hesitações, truncamentos, sotaque, entonações, retificações, pois esses são elementos típicos da fala que não devem ser desconsiderados no momento da transposição do oral para o escrito.

Ambas as colocações harmonizam-se com a ideia que se tem sobre a transcrição, não diferindo do uso corrente: transcrever é mudar o código, a representação, do som à grafia, seguindo exatamente aquilo que foi produzido originalmente, e assinalando com recursos específicos aquilo que não esteja no domínio da relação palavra oral → palavra escrita (como os gestos, por exemplo). Assim, nas palavras de Flôres e Silva (2005, p. 42) a transcrição “nada mais é do que ‘a fala passada a limpo’ através da escrita” (grifo das autoras). As autoras ressaltam, contudo, que não veem nenhuma relação hierárquica entre as formas oral e escrita, de modo que podemos compreender o “passada a limpo”, não como um processo de “melhoria” linguística, mas sim, como uma forma de conversão modal, o que corrobora com o que temos tratado até aqui, sobre as relações entre o oral e o escrito.

No que tange à transcrição, importa-nos, principalmente, neste trabalho, dois aspectos. Primeiro, adotar a distinção marcuschiana sobre transcrição e retextualização, uma vez que, para o autor (2003, p. 49)

as mudanças operadas na transcrição devem ser de ordem a não interferir na natureza do discurso produzido do ponto de vista da linguagem e do conteúdo. Já no caso da retextualização, a interferência é maior e há mudanças mais sensíveis, em especial no caso da linguagem.

Considerando a perspectiva acima, temos o cerne da questão: enquanto a transcrição conserva, obrigatoriamente, os elementos constitutivos da oralidade – seja pelo registro gráfico direto, seja por marcadores específicos e pela metalinguagem –, a retextualização (entre as modalidades) vai recodificar a linguagem, de modo a atender a convenções da escrita, assim como a características iminentes ao gênero textual.

Segundo, o fato de que para verificar os caminhos descritos entre os textos-base (orais) e os textos-alvo (escritos), foi necessário realizar a transcrição das entrevistas orais. Embora os estudantes participantes da pesquisa tenham tido acesso exclusivo às entrevistas orais, o texto resultante de prévia transcrição foi mantido à disposição

do pesquisador durante a oficina, para a eventual necessidade de compreensão de algum trecho do discurso oral, sendo fundamental para a análise dos dados, uma vez que, transcritas, as entrevistas apresentavam-se de forma panorâmica, permitindo verificar, na extensão de cada segmento pergunta-resposta, a dinâmica de sua constituição. A confecção de quadros comparativos tais quais expostos na seção de análise de dados também dependeu desse material transcrito. O texto transcrito, portanto, foi suporte para a comparação entre a entrevista oral e a entrevista escrita, fato que não eliminou a visualização de sua manifestação oral, na qual os elementos contextuais mostravam-se com clareza. Para nortear tais transcrições, utilizamos normas gráficas convencionalizadas, conforme o quadro 6:

Quadro 6 - Recursos gráficos para transcrição

OCORRÊNCIAS	SINAIS
Incompreensão de palavras ou segmentos	()
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)
Truncamento	/
Entoação enfática	Maiúsculas
Alongamento de vogal ou consoante	:: Podendo aumentar para :::::
Silabação	-
Interrogação	?
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))
Qualquer pausa	...

(FLÔRES e SILVA 2005, p. 44)

Vale ressaltar que transcrever não é uma atividade automática e descomplicada. Flôres e Silva (idem, p. 42) encerram bem essa constatação, ao ponderarem que transcrever

é bastante trabalhoso, demanda tempo e paciência, sendo imprescindível prestar total atenção às peculiaridades da conversa, em geral, “filtradas” pelo nosso ouvido, e das quais temos uma consciência escassa (grifo das autoras).

Daí a necessidade de um trabalho atento, capaz de preservar os elementos do original.

4.2 OPERAÇÕES DE RETEXTUALIZAÇÃO

O processo de retextualização envolve diversas ações por parte de quem a realiza. A transposição de uma modalidade da língua para outra, pressupõe uma

adequação de estruturas próprias a cada uma delas, bem como a intervenção, em diversos níveis.

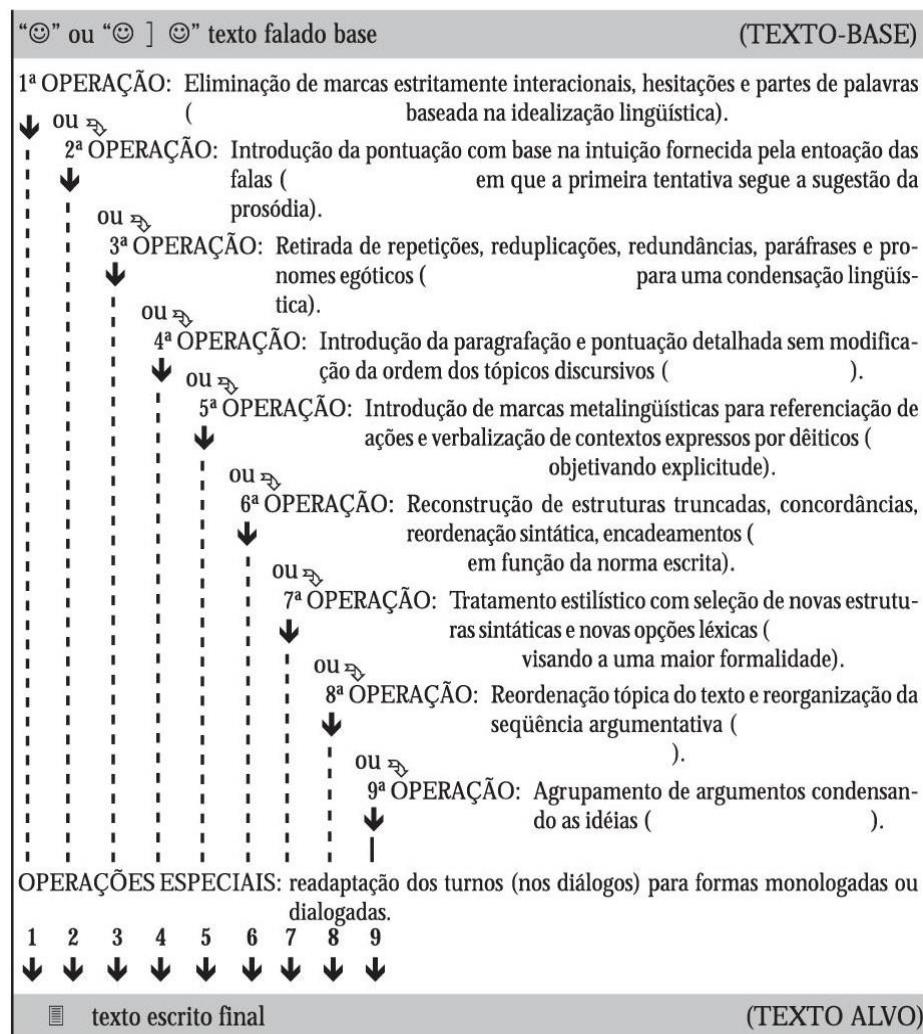
Como uma forma de compreender esses microprocessos de intervenção sobre o texto no seu processo de retextualização, Marcuschi (2002), apresenta-nos um quadro, que se propõe a ser um modelo para o que ele chama de “operações de retextualização”. Entretanto, o próprio autor chama a atenção para o fato de que, embora seja um quadro-modelo, não deve ser compreendido como uma fórmula mágica com resultados automáticos. Ao contrário, ele afirma que, apesar de ser um modelo com o qual se pode trabalhar concretamente tanto no ensino quanto na investigação, o mesmo é um método relativamente intuitivo, podendo projetar expectativas definidas e comprováveis, sem, contudo, poder atestar seus resultados como definitivos. Esse cuidado do pesquisador talvez se deva ao fato de que a linguagem, naturalmente, apresenta-se de forma muito variada, seja de grupo para grupo, seja de pessoa para pessoa, o que torna os recursos mobilizados por cada indivíduo igualmente variados e complexos, podendo-se obter uma linha pouco uniforme no que tange às operações de retextualização. Entretanto, mesmo com tais ressalvas, o referido modelo dá conta de fenômenos importantes ocorridos no processo de retextualização e mostra-se coerente, sobretudo por levar em consideração que as operações, embora constantes, não se apresentam, necessariamente na ordem estabelecida.

Ao todo são levadas em consideração nove operações, que se distribuem em dois grandes grupos, a saber, o de regras de regularização e idealização, e o das regras de transformação.

No primeiro grupo de operações (regularização e idealização - 1ª à 4ª operações), realizam-se ações como eliminação de marcas de interação, hesitações, repetições partes de palavras iniciadas na fala e não concluídas (quando o falante corrige o curso da fala); estabelecem-se regras de pontuação, desde a mais básica, até a paragrafação. Trata-se de um bloco de operações que vão garantir ao texto “a forma” (regularização) mais aproximada do esperado a um texto escrito (idealização), mas não há um processamento aprofundado do texto. Sendo assim, o retextualizador atua, sobretudo, modificando o texto para a eliminação de marcas mais marcadamente orais e que, num texto escrito prototípico, poderiam representar desvio de registro.

O segundo bloco (transformação - 5^a à 9^a operações), apresenta um importante conjunto de modificações sintáticas, semânticas e de ordenamento das ideias, tendo um grande potencial transformador do texto, sendo algumas operações tão imbuídas de valores interpretativos, que os desdobramentos podem ser complexos e expandir-se além da adequação de forma, conteúdo e código (oral – escrito), promovendo interferências mais profundas, consideradas por Marcuschi (2003), a retextualização, propriamente dita, pelo conjunto de mudanças que estabelece, e por constituir que ele chama de operações “textuais-discursivas”, de especial interesse a este estudo. O reordenamento tópico do texto, a substituição lexical, o agrupamento de ideias está entre tais operações. A seguir, o diagrama marcuschiano das operações de retextualização.

Figura 6 - Diagrama-Modelo das operações textuais-discursivas na passagem do texto oral para o texto escrito.



4.3 O PROCESSO TEXTUAL-DISCURSIVO

Marcuschi, considera que, nas atividades de retextualização, as relações estabelecem-se no plano da forma (códigos, sistemas) e no plano dos processos (realizações, discursos), “mas em essência trata-se do aspecto discursivo” (2003, p.67). Essa visão culmina com a distribuição das operações de retextualização, tal qual vimos na subseção anterior: há aquelas cuja abrangência figuram no plano da forma e da idealização linguística (1ª à 4ª), e há aquelas cuja execução se estabelece pela imbricada relação “linguística-textual-discursiva” (5ª à 9ª), nas quais uma atuação mais profunda no código tem repercussão direta no discurso, “já que ambos são *aqui* [no enfoque do livro] inseparáveis” (2003, p. 69). É preciso dizer que essa perspectiva é defendida pelo autor não apenas nessa obra, mas em outras, por serem condizentes com sua visão de língua (em seus usos, em seu funcionamento social) e de texto (em seus aspectos linguísticos, sociais e cognitivos), sendo este último a forma como a língua “se dá” ou “funciona”.

Marcuschi (2009), deixa claro que o aspecto textual-discursivo está intimamente ligado às condições sociocomunicativas estabelecidas na e pela língua, usada tão precisamente, por ser um sistema em constante interação com os conhecimentos partilhados sobre o mundo e a sociedade. Acerca disso, ele destaca que

Na operação com a língua, lidamos mais do que com um simples uso de regras [...] O que aqui está em ação é um conjunto de sistemas ou subsistemas que permitem às pessoas interagirem por escrito ou pela fala, *escolhendo* e *especificando* sentidos mediante a linguagem que usam. Em suma: todos temos uma competência textual-discursiva relativamente bem desenvolvida [...] (MARCUSCHI, 2009, p.81 – grifo nosso)

A colocação de Marcuschi apela, portanto, para o fato de que as pessoas vão imprimindo escolhas e detalhando sentidos através da linguagem, e que os modos como vamos lidando com essas questões associam-se à competência textual-discursiva, desenvolvida em torno de sua historicidade. Assim, a constante referência ao aspecto ou ao processo “textual-discursivo”, ao tecer a sua perspectiva de retextualização, parte de um eixo mais amplo – o da competência linguística –, para um mais específico – o do uso, por meio dos textos. O autor, seguramente, não o faz sozinho.

Koch (2002, p.9) nos desafia acerca de conceber o texto

como lugar de constituição e de interação de sujeitos sociais, como evento, portanto, em que convergem ações linguísticas, cognitivas e sociais, [...] ações por meio das quais se constroem interativamente os objetos de discurso e as múltiplas propostas de sentidos, como função de escolhas operadas pelos co-enunciadores entre inúmeras possibilidades de organização que cada língua lhes oferece... construto histórico e social, extremamente complexo e multifacetado.

Essa forma de contemplar o texto, é partilhada com as concepções anteriormente expostas (língua e texto, numa inter-relação) a ancoragem em elementos cognitivos, sociais e históricos, enquanto constituintes do sujeito, agregando-se a ideia do texto enquanto objeto de discurso (produtos culturais da atividade cognitiva e interativa dos sujeitos falantes) e de multiplicidade de sentidos. Trata-se de uma perspectiva significativa, sobretudo por inserir-se no campo da referenciação¹⁸, que privilegia a relação intersubjetiva e social em que as versões de mundo são elaboradas nas ações dos enunciadores, em detrimento da relação entre as palavras e as coisas na visão referencialista do texto-objeto. Segundo Koch (2009, p. 61)

A referenciação constitui, assim, uma atividade discursiva. O sujeito, por ocasião da interação verbal, opera sobre o material linguístico que tem à sua disposição, operando escolhas significativas para representar estados de coisas, com vistas à concretização de sua proposta de sentido [...]. Isto é, os processos de referenciação são escolhas do sujeito em função de um querer-dizer.

Acha-se, nessa visão, uma transição, na qual a realidade é construída, mantida e alterada não exclusivamente pela maneira como nomeamos os elementos do mundo, mas, principalmente, pela maneira como interagimos sociocognitivamente com esse mundo, como o interpretamos por meio da interação com o mundo sociocultural e também, físico. Isso põe a referenciação como um processo essencialmente discursivo. Koch defende a tese de que

¹⁸ Tal qual proposto por diversos autores, dentre os quais, Bentes e Rezende (2008) destacam Mondada (1994), Mondada & Dubois (1995), Marcuschi e Koch (1998), entre outras obras.

O discurso constrói aquilo a que faz remissão, ao mesmo tempo que é tributário dessa construção. Como dissemos, todo discurso constrói uma representação que opera como uma memória compartilhada [...] sendo os sucessivos estágios dessa representação responsáveis, ao menos em parte, pelas seleções feitas pelos interlocutores [...] (HOCH, 2009, p. 61)

A autora é “acompanhada” por Bentes e Rezende (2008, p. 30), para quem, a referência constrói relações discursivas, na medida em que os referentes situados no mundo ganham existência discursiva própria, numa relação por eles chamadas de texto-processo, em que objetos de discurso são criados e (re) categorizados com vistas ao estabelecimento de relações de sentido.

Nessas posições, que se acham interligadas, podemos pinçar, por assim dizer, alguns elementos comuns e relevantes. Primeiro, o fato de que os sujeitos buscam referenciais de sua constituição social, cultural, para interpretar esse mesmo mundo e para mobilizar/selecionar os recursos em sua interlocução. Isso significa que a constituição desse sujeito, em aspectos globais, vai imprimir marcas nos modos como ele constitui os objetos de discurso. Segundo, ao tratar das escolhas do sujeito em função do “querer dizer”, entrelaçamos também a noção de produção de sentidos, na qual o usuário da língua mobiliza os recursos de que dispõe para determinado fim ou “proposta de sentido” – remetendo à colocação de Koch – numa rede complexa e delicada, entremeada na opacidade da língua. Cada evento, cada situação de uso da língua – por meio dos textos – está situado. É, com isso, a própria língua em funcionamento, em sua instância social e interacional – a enunciação, em cujo seio repousa o discurso, esse entrecruzamento do texto e de um lugar social.

Eis que, nesse terreno em que “as fronteiras do texto são extremamente permeáveis, complexas e momentaneamente estabelecidas” (BENTES E REZENDE 2008, p.44), e no qual a interface entre o oral e o escrito é perpassada por processos textuais-discursivos, a compreensão dos elementos apresentados nessa subseção é muito importante, uma vez que nos textos-alvo resultantes da retextualização, as escolhas dos sujeitos, as suas propostas de sentido, a sua historicidade, serão levadas em conta na compreensão dos movimentos realizados com relação aos textos-base.

5 ANÁLISE DE DADOS

5.1 CODIFICAÇÃO

Como já detalhado na seção metodológica, constituem corpus em análise, entrevistas escritas, resultantes da retextualização de entrevistas concedidas ao Jornal Nacional, pelos candidatos à presidência da República Aécio Neves e Dilma Rousseff, esta última candidata à reeleição. Para efeito de codificação nos quadros analíticos, os textos-base foram transcritos e seus segmentos serão identificados nominalmente, de acordo com o entrevistador (William Bonner/Patrícia Poeta) ou entrevistado (Aécio Neves/Dilma Rousseff). Os textos-alvo (retextualizados), terão como identificação a letra maiúscula R (retextualizador) acompanhada de uma letra maiúscula (A, para entrevista de Aécio Neves; D, para entrevista de Dilma Rousseff), e um número que distingue sequencialmente o participante. Assim, a sigla RD1 corresponde a Retextualizador 1 de entrevista de Dilma Rousseff, RA1 a Retextualizador 1 de entrevista e Aécio Neves, e assim por diante.

5.2 REFERENCIAIS DE PARTIDA: CONTEXTO DE REALIZAÇÃO E RECEPÇÃO DAS ENTREVISTAS

As entrevistas aqui analisadas foram concedidas nos dias 11 e 18 de agosto de 2014, sendo a primeira, de Aécio Neves, concedida no próprio estúdio do Jornal Nacional; e a segunda, de Dilma Rousseff, concedida no Palácio da Alvorada, em Brasília, por protocolo da presidência, uma vez que a candidata já era, à época, presidente da República.

É preciso considerar dois aspectos relevantes: o modo como as entrevistas repercutiram à ocasião de sua exibição, no cerne da campanha eleitoral; e como os participantes a avaliaram, à ocasião da realização das oficinas de retextualização, no primeiro semestre de 2016.

5.2.1 Recepção das entrevistas à época de sua exibição (agosto de 2014)

No que se refere à repercussão das entrevistas, no contexto imediato pós-exibição, o que se tem, numa visão geral de blogs e revistas eletrônicas é um apanhado no qual se estabelecem as avaliações que se seguem.

a) Sobre a entrevista com Aécio Neves

Primeira entrevista da série com os presidentiáveis, o tom dos entrevistadores é criticado, por colocarem o entrevistado “na defensiva” em boa parte dos 15 minutos da entrevista. Em publicação de 13 de agosto de 2014, a revista eletrônica Feedback Magazine cronometra os turnos de fala e questiona o fato de os entrevistadores terem “gasto” aproximadamente um terço do tempo da entrevista somente na elaboração das questões ou em interrupções à fala do candidato, de modo a trazer prejuízo a seu desempenho, num tempo considerado nobre para a discussão de pontos da campanha.

Já a Carta Capital (versão online, em blog homônimo, em publicação da mesma data da entrevista) não estabelece, de forma enfática, uma avaliação sobre o desempenho do candidato, mas faz uma síntese de trechos da entrevista, cujos recortes evidenciam o tom dos jornalistas e o das respostas (segundo a interpretação do editor). O título dado ao texto é “Bonner e Poeta fazem entrevista dura com Aécio Neves”, e é talvez nele que encontremos uma avaliação ou posicionamento da edição, na medida em que este título norteia os recortes de fala que utilizam em sua demonstração.

Em linhas gerais, há, enquanto elementos recorrentes nas opiniões coletadas, a ideia de que os jornalistas foram insistentes em suas questões, e que as elaboraram de forma muito longa, tomando tempo no corpo total da entrevista. No recorte feito pela Carta Capital, a seleção das respostas do candidato sugere que ele se saiu bem, mas isso não é formulado enquanto opinião, ficando isso implícito na construção título-texto.

b) Sobre a entrevista com Dilma Rousseff

A entrevista com Dilma Rousseff, terceira, na ordem estabelecida, ocorreu com um lapso temporal (estava prevista para o dia 13 de agosto, mas ocorreu em 18 de

agosto) em função do acidente aéreo do qual foi vítima o candidato Eduardo Campos e que suspendeu temporariamente o calendário de entrevistas. A recepção da participação da petista não foi unanimidade, seja positiva ou negativamente falando. Mais uma vez, o papel dos entrevistadores é apontado como elemento que prejudicou o conteúdo da entrevista, e no caso de Dilma Rousseff, esse papel ganha tons ainda mais drásticos, com uma atuação bastante incisiva do jornalista Willian Bonner. Para o jornalista Renato Rovai (2014), editor da Revista Forum, a candidata foi razoável, na medida em que a entrevista foi mediada de modo confuso. Para o editor¹⁹, a candidata

Foi razoável e dificilmente ganhou ou perdeu algo. Saiu, como se diz no popular, no zero a zero. Mas ficou evidente em alguns momentos que foi prejudicada não pela falta de condições de responder, mas pela confusão criada pelo entrevistador que fazia um monte de questões num longo tempo e queria respostas rápidas.

Na revista Carta Capital, o texto “Jornal Nacional vira personagem eleitoral”, de André Barrocal (edição online de 23 de agosto de 2014) avalia o desempenho da candidata – entre outros entrevistados que passaram pela bancada – ressaltando que o tom como as entrevistas foram conduzidas colocou o telejornal como um elemento relevante na construção da imagem dos presidenciáveis. Segundo Barrocal, os correligionários da presidenta concluíram que ela sequer teve a chance de falar – o que se atribui ao fato de o jornalista ter adotado uma postura “arrogante” e ter exposto a censura da rede de TV à petista. Em suma, a repercussão da entrevista foi ruim para a candidata, mas o destaque – mais uma vez – foi para o jornalista.

A síntese, contudo, é de uma entrevista recebida como um embate, no qual a presidenta foi, de certo modo, acuada com perguntas incisivas, cujas respostas não atingiam, no pouco tempo disponível, o cerne das questões, ou, quando o atingiam, no limite do tempo, já era interpelada por nova pergunta. Nesse cenário, entre memes²⁰ que remontam à “luta” entre entrevistada e entrevistador (na maioria deles a candidata é posta no campo perdedor) e em meio a comentários acalorados,

¹⁹ Não paginado. Texto em revista eletrônica.

²⁰ Gênero textual digital constituído de imagem e pequenos textos, ampla e rapidamente difundidos em redes sociais e aplicativos de celular, remetendo a assuntos diversos e fatos de repercussão no cotidiano, com enfoque humorístico.

opiniões como a expressa na Revista Forum (de que não houve ganhos ou perdas, mas razoabilidade) dão o tom mais próximo de uma avaliação positiva.

É preciso considerar que, nesse sentido, há certa equivalência com a recepção da entrevista de Aécio Neves, uma vez que as avaliações sobre ambas consideram os papéis do entrevistador e do entrevistado. A diferença, contudo, está no fato de que Rousseff era, à época, candidata à reeleição, havendo, portanto, maior pressão sobre ela, num cenário em que vários problemas de corrupção vieram à tona, fragilizando a imagem do governo diante de uma disputa acirrada com o candidato tucano. Erros, nesse caso, poderiam ser fatais para o pleito, uma vez que o telejornal é conhecido por ser o mais popular entre os brasileiros.

Articulando essas avaliações ao que discutimos na subseção dedicada ao gênero textual entrevista (item 2.5.1), fica evidente que o jornalista Willian Bonner (principalmente), na busca por imprimir um tom mais crítico à entrevista, avançou sobre o princípio do destaque à figura do entrevistado, na medida em que falou por tempo demasiado e, em alguns momentos mais tensos, manteve um tom de insistência e um volume de interrupções que desestabilizaram o critério da polidez.

Com relação ao tempo excessivo de sua fala, consideremos dois aspectos ligados ao planejamento da entrevista. Primeiro, mesmo tratando-se de um texto falado, com previsibilidade de descontinuidades, sabemos que o jornalista roteiriza previamente suas questões, e isso pode contribuir para perguntas mais concisas e, conseqüentemente, mais curtas do que as lançadas por Bonner, que fez longas contextualizações e repetiu excessivamente termos (há, por exemplo, uma pergunta em que a palavra corrupção é repetida sete vezes). Segundo, numa entrevista ao vivo com duração de quinze minutos, se tem mais uma razão para administrar a interação de modo a garantir o espaço privilegiado do entrevistado.

Quanto à polidez, houve momentos em que as interrupções muito ásperas, em que ambos – entrevistador e entrevistado – revelaram tensão, gerada, em boa medida, pelo tom assumido pelo primeiro. Em nível de exemplificação, numa passagem em que Dilma Rousseff falava a Patrícia Poeta sobre a saúde, Willian Bonner a interrompeu por cinco vezes seguidas, tentando mudar o tema para a economia, demonstrando nítida impaciência, chegando ao ponto de tomar a fala e dar um fechamento – ele mesmo – para a argumentação de Rousseff (*não... a senhora já respondeu à Patrícia dizendo que não... que não é minimamente razoável... a*

senhora disse isso... então... vamos em frente...). A entrevistada, ainda encontra “fôlego” para completar a frase que iniciara (... *eu acho que nós... temos de melhorar a saúde... eu não tenho dúvida disso...nenhuma...*), e só assim passar ao próximo tema.

Veremos, a seguir, como os estudantes assimilam essas nuances dessa interação.

5.2.2 Recepção das entrevistas na oficina de retextualização (18/05/2016)

Após a exibição coletiva de cada entrevista, foi aberta uma discussão para verificar a sua recepção e repercussão entre os estudantes. Nesse caso, naturalmente, havia estudantes que se lembravam da exibição original, outros que não tinham visto. A entrevista com Dilma Rousseff foi a mais mencionada como já vista, em comparação com a de Aécio Neves, embora muitos dos estudantes demonstraram hesitação nesse reconhecimento, por ser a figura de Rousseff recorrente em programas, devido ao seu posto de presidente, e também porque, naquela campanha, ela esteve (assim como outros candidatos) em mais de um telejornal da Rede Globo de televisão. De todo modo, sendo estimulados a falar sobre suas impressões acerca das entrevistas, foi possível elencar alguns pontos de suas observações, topicalizados abaixo.

a) Sobre a entrevista com Aécio Neves

Quadro 7 – Tópicos de avaliação da entrevista de Aécio Neves

- fala com coesão (“texto arrumado”)
- tem poucas hesitações e reconstruções da fala (“fala flui” “o texto parece pronto”)
- tem um vocabulário culto, elaborado
- tem uma fala pouco fragmentada
- é pressionado pelo jornalista
- suas respostas “não vão direto ao ponto” (“enrola”/ “contextualiza e não chega onde queremos”)
- faz autoelogios, enquanto governador

- esforça-se para parecer calmo (entrelaça as mãos)
- sorri para a câmera e para os entrevistadores enquanto eles elaboram as perguntas, principalmente quando tocam em pontos tensos e problemáticos (“tem um sorriso forçado quando está desconfortável”)
- ironiza, em suas respostas (“dá piadinhas em Poeta”)

Elaborado a partir de dados da oficina de retextualização de 18.05.2016

b) Sobre a entrevista com Dilma Rousseff

Quadro 8 – Tópicos de avaliação da entrevista de Dilma Rousseff

- fala de modo pouco articulado (referência à coesão)
- gagueja/ hesita/ fala e se corrige
- tem um vocabulário simples
- tem uma fala muito fragmentada (“quebrada”)
- é pressionada pelos jornalistas de modo insistente, agressivo (“Bonner pega pesado”)
- suas respostas nem sempre contemplam o que foi perguntado (“dá voltas”/ “enrola”)
- fala do governo e usa plural (“nós”)
- esforça-se para parecer calma, mas sua voz exprime que está tensa
- sorri em alguns momentos

Elaborado a partir de dados da oficina de retextualização de 18.05.2016

c) Sobre a fala dos entrevistadores

Quadro 9 – Tópicos de avaliação do papel dos entrevistadores

- texto bem organizado
- vocabulário culto (desempenho esperado, por serem jornalistas)
- perguntas, em sua maioria, previamente elaboradas (explicando a linguagem e o texto)

- algumas hesitações para escolha de palavras (“para evitar maiores problemas”)

Elaborado a partir de dados da oficina de retextualização de 18.05.2016

Os participantes, nesse momento de exposição de suas impressões gerais sobre a entrevista, revelam tanto a compreensão de aspectos formais do texto, quanto aspectos pragmáticos do cenário em que os textos foram produzidos.

Sobre os turnos de fala de Aécio Neves, o seu texto oral foi considerado mais “elaborado” pelos estudantes. Estes reconheceram no texto do candidato maior fluidez, e vocabulário “culto” e pouca fragmentação. Verificam que há poucas reconstruções, correções e hesitações. Atribuem isso ao preparo linguístico (oratória) e também à preparação por que passam antes de eventos como entrevistas e debates, mas reconhecem que, apesar disso, suas respostas não são diretas e que nem sempre contemplam o que foi perguntado. Quanto ao cenário que se configura no momento das falas, foram levantados aspectos como: o esforço do entrevistado para transparecer tranquilidade (configurado pela leitura das mãos, entrelaçadas sobre a bancada); os sorrisos em momentos constrangedores/tensos (aparentemente forçados, na avaliação do grupo, como mais um recurso para demonstrar calma); a ironia da qual se utiliza em dados momentos, como forma de “contra-ataque” a perguntas incômodas (ao dizer que a fazenda de sua família é “um sítio” e ao retrucar Poeta, e afirmar, rindo, que é o Eduardo Azeredo quem o apoia, e não o contrário); entre outros.

Sobre os turnos de fala de Dilma Rousseff, e seguindo a mesma linha de análise, os estudantes consideraram sua linguagem “simples”, seu texto pouco articulado e fragmentado, sobretudo pelo conjunto de elementos interacionais, hesitações, correções, que embora sejam compatíveis com a configuração do texto falado, prejudicaram, na avaliação do grupo, o desempenho da candidata, no pouco tempo disponível para mostrar suas propostas (não se pode abandonar aqui a ideia de que tal avaliação seja bastante rigorosa, sobretudo por haver, implicitamente, a comparação com as falas do outro entrevistado). Suas respostas, a exemplo do que foi avaliado na entrevista anterior, nem sempre alcançaram devidamente o que foi perguntado, mas, de um modo geral, consideraram o(s) entrevistador(es) muito duros, o que, segundo eles, justifica algumas “cortadas” da candidata (referindo-se a trocas

de turno mais abruptas, ou à manutenção insistente de uma fala, para concluir um raciocínio, mesmo quando os entrevistadores tentavam assumir o turno). O nervosismo foi considerado mais aparente em tópicos mais tensos e de embate com os jornalistas, embora, de um modo geral, tenham considerado “bom” o seu controle, inclusive, seus “risos” não foram vistos com negatividade pelo grupo, ao contrário da leitura feita com o candidato Aécio Neves.

As falas dos entrevistadores, para os estudantes, é linguisticamente compatível com as expectativas para um telejornal: texto estruturado, fluido, com vocabulário cuidadoso (eles, inclusive, chamam a atenção para momentos em que os jornalistas pausam a fala, buscando as palavras adequadas ao contexto). Quanto ao teor dessas falas, a avaliação é de que foram “agressivas”, causando algum constrangimento na entrevistada e uma tensão no ambiente.

A importância de se verificar como os participantes “receberam” e “perceberam” as entrevistas, reside no fato de que isso encontra-se na base da interpretação desses textos-base, e na articulação de elementos que vão definir os sentidos desses textos. Nesse cerne, portanto, esses referenciais de partida são preponderantes para a retextualização e, conseqüentemente, para os textos-alvo, na medida em que antecipam o ponto de vista dos participantes sobre os textos e projetam-se nas transformações textuais.

5.3 ENTREVISTAS RETEXTUALIZADAS: O QUE DIZEM OS TEXTOS-ALVO

5.3.1 Quanto ao tratamento do gênero textual (manutenção ou não do gênero textual entrevista)

Como descrito na seção metodológica, e ratificado em outros momentos deste estudo, o *corpus* constitui-se das entrevistas escritas, oriundas da retextualização das entrevistas orais dos candidatos à presidência. Na base da proposta de atividade de retextualização, foi utilizado como enunciado: “*A partir da entrevista do candidato (fulano de tal), concedida ao jornal nacional e previamente discutida, depreenda a sua transformação em entrevista escrita, em moldes de publicação (em revista, jornal, meio eletrônico).*” Assim, o gênero textual de referência para os estudantes é a entrevista escrita (impressa).

Dentre as 22 amostras de participantes que realizaram a atividade, 17 realizaram a retextualização atendendo ao gênero proposto para o texto-alvo. Em 5 das amostras, contudo, houve retextualização, porém com a produção de um texto-alvo de gênero diverso daquele solicitado na proposta. Nelas, os participantes:

- a) fizeram uma síntese narrativa da entrevista em discurso indireto

Quadro 10 – Excertos com síntese narrativa das entrevistas

<p>I. <i>“ A presidente Dilma Rousseff afirma que não se importa com os julgamentos realizados pelo próprio Supremo Tribunal, e diz que isso é problema de outros órgãos pois tem vários motivos pessoais para não se preocupar e respeitar. De acordo com sua entrevista Dilma afirma que não tem interesse com respeito a julgamentos do Supremo Tribunal, que é a mais alta instância do poder judiciário brasileiro e acumula competências típicas de uma Suprema Corte e de um Tribunal Constitucional.”</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(RD1/ entrevista com Dilma Rousseff)</i></p>
<p>II. <i>“No dia 18 de agosto de 2014 a “presidenta” Dilma Rousseff concedeu uma entrevista ao Jornal Nacional, onde respondeu a algumas perguntas que lhe foram direcionadas. Em umas das perguntas a “presidenta” é questionada sobre a saúde no Brasil e a mesma afirma que no país não há médicos formados, o que vem de consequência da educação precária que é exercida em uma grande parte das escolas, seja pública ou privada. A mesma também afirma que a saúde está minimamente precária em nosso país.”</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(RD6/ entrevista com Dilma Rousseff)</i></p>

- b) elaboraram comentário (s) sobre a entrevista

Quadro 11 – Excertos com comentários críticos sobre as entrevistas

<p>III. <i>“ No tenso dialogo, William Bonner faz ataques diretos, ao PT, e seu suposto comportamento. A fracassada intenção deste, contradizer as ideias, e indispor a candidata à reeleição, se tornou clara. Mas, as habilidades destas, mostrou sua competente conduta.”</i></p> <p style="text-align: right;"><i>(RD9/ entrevista de Dilma Rousseff)</i></p>
<p>IV. <i>“A favor dos argumentos de Aécio Neves! Apesar de alguns “deslizes” durante sua entrevista, ele conseguiu responder objetivamente o que foi perguntado. Aécio precisa urgentemente começar a falar “ao coração” da plateia. Por muitas vezes tentaram “apertá-lo” mas suas respostas pareciam que já estavam ensaiadas para as perguntas. Apesar das perguntas muitas vezes estarem maliciosas. A “agressividade” injustificada em algumas perguntas contra Aécio é um exemplo evidente deste cerceamento da liberdade dos jornalistas. Isso nos leva ao segundo ponto: o desempenho de Aécio na entrevista. E minha análise é a de que ele pode vencer as eleições, mas somente por que o governo</i></p>

Dilma tem sido um desastre. Claro que ele é muito mais qualificado que Dilma e tem plenas condições de fazer um governo muito melhor (o que, convenhamos, não é difícil). Mas o problema é que a estratégia política dele é infinitamente frágil em relação à estratégia dos governistas. E a linguagem corporal precisa melhorar. ”

(RA2/ entrevista com Aécio Neves)

c) Fizeram uma análise, mesclando trechos narrativos, descritivos e comentários

Quadro 12 – Excerto de texto híbrido (análise com narração, descrição e argumentação)

V. “A entrevista com Aécio Neves foi a primeira de uma série de entrevistas realizadas no Jornal Nacional. Os jornalistas foram bastante rigorosos nas perguntas. O candidato, sempre com as mãos unidas em cima da bancada e sorrindo cada vez que a câmera o focalizava, se esforçou para parecer calmo.

Quando perguntado sobre medidas impopulares que tomaria em termos econômicos, o candidato não deixou claro se faria, por exemplo, aumento do preço dos combustíveis, mas deu a entender que “faria o que fosse preciso”, retomando que isso seria feito com “coragem”. Isso demonstra o temor em assumir publicamente ações “impopulares”, com reflexo direto no bolso do cidadão, pois isso poderia lhe tirar votos.

Os entrevistadores, fizeram muita pressão durante a entrevista e falaram de corrupção. Nesse ponto, o candidato chegou até a ser irônico em dois momentos: quando Patrícia Poeta pergunta sobre o apoio de campanha que ele recebe de Eduardo Azeredo, investigado por corrupção, ele fala que é o político que o apoia e não o contrário... e quando Willian Bonner pergunta sobre a fazenda de sua família envolvida no escândalo da construção de um aeroporto quando ele era governador de Minas Gerais, ele ri e diz que a fazenda é apenas um sítio, que não tem fins comerciais. Nos dois casos ele busca diminuir a importância do que é mostrado pelos jornalistas.

Ele tem uma fala bem organizada e sempre procura dar exemplos do seu governo, em Minas, exaltando a saúde do estado e dizendo que até os especialistas da USP tinham elogiado. Ele termina falando sobre suas propostas e tenta demonstrar uma preocupação com o povo. No geral, por ter uma fala bem construída, ele parece se sair bem, mas suas respostas dão voltas e não acho que ele responde tudo.”

(RA11/ entrevista de Aécio Neves)

Inicialmente, é preciso esclarecer que as amostras acima elencadas, apesar de não se adequarem ao gênero proposto na atividade, são exemplos de retextualização.

Como podemos verificar, em suas sínteses e/ou comentários acerca das entrevistas, os participantes transformam o texto-base em outro texto, conservando alguns de seus componentes originais e alterando outros, seja na forma, seja no conteúdo. Nesse caso, além da modalidade (oral-escrita), alterou-se o gênero textual (entrevista – síntese; entrevista – comentário crítico).

Ocorre que, tanto no caso das sínteses, quanto nos comentários, há movimentos interpretativos perceptíveis nos textos-alvo. É possível verificar, através dos recortes utilizados na construção das sínteses, uma seleção de informações dos textos-base que constituem uma dada imagem do entrevistado. Nesse caso, o texto-alvo não emite uma opinião, mas fornece elementos na sua construção, que permitem inferir sua perspectiva. Os excertos I e II identificados anteriormente apresentam sínteses com uma seleção de informações com efeito negativo para as falas da entrevistada. No primeiro caso, o sentido principal é de que a presidenta – e então candidata à reeleição – não se importa ou não se preocupa com as ações do STF, ressaltando que se trata da mais alta corte do país. Nesse movimento, escolhendo esse tópico para representar o todo da entrevista, a imagem que se cria para Dilma Rousseff, é de certa arrogância na relação entre os poderes, o que é algo indesejável para pessoas que exercem o poder. No segundo, a seleção põe em destaque a questão da saúde, e estabelece a relação: baixo número de médicos formados no Brasil – educação precária (que não dá condições para tal formação) – saúde precária (como consequência). O texto base traz esses elementos, porém dentro de uma estrutura argumentativa que visa justificar a necessidade do programa Mais Médicos, que traz profissionais estrangeiros para atuarem no país, no intuito de garantir atendimento imediato para as pessoas, enquanto vão se corrigindo os quadros de formação, processo de longo prazo. Outro argumento relevante empregado na contextualização da entrevistada, e não selecionado pelo retextualizador é o de que, do quadro de médicos formados no país (já insuficientes para a demanda), a maioria não quer trabalhar no interior, concentrando-se mais nas capitais, o que amplia a carência desses profissionais em cidades mais distantes, agora minimamente atendidas pelo programa Mais Médicos.

Os comentários contidos nos excertos III e IV, assim como a análise contida no exemplo V, diferem dos primeiros pelo tipo textual, uma vez que formulam sequências predominantemente argumentativas. Nesse caso, o texto-alvo reveste-se de um

caráter diferente do primeiro, pois o ponto de vista passa a ser explicitado em forma de opinião, de avaliação do retextualizador, como exigência própria do tipo escolhido. Assim, ao mesmo tempo em que temos a formulação de imagens acerca da entrevista, isso parece ganhar um corpo específico e “extra” texto-base, na medida em que se trata do juízo de valor do retextualizador sobre o texto, e não sobre o que diz, à risca, esse texto. Trata-se, portanto, de uma reflexão “sobre” o texto-base, e não de uma modificação em sua estrutura. Vale nos ater ao fato de que, nas amostras que se mantiveram dentro do gênero norteador da pesquisa e que passaremos a analisar, esse movimento argumentativo (esse juízo de valor “sobre” o texto) por pressuposição do gênero textual, não constará enquanto corpo próprio, mas poderá ser percebido, assim como nos excertos I e II, pela natureza das escolhas feitas por cada participante.

De resto, cabe dizer que nessas três últimas amostras há a tomada de posição positiva sobre Dilma Rousseff (III), como se ela saísse vencedora sobre o jornalista; positiva sobre Aécio Neves (IV), considerado “mas preparado que Dilma” e igualmente vitorioso sobre o entrevistador e a “agressividade” de suas questões; ponderada sobre Aécio Neves (V), na qual a descrição e a narração de trechos da entrevista vêm seguidos de comentários que tentam fazer um diagnóstico sobre a postura do candidato, linguística e corporalmente falando (fala das mãos, do riso, do olhar, de seu texto, etc).

Quanto às 17 amostras que contemplaram o gênero entrevista escrita, todos utilizaram o esquema pergunta-resposta, e a maioria (14 amostras) fizeram uma apresentação antes do “corpo” da entrevista, propriamente dito. Em 11 dos textos-alvo, foi selecionado um ou mais olhos, que serão analisados em categoria específica.

5.3.2 Quanto à realização das Operações de regularização e idealização: elementos associados à editoração do texto escrito

5.3.2.1 Eliminação de marcas interacionais, hesitações e partes de palavras

Em se tratando dos processos de elaboração do texto oral e do texto escrito, sabemos que o texto oral – no caso da fala espontânea – é produzido e publicizado simultaneamente, diferentemente do texto escrito, no qual se tem acesso a um produto final, estando ocultas as etapas de reelaboração e correção. Por essa relação

de simultaneidade, ficam expostas no texto oral as correções, hesitações, reelaboração de frases, além de haver a possibilidade de existirem marcas interacionais, oriundas da direta relação entre o falante e o seu interlocutor.

No caso específico do nosso texto-base, devido ao contexto de sua produção (exibição em cadeia nacional; falantes cultos; situação formal de comunicação; e alto grau de monitoramento da fala), a recorrência desses elementos é baixa, se comparada a situações mais espontâneas.

Vejamos alguns desses elementos e como são processados na retextualização:

a) **Hesitações**

ah..., eh..., e..., o...

b) **Elementos lexicalizados ou não-lexicalizados tipicamente produzidos na fala (marcas interacionais)**

bom, então, olha, veja só, veja bem, só um pouquinho (como retomada de fala)

c) **Segmentos de palavras iniciadas e não concluídas**

os pocur...; as c...; inf...; re...; con...; rep...; ac...; não fa...

Quadro 13 - Excertos de realização da 1ª operação – Hesitações

Texto-base	Texto-alvo
<p>WILLIAM BONNER: <i>(excerto da fala 2)</i></p> <p><i>“qual é a dificuldade de... desde o início... se cercar de pessoas honestas...que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta... e que evite essa situação que nós...vimos... de repetidos casos... de... ah...corrupção...não há uma sensação...ah... não pode haver uma sensação no ar de que o PT... eh...descuida da questão ética ou da questão da corrupção?”</i></p>	<p>WILLIAM BONNER: <i>(excerto da fala 2-RD 2)</i></p> <p><i>“qual é a dificuldade de, desde o início, se cercar de pessoas honestas, que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta e que evite esta situação que nós vimos, de repetidos casos de corrupção? Não há uma sensação no ar de que o PT descuida da questão ética ou da questão da corrupção?”</i></p>

As hesitações, assim como as partes de palavras (termos iniciados e corrigidos) são automaticamente pinçados do texto-base, não havendo repercussão para o texto-alvo, exceto se estas pudessem ser tomadas por aspectos pragmáticos da situação

de fala (como reveladores de algum desconforto ou tensão do entrevistado, por exemplo) e se algum dos retextualizadores, de algum modo, criasse mecanismos de expor essa instabilidade no texto-alvo, com vistas a estabelecer uma imagem específica ao entrevistado. Nas amostras em análise, contudo, isso não foi observado.

Quadro 14 - Excertos de realização da 1ª operação – Partes de palavras

<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 3)</p> <p><i>“Porque também escolhemos com absoluta isenção... os pocur... os procuradores... outra coisa... fomos nós que criamos as c ...a Controladoria Geral da União... que se transformou num órgão forte e que também investigou e descobriu muitos casos...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 3 – RD 2)</p> <p><i>“porque também escolhemos, com absoluta isenção, os procuradores. Outra coisa: fomos nós que criamos a Controladoria-Geral da União, que se transformou num órgão forte e também que investigou e descobriu muitos casos.”</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 16)</p> <p><i>“Eu vou te falar uma coisa... Bonner...eu sou presidente da República...eu... não faço nenhuma observação... sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal...por um motivo muito inf...muito simples...sabe por quê Bonner... porque a Constituição... ela exige que o presidente da República...como exige dos demais... é::: chefes de poder... que nós respeitemos e... e... re... e consideremos a importância da autonomia... dos outros órgãos...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 16 – RD 2)</p> <p><i>“Eu vou te falar uma coisa, Bonner, eu sou presidente da República. Eu não faço nenhuma observação sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal, por um motivo muito simples: sabe por que, Bonner? Porque a Constituição ela exige que o presidente da República, como exige dos demais chefes de Poder, que nós respeitemos e consideremos a importância da autonomia dos outros órgãos.”</i></p>

Quadro 15 - Excertos de realização da 1ª operação – Elementos interacionais

Texto-base	Texto-alvo
<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 18)</p> <p><i>“Olha Patrícia... nós ainda tivemos e ainda temos muito problema... problemas a enfrentar.. e desafio a enfrentar... na saúde...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF: (excerto da fala 18 – RD 3)</p> <p><i>“Nós tivemos, e ainda temos muitos problemas a enfrentar e desafios a enfrentar na Saúde.”</i></p>

<p>WILLIAM BONNER: <i>(excerto da fala 8)</i></p> <p>“Bom... entre as medidas que a senhora providenciou depois de alguns escândalos esteve o afastamento de alguns ministros...”</p>	<p>WILLIAM BONNER: <i>(excerto da fala 8 – RD 3)</i></p> <p>“Bom, entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros.”</p>
<p>DILMA ROUSSEFF: <i>(excerto da fala 45)</i></p> <p>“.Veja bem... veja bem...eu não sei... ‘daonde’ que estão os seus dados... mas nós temos...”</p>	<p>DILMA ROUSSEFF: <i>(excerto da fala 45 – RD 2)</i></p> <p>“Veja bem, Bonner. Eu não sei, eu não sei de onde que estão seus dados, mas nós estamos...”</p>

Esses elementos são reconhecidos mais facilmente como “estranhos” à estrutura da escrita, de modo que a operação de eliminação dessas marcas é realizada em todas as amostras, havendo, contudo, algumas marcas interacionais remanescentes no texto-final, sobretudo aquelas muito frequentes na fala, incluindo situações formais. Como exemplo disso, o Retextualizador (RD 2) manteve a marca interacional “veja bem”, em: “ **Veja bem, Bonner. Eu não sei, eu não sei de onde que são seus dados, mas nós estamos [...]**”. Analogamente, o Retextualizador (R3) manteve a marca “bom”, na estrutura “**Bom, entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros. ”**

Essas formas são, de algum modo, naturalizadas em diversas situações de comunicação (em apresentações de trabalhos, em seminários, em aulas e palestras), de modo a serem mantidas nas construções escritas sem grande estranhamento por parte dos sujeitos. Esses elementos integram, como vimos na Seção 3, o fenômeno da hesitação e indicam um momento de planejamento do texto, na medida em que a entrevistada e o entrevistador vão “escolhendo as palavras”, ou organizando o pensamento. Tanto na avaliação da entrevista feita oralmente, quanto na retextualização, os estudantes não demonstraram interesse por esse componente, deixando, por exemplo, de observá-lo como uma atividade textual-discursiva, embora isso seja compreensível no grupo secundarista.

5.3.2.2 Introdução da pontuação com base na intuição fornecida pela entoação das falas

No fluxo da produção do texto oral, a entonação é o elemento que marca as pausas e nuances da fala, dando expressividade, auxiliando a distribuição de turnos

de fala, ordenando argumentos. Ao efetuar a transformação, o retextualizador usa essa entoação como referência para pontuar o texto, valendo-se de conhecimentos linguísticos importantes. Esta segunda operação não contempla um detalhamento dessa pontuação, mas uma divisão marcada pelas pausas do falante. Trata-se de uma marcação que substitui elementos prosódicos pelos elementos gráficos, no que seria uma primeira interpretação desse texto-base.

Quadro 16- Excertos de realização da 2ª operação

Texto-base	Texto-alvo
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 22)</p> <p>“Eu não vou tomar nenhuma posição Bonner...que me coloque...em confronto... conflito.. é...ou... aceitando ou não.. eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira... isso não é uma questão subjetiva...para mim exercer o cargo de presidência...eu tenho de fazer isso”</p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 22– RD 10)</p> <p><i>“Eu não vou tomar nenhuma posição que me coloque em confronto, conflito, ou aceitando ou não. Eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira. Isso não é uma questão subjetiva. Para exercer o cargo de presidência tenho de fazer isso.”</i></p>

O fragmento tomado acima como ilustração da 2ª operação demonstra o caráter mais intuitivo fornecido pela prosódia no texto-base. Observemos que há vírgulas pontuando a sequência do primeiro período, e há pontos de segmento nos períodos subsequentes, todos curtos e simples. Não há, do ponto de vista do emprego dessa pontuação, nenhum erro, propriamente. Contudo, a frequência no uso de pontos de segmento em *“Eu respeito à decisão da Suprema Corte brasileira./ Isso não é uma questão subjetiva./ Para exercer o cargo de presidência tenho de fazer isso”* sugere que o retextualizador guiou-se pelas pausas da fala, paradas abruptas no contexto da elaboração do texto oral e traço bastante comum nas falas da entrevistada, mas que não significariam, necessariamente, a exigência dos pontos, na estrutura escrita. Nessa modalidade, mesmo a pontuação tendo sido feita na superfície do texto - tendo por norte a entoação, e sem um detalhamento (vide 4ª operação) – a sequência dá um tom enfático às falas, sugerindo que a entrevistada produziu sentenças sucintas, porém firmes, seguras.

5.3.2.3 Retirada de repetições, reduplicações, redundâncias, paráfrases e pronomes egóticos

Nesta operação, identificam-se elementos repetidos, muito frequentes nos textos orais, assim como os pronomes egóticos (eu, nós), cuja identificação, na escrita, é mais marcada desinencialmente pelo verbo. A eliminação dessas marcas reduplicadas e redundantes, funciona como um enxugamento do texto, mas não representa uma condensação de ideias, tal qual veremos na 9ª operação. Trata-se de uma “varredura” em estruturas que atendem à necessidade da oralidade, em sua expressão, mas que na escrita constitui um “defeito”, um vício, enfim, um desvio da norma dessa modalidade.

Pela nitidez com a qual essas estruturas aparecem no texto-base, a sua redução, no texto-final, é bastante perceptível. Ainda assim, podem permanecer algumas formas repetidas sobretudo quando não estão muito próximas no interior do período.

Quadro 17- Excertos de realização da 3ª operação

Texto-base	Texto-alvo
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 30)</p> <p><i>“...não acho... não acho... até porque Patrícia... o Brasil precisa também de uma reforma federativa... porque há responsabilidades federais... estaduais e municipais...nós assumimos...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 30 – RD 10)</p> <p><i>“Não acho, até porque o Brasil precisa também de uma reforma federativa, porque há responsabilidades federais, estaduais e municipais. Assumimos [...]”</i></p>
<p>WILLIAM BONNER: (fala 15)</p> <p><i>“E em relação ao seu partido... se partido teve um grupo de elite de... pessoas corruptas...comprovadamente corruptas... eu digo isso porque foram julgadas... condenadas e mandadas pra cadeia pela mais alta corte do judiciário brasileiro...eram corruptos... e o seu partido...tratou esses condenados por corrupção como...guerreiros!...como vítimas...como...pessoas que não mereciam esse tratamento...vítimas de uma injustiça... a pergunta que lhe faço... isso não é... ser condescendente com a corrupção... candidata?”</i></p>	<p>WILLIAM BONNER: (fala 15 – RD11)</p> <p><i>“E em relação ao seu partido, este teve um grupo de elite de pessoas comprovadamente corruptas, que foram julgadas pela mais alta corte do judiciário brasileiro. Essas pessoas foram tratadas como guerreiros ou vítimas pelo seu partido. Isso não é ser condescendente com a corrupção?”</i></p>
<p>AÉCIO NEVES (fala 8)</p> <p><i>“Nós vamos... nós vamos... nós vamos tomar as medidas necessárias... é óbvio que nós vamos ter que viver um processo...”</i></p>	<p>AÉCIO NEVES (fala 8 – RA 5)</p>

<p>de realinhamento desses preços... quando... e como... obviamente quando você tiver os dados... sobre a realidade do governo...é que você vai...é... estabelecer isso... eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário... as medidas necessárias...para controlar a inflação...retomar o crescimento.”</p>	<p>“Nós vamos tomar as medidas necessárias. Claro que vai haver mudanças na inflação. Obviamente, quando você tiver os dados sobre a realidade do governo é que você vai estabelecer isso. Eu não vou temer tomar as medidas necessárias para controlar a inflação, retomar o crescimento e, principalmente, a confiança perdida no Brasil.”</p>
---	--

Nos excertos acima, temos a ocorrência de reduplicação (“*não acho, não acho*”), (nós vamos, nós vamos, nó vamos); pronome egótico (*nós*); e repetições de palavras (“*corruptas/corruptos*”, “*partido*”, “*vítimas*”, “*necessário/necessárias*”). Em todos os casos, essas construções são retiradas.

Nas amostras em estudo, a execução desta operação não apresentou repercussão nos sentidos das sequências textuais, mas funcionou perfeitamente na transição entre o texto oral e o escrito.

5.3.2.4 Introdução da paragrafação e pontuação detalhada sem modificação da ordem dos tópicos discursivos

A pontuação detalhada do texto, assim como a paragrafação, ocorrem em função da marcação de conjuntos temáticos e informacionais.

Quadro 18 - Excertos de realização da 4ª operação

Texto-base	Texto-alvo
<p>WILLIAM BONNER (excerto da fala 42)</p> <p><i>“a inflação anual...tá no teto... daquela meta estabelecida pelo governo... tá em 6,5 por cento... a economia encolheu 1,2 por cento no segundo trimestre desse ano... e tem uma previsão de crescimento baixíssima... pra esse ano... menor do que um por cento... o superávit do primeiro semestre desse ano foi o pior dos últimos catorze anos... [...] e aí eu lhe pergunto... a senhora considera justo ora... olhando pros números da economia... ora culpar o pessimismo... ora culpar a crise internacional...pelos problemas... ah... o seu governo... não tem nenhum papel... nenhuma responsabilidade nos resultados que estão aí?”</i></p>	<p>WILLIAM BONNER (excerto da fala 42 -RD 4)</p> <p><i>“A inflação, neste momento, está no teto daquela meta estabelecida pelo governo, de 6,5%. A economia encolheu 1,2% no segundo trimestre desse ano e tem uma projeção de crescimento baixíssima para esse ano, menor do que 1%. O superávit do primeiro semestre foi o pior dos últimos 14 anos. E eu lhe pergunto: a senhora considera justo, olhando para os números da economia, ora culpar o pessimismo, ora culpar a crise internacional pelos problemas?”</i></p>
<p>AÉCIO NEVES (fala 24)</p> <p><i>“[...]o que que é o Bolsa Família...Patrícia? O Bolsa Família é a junção... do Bolsa Escola...do Bolsa Alimentação e do Vale-Gás... que vieram do governo do presidente Fernando Henrique... e corretamente o</i></p>	<p>AÉCIO NEVES (fala 24 – RD 6)</p> <p><i>“O que é o Bolsa Família, Patrícia? O Bolsa Família é a junção do Bolsa Escola, do Bolsa Alimentação, do Vale Gás, que vieram do governo do presidente Fernando Henrique. O Prouni é uma</i></p>

<p>presidente Lula os unificou... e adensou... eu não só vou continuar com o Bolsa Família... como eu quero que além da privação da renda... as pessoas que o recebem... possam ter uma ação do estado para que outras carências... eh.. de saneamento.. de educação.. de segurança...possam também ser sanadas... o Prouni... é uma inspiração... ah...de uma experiência do governo de Goiás...todo mundo de alguma forma copia e aprimora...e ninguém tem que ter... vergonha disso... o meu governo... ele vai ser... renovador... no padrão ético... na.. no padrão moral... em relação... a esse governo... e vai ampliar as boas políticas... mas certamente vai ser um governo que vai resgatar... a capacidade do Brasil crescer”...</p>	<p>inspiração de uma experiência do governo de Goiás. Todo mundo, de alguma forma, copia e aprimora e ninguém tem que ter vergonha disso. O meu governo, ele vai ser renovador no padrão ético, no padrão moral, em relação a esse governo, e vai ampliar as boas políticas. “</p>
---	--

No fragmento acima, pode-se observar um uso dessas formas de pontuação em situações nem sempre “pacíficas” entre estudantes, ainda que em grupos de séries do Ensino Médio. Baseado em elementos fornecidos pela fala, nessa operação, levemente diferente da segunda, a pontuação não é intuitiva, nem arbitrária (marcada pelas nuances da pronúncia, exclusivamente). Ela apresenta maior complexidade, e maior mobilização de recursos, de modo a expor uma espécie de ordem hierárquica dentro dos parágrafos. Assim, encontramos:

- a vírgula: para isolar o adjunto adverbial (“*neste momento*”); para marcar a elipse (*estabelecida pelo governo*, [que é] *de 6,5%*); isolar oração intercalada (“*olhando para os números da economia*”); separar coordenadas alternativas (“*ora culpar o pessimismo, ora culpar a crise internacional*”).

- dois-pontos: marcando uma pausa mais abrupta, muito comum na marcação de diálogos, de enunciações.

- o ponto de segmento: separando tópicos discursivos.

Cabe ressaltar que, na entrevista, a dinâmica de troca de turnos e a extensão relativamente curta das sentenças não permitiu observar a presença de mais de um parágrafo em cada segmento de fala. Isso porque os estudantes entendem cada fala como um parágrafo, já que em cada um desses segmentos não há uma mudança de tópico que justifique uma divisão. Contudo, a estruturação interna dos parágrafos também é indicador desse ordenamento textual.

Apesar de a pontuação também poder exercer um papel importante na alteração de sentidos de uma dada sequência textual, nas amostras estudadas, na execução dessa operação não se observou nenhum movimento de pontuação com esse efeito. Em geral, o emprego da pontuação baseou-se, além da entonação do falante, na organização de tópicos de informação.

5.3.3 Quanto à realização das Operações de transformação: movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos positivos (positivização)

A análise dos textos-alvo permitiu a constatação de movimentos, quando da execução de algumas operações de retextualização, com repercussões para os sentidos. Um bloco considerável dessas transformações, aponta para a seleção de estruturas e sentidos que promovem a positivização discursiva, reelaborando, assim, a imagem dos entrevistados, ou mesmo suavizando momentos tensos e/ou críticos de suas falas, conforme veremos nas subseções a seguir.

5.3.3.1 Positivização por meio de reordenação sintática e encadeamento (6ª operação)

Essa operação é marcada pelo componente sintático, e atua essencialmente na eliminação de truncamentos comuns na fala, promovendo maior fluidez ao texto escrito por reordenar estruturas sintáticas e encadear as ideias, às vezes “embaralhadas” na articulação oral.

Como já dito, o contexto formal de produção da entrevista, assim como a sua veiculação ao vivo, em rede nacional, gera um monitoramento maior da fala, de modo que problemas mais superficiais como a concordância são pouco recorrentes. O mesmo, contudo, não se pode dizer do truncamento sintático nas exposições, que, não-raro, precisam de ajustes, conforme demonstrado nos recortes que se seguem.

Quadro 19 – Excerto positivamente por reordenamento sintático e encadeamento

Texto-base	Texto-alvo
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 3)</p> <p>Bonner... não pode não... sabe por quê? ...porque nós...justamente fomos aquele governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção...a irregularidade... mal... e maus feitos... por exemplo... a Polícia federal no meu governo e no do presidente Lula ganhou imensa autonomia para investigar...pra descobrir...pra prender... além disso nós tivemos uma relação muito respeitosa com o Ministério Público...nenhum Procurador Geral da República foi chamado no meu governo ou no do presidente... Lula... de engavetador geral da República...por quê? Porque também escolhemos com absoluta isenção... os pocu... os procuradores... outra</p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 3 – RD 11)</p> <p><i>“Não, porque constituímos o governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção. A Polícia Federal no meu governo e no do presidente Lula ganhou imensa autonomia. Além disso, nós tivemos uma relação muito respeitosa com o Ministério Público. Nenhum Procurador Geral da República foi chamado no meu governo, ou no do presidente Lula, de engavetador geral da República. Isso porque também escolhemos os com absoluta isenção e criamos a Controladoria Geral da União, que se transformou num órgão forte e que investigou e descobriu muitos casos. Nós criamos a lei de acesso à informação, criamos no governo um portal da transparência. Quero dizer também que</i></p>

<p>coisa... fomos nós que criamos as c ...a Controladoria Geral da União... que se transformou num órgão forte e que também investigou e descobriu muitos casos... terceiro... aliás eu já tô no quarto...nós criamos a lei de acesso à informação...criamos no governo um portal da transparência... mas eu quero te dizer uma coisa... nem todas as denúncias de escândalo, Bonner, resultaram em...realmente... a constatação que a pessoa tinha de ser punida...e tinha... e seria condenada...pelo contrário...</p>	<p><i>nem todas as denúncias de escândalo resultaram constatação de crime ou punição.”</i></p>
--	--

Primeiro, no que tange às questões de concordância e regência, na entrevista da candidata Dilma Rousseff houve baixa ocorrência de desvios, em razão do já mencionado monitoramento. A reconstrução das estruturas truncadas, por sua vez, é reveladora de um processo interpretativo, mas também de um processo seletivo. Ordena-se sintaticamente o texto a partir do que o retextualizador seleciona como tópico importante ou não. Elimina-se o truncamento a partir de uma leitura do que seria o ordenamento sintático ideal para garantir a clareza e o aproveitamento da informação.

A retextualização do excerto (quadro 19) mantém a mesma estrutura enumerativa do texto-base, retirando, contudo, elementos que nublam a parte mais substancial da informação, demonstrando, no texto-final, uma firmeza na condução da fala da entrevistada. As ações governamentais de dar autonomia à Polícia Federal, manter uma relação respeitosa com o Ministério Público, estimular o trabalho da Procuradoria Geral da República, escolher de forma “neutra” de procuradores, criar e fortalecer a Controladoria Geral da União, além de mecanismos de “transparência pública”, dispostas sem as intercalações e marcações da oralidade, desempenham a função de reforçar, ao mesmo tempo, a ideia de isenção e luta pelo combate à corrupção, mas também atribuem maior firmeza à imagem da entrevistada, em cuja entrevista, passa por dura pressão dos entrevistadores.

O núcleo de informação é mantido, contudo, o trabalho de ordenamento sintático exclui estruturas e realça outras, interferindo no sentido e projetando uma “imagem” positiva do interlocutor (imagem de firmeza, segurança, clareza, credibilidade).

5.3.3.2 Positivização por meio de tratamento estilístico (7ª operação)

A realização desta operação tem por essência a seleção de formas lexicais e sintáticas mais elaboradas, tidas como mais adequadas ao texto escrito. Trata-se de uma alteração estilística, substituindo formas coloquiais (ou não), e dando um tratamento mais “sofisticado” ao texto. Mais uma vez, a postura de monitoramento, assim como o contexto de produção do texto-base já induz a escolhas lexicais próximas desse formato, resguardadas formas coloquiais recorrentes (cê – você; tá – está; tô – estou ...) no português falado no Brasil.

Algumas substituições, contudo, têm repercussões além da questão estilística, uma vez que escolhas sintáticas podem ter desdobramentos semânticos.

Quadro 20 - Excertos de positivização por tratamento estilístico (7ª operação)

Texto-base	Texto-alvo
<p>PATRÍCIA POETA (excerto da fala 23)</p> <p><i>“seu governo disse que investiu muito na área de saúde... e essa continua sendo a maior preocupação dos brasileiros...segundo uma pesquisa do Instituto Data Folha... e isso depois de doze anos de governos do PT... ou seja...mais de uma década candidata... não foi tempo suficiente pra colocar esses problemas nos trilhos...não?”</i></p>	<p>PATRÍCIA POETA (excerto da fala 23 – RD 11)</p> <p><i>“Seu governo revelou ter investido muito na área de saúde, mas essa continua sendo uma preocupação dos brasileiros, segundo uma pesquisa do Instituto Data Folha, depois de doze anos de governos do PT. Esse não foi tempo suficiente para sanar o problema, candidata?”</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 58)</p> <p><i>“Muito obrigada... então... o que eu estou querendo dizer é que estamos superando a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir... gerando emprego e renda...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 58 – RD 11)</p> <p><i>“Muito obrigada. Quero dizer que estamos vencendo a dificuldade de uma crise, sem demitir, gerando emprego e renda!”</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 62)</p> <p><i>“Queria concluir dizendo o seguinte... eu acredito no Brasil...acho que mais do que nunca todos nós precisamos acreditar no Brasil... e diminuir... o pessimismo...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 62– RD 11)</p> <p><i>“todos nós precisamos acreditar no Brasil e ter mais otimismo.”</i></p>

<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 62)</p> <p><i>“acho que mais do que nunca todos nós precisamos acreditar no Brasil... e diminuir... o pessimismo...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 62 – RD 2)</p> <p><i>“Acho que, mais do que nunca, todos nós precisamos acreditar em nosso país e diminuir o pessimismo”</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 64)</p> <p><i>“E peço o voto dos... dos... telespectadores... peço o voto para o Brasil continuar... avançando...”</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (excerto da fala 64 – RD 11)</p> <p><i>“Peço o voto do povo brasileiro para o Brasil continuar avançando.”</i></p>
<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES(Falas 3-4)</p> <p>WILLIAN BONNER: A questão é a seguinte... o senhor... não vai fazer... essas medidas... que os economistas defendem... ou o senhor está procurando... não mencionar essas medidas porque elas são impopulares...</p> <p>AÉCIO NEVES: (Fala 4)</p> <p>Ô... Bonner... eu tenho dito em todos os fóruns... e aqui... a você... de forma muito clara... vou tomar as medidas necessárias para que o Brasil retome... o nível de crescimento minimamente aceitável...não é adequado... não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil... seja o lanterna do crescimento na América do Sul...e estejamos aí.. de novo com aquela agenda que achávamos já derrotada há tempos atrás como a da inflação... de novo a atormentar a vida do cidadão... da cidadã... brasileir () ...eu tenho tido a... oportunidade de me reunir... Bonner... com alguns dos mais talentosos economistas do Brasil... mas também na outra ponta também tenho conversado com as pessoas... que o brasileiro quer? ... transparência...um governo que tenha coragem de fazer aquilo que seja necessário... nós vamos sim... enxugar o estado... não é...é admissível... não é: razoável que tenhamos hoje...39 ministérios...eh...não s...apenas pelo custo dos ministérios...mas pela incapacidade deles apresentarem resultados...entregarem serviço de qualidade às pessoas...e estejamos hoje... vivendo uma política externa...cujo</p>	<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES(Falas 3-4 – RA 7)</p> <p>Willian Bonner: A questão é a seguinte: o senhor não vai fazer essas medidas que os economistas defendem? Ou o senhor está procurando não mencionar essas medidas, porque elas são impopulares?</p> <p>Aécio Neves: Eu tenho afirmado com clareza que é injustificável que o Brasil seja o último colocado em crescimento na América do Sul. As pessoas querem transparência e um governo com coragem de fazer aquilo que seja necessário. Nós vamos, sim, enxugar o estado. Não é admissível, não é razoável que nós tenhamos hoje 39 ministérios. Não apenas pelo custo dos ministérios, mas por sua incapacidade de apresentarem resultados, e servirem bem às pessoas.</p>

<p>alinhamento ideológico... é prioridade... sobre o pragmatismo... sobre o interesse real... do Brasil e da nossa economia... e tudo isso levou... a uma crise de confiança muito grande no Brasil Bonner...</p>	
---	--

Apesar de haver substituições lexicais na maioria das amostras, a maior parte delas concentra-se em trocas para evitar a repetição exagerada de termos, ou para completá-los, quando se encontram em forma reduzida. Os fragmentos selecionados no quadro 20 são aqueles que apontam para algumas repercussões relevantes no que tange a movimentos textuais com tendência a suavizar o teor de determinada questão ou assunto, estabelecer maior empatia entre o entrevistado e seu público-alvo, transparecer maior objetividade ou firmeza nas colocações, enfim, projetar aspectos positivizados no ato de comunicação.

O primeiro excerto, ainda que não seja uma fala dos entrevistados, merece atenção, pois como vimos nos referenciais de partida, o tom dos entrevistadores foi tomado como um elemento-chave nas entrevistas. Nele, há tanto novas escolhas sintáticas quanto lexicais com desdobramentos interessantes. No texto-base, o período “o seu governo **disse que** investiu muito na área da saúde e essa continua sendo **a maior** preocupação dos brasileiros” lança dúvida sobre esse investimento, confrontando o que o governo “disse”, como o que a população se preocupa. A construção dá conta de que parece não haver uma relação diretamente proporcional entre a (suposta) preocupação do governo e a (real) necessidade dos brasileiros. Além disso, o superlativo “maior”, em “maior preocupação” vem para, de algum modo, corroborar com essa ideia, remetendo ao quadro negativo da saúde no país.

Na retextualização desse período (RD 11), a estrutura sintática (subordinação) sofre alteração da forma “o seu governo disse que investiu”, para a forma “o seu governo revelou ter investido”. Em primeiro lugar, *dizer* e *revelar*, semanticamente têm diferenças fundamentais. Enquanto *dizer* tem seu significado mais próximo de “proferir”; *revelar* está mais aproximado semanticamente de “divulgar”, “propalar”, “tornar público”, “disseminar”. A nova construção dá maior força ao enunciado em questão, quebrando o tom de dúvida subjacente ao texto-base. Assim, “revelou ter investido” constrói uma imagem de maior credibilidade à informação, e ameniza o tom (dúvida) da questão.

Ainda no primeiro excerto, “*a maior preocupação*”, é retextualizado como “*uma preocupação*”. O efeito dessa opção léxica é imediato. Ora, “a maior preocupação”, como vimos, dimensiona o problema da saúde num nível máximo, maior do que todos os outros possíveis problemas, enquanto que “**uma** preocupação”, tal como posto no texto-alvo, atenua essa noção de hierarquia/gravidade do problema, que passa a ser “um” entre outros, e não o principal.

Por fim, nesse exemplo, o trecho “*Esse não foi tempo suficiente para sanar o problema, candidata?*” é um período no qual o pronome anafórico “esse” (*esse tempo*) substitui a expressão “*mais de uma década*”, suavizando a ênfase feita no texto-base quanto ao período de tempo considerado longo, e supostamente sem mudanças; assim como “sanar” aparece como opção léxica para substituir a expressão “colocar os problemas nos trilhos”. Vejamos, “colocar os problemas nos trilhos”, é uma expressão de uso corrente para indicar “ordenar, organizar, devolver a ordem”. Embora certamente fosse atingir uma compreensão imediata de vários públicos, foi tomada como forma coloquial, e a forma “sanar” (reparar, extinguir, desfazer), do ponto de vista estilístico, aproxima-se mais da idealização do texto escrito. Ocorre que “colocar nos trilhos” tem um apelo muito grande, do ponto de vista da imagem que cria (caos, desordem, que precisa voltar ao rumo), enquanto “sanar”, em sua robustez, faz o movimento contrário, “apagando” sumariamente a imagem de desordem, e remetendo à ideia de solução.

Tomado em bloco, esse primeiro excerto da tabela acaba por redimensionar a fala da jornalista, suavizando o tom áspero do tratamento e da dúvida sobre a ação do governo no campo da saúde; apagando o nível (hierárquico) do problema, do ponto de vista de quem o sofre; diminuindo a ideia do longo tempo no poder, sem ações efetivas; atenuando a imagem de desordem e caos.

No segundo exemplo do quadro, a forma “**superando a dificuldade**” é substituída por “**vencendo a dificuldade**”. Embora figurem como termos de mesmo valor semântico, “vencendo” parece gerar um apelo maior, minimizando a ideia de “processo” e remetendo à ideia de conclusão, de chegar ao fim, associadas ao ato de vencer. Ou seja, “esse problema está (praticamente) resolvido”.

O terceiro exemplo do quadro, por sua vez, faz um movimento de substituição por antônimos. Enquanto no texto-base “*nós precisamos acreditar no Brasil... e diminuir... o pessimismo...*”, no texto-alvo “*todos nós precisamos acreditar no Brasil*

e **ter mais otimismo.**” . Obviamente, “diminuir o pessimismo” não significa, com exatidão, que vamos ser otimistas, pois existe a opção da neutralidade. Contudo, o período original constrói um núcleo de positividade, ao conclamar as pessoas a acreditarem no Brasil. A substituição, nesse caso, retira o termo pessimismo, com valor negativo, e utiliza o termo otimismo, com valor positivo, harmonizando com o movimento argumentativo ascendente, de crença no futuro.

No exemplo seguinte, temos o mesmo excerto do exemplo anterior, transformado pelo retextualizador 2 (RD2). Nele, a substituição incide sobre o sintagma “no Brasil”, em *“acho que mais nós precisamos acreditar **no Brasil...** e diminuir... o pessimismo...”*, que é modificado para “nosso país”. Num primeiro plano, a opção por tal substituição pode ser explicada pelo fato de, anteriormente, na mesma fala, a entrevistada já ter utilizado o sintagma “no Brasil”, fomentando a troca para garantir melhor resultado coesivo. Há, entretanto, nessa fala, um tom apelativo, que marca o início do bloco de conclusão da fala da candidata, e no qual se buscam referenciais de emotividade. Para além da coesão, dizer que “precisamos acreditar em nosso país” garante a noção do pertencimento, da ideia de bem comum, muito pertinente no contexto em que se procura o convencimento e a empatia com o público.

No mesmo sentido, o penúltimo recorte apresentado no quadro traz o apelo final da fala da então candidata à reeleição. Enquanto, no texto-base, ela pede o voto “dos telespectadores”, no texto-alvo, reconstrói-se o sintagma, e o voto passa a ser “do povo brasileiro”. Ora, o termo “telespectadores” estabelece uma noção de distanciamento, de anonimato (ao telespectador). Há, nesse caso, uma linha separatória nítida, estabelecendo um efeito negativo. Ao selecionar o “povo brasileiro” como opção lexical, mais uma vez, são acionados elementos de identidade, de coletividade. O telespectador, neutro, genérico e “frio”, passa a ser “povo brasileiro”, circunscrito, marcado, vivo.

O exemplo extraído de retextualização da entrevista de Aécio Neves (último do quadro 20) mescla bem as novas estruturas sintáticas e as opções léxicas, bases da 7ª operação. Como resultado imediato, temos um texto mais enxuto, com uma progressão que vai de um diagnóstico sobre o crescimento brasileiro, passando por supostos anseios da população por medidas seguras, porém “corajosas” do governo,

para finalmente aproximar-se do que seria uma resposta à pergunta feita pelo entrevistador.

Primeiro, o retextualizador (RA 7) seleciona, em substituição ao período “Ô... Bonner... eu tenho dito em todos os fóruns... e aqui... a você... de forma muito clara...”, a construção “Eu tenho **afirmado** com **clareza**”. Valendo-se da seleção do verbo “afirmar” (mais específico) em lugar de “dizer”, e da locução “com clareza”, para dar mais peso ao trecho, que parte de uma forma “diluída e esparsa”, comum ao texto oral, para uma forma concisa, cujo emprego, no contexto, evoca o sentido da firmeza e do controle do entrevistado.

No período que se segue, (*que é **injustificável** que o Brasil seja o **último** colocado em crescimento na América do Sul*) o emprego do adjetivo “injustificável” assume uma posição de julgamento sobre o crescimento econômico do país, enquanto a troca da expressão popular “lanterna”, para o vocábulo “último”, muito mais que promover a explicitude da expressão popular usada no texto-base, corrobora com essa avaliação. Esse segmento, assim retextualizado, faz um movimento textual-discursivo curioso, uma vez que positiviza a imagem do entrevistado por realçar algo negativo em outrem, atraindo para si, em sequência, a imagem da “transparência e coragem” para assumir tomadas de decisões necessárias, das quais apenas cita a redução de ministérios.

Nesse caso, tratando da (in) eficiência dos 39 ministérios, o texto-base critica a “*incapacidade deles apresentarem resultados...**entregarem serviço de qualidade às pessoas***”, sendo o fragmento em destaque reelaborado para “*e servirem bem às pessoas*”, num movimento sintático e lexical que evoca a noção de que o aparelho estatal deve estar a serviço do povo, e não o contrário. “Entregar serviço de qualidade” soa como algo mecânico, empresarial, enquanto “servir bem”, estabelece uma imagem mais empática, numa relação direta com fazer bem o trabalho para o povo. Num segmento em que a pergunta feita pelo jornalista não é, de fato, respondida, dado o seu teor impopular (aumento de preços e tarifas é algo que assusta e afasta o eleitor), o texto-alvo consegue minimizar os seus efeitos negativos, criando uma expectativa positiva.

A operação em questão lida com aspectos linguísticos refinados, de múltiplas possibilidades e com efeitos muito maiores que o estilo, como pudemos verificar.

Trata-se de movimentos cognitivos de interpretação com desdobramentos relevantes, no qual a seleção sintática e lexical repercute claramente nos sentidos.

5.3.3.3 Positivização por reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)

Apesar de a entrevista ter respostas – segmentos argumentativos – relativamente curtas em comparação a outros textos de natureza argumentativa, é possível verificar que o retextualizador pode reordenar tópicos e argumentos, com vistas a promover uma melhor compreensão, ou mesmo garantir a progressão temática, uma vez que, na dinâmica da fala, essa progressão não se dá linearmente.

No caso das amostras em estudo, essa reordenação tópica teve grande ocorrência, isoladamente, mas aparece integrada à 9ª operação (condensação de ideias) e, como sabemos, as operações são níveis de processamento que vão se sobrepondo. Ainda assim, é possível verificar a sua aplicação de forma nítida, conforme disposto a seguir.

Quadro 21 – Excertos de positivização por reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)

Texto-base	Texto-alvo
<p>PATRÍCIA POETA/DILMA ROUSSEFF (falas 29-30)</p> <p>PATRÍCIA POETA:... a senhora diria aqui diante dos nossos telespectadores que hoje enfrentam...filas e filas nos hospitais...que muitas vezes são atendidos em macas... que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico... que a situação da saúde o nosso país hoje...é minimamente razoável...depois de doze anos...</p> <p>DILMA ROUSSEFF: ...não acho... não acho... até porque Patrícia... o Brasil precisa também de uma reforma federativa... porque há responsabilidades federais... estaduais e municipais...nós assumimos... no caso do Mais Médicos... o atendimento aos postos de saúde...como uma rep... como uma responsabilidade basicamente...nós assumimos como federal... ela é uma responsabilidade compartilhada...mas assumimos como</p>	<p>PATRÍCIA POETA/DILMA ROUSSEFF (falas 29-30 RD 8)</p> <p>PATRÍCIA: A senhora quer dizer que os brasileiros que não conseguem, por exemplo, exames de diagnóstico, que hoje em dia enfrentam uma situação minimamente razoável na saúde?</p> <p>DILMA: <i>Não. Mas da mesma forma que resolvemos o problema com o Mais Médicos, hoje nós temos a condição de resolver também este problema enfrentado pela classe que não pode pagar por um atendimento especializado nas clínicas privadas. O Brasil precisa, porém, de uma reforma federativa. Nós assumimos no caso dos mais médicos no atendimento aos postos de saúde como uma responsabilidade federal, quando é municipal. O raciocínio é tratar das especialidades e criar as condições para o Brasil dar esse atendimento especialidades de maneira rápida e eficiente.</i></p>

federal porque temos mais recursos...agora veja o resto do raciocínio...Patrícia...	
<p>DILMA ROUSSEFF (fala 49)</p> <p>“Não... não... não... cê sabe, Bonner, que tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes... e... os índices que evidenciam como é que é a situação atual...que é que são os índices antecedentes... por exemplo... a quantidade::: de papelão que é comprada... a quantidade de energia elétrica que é consumida...a quantidade de carros que são vendidos... todos esses índices indicam uma recuperação no segundo semestre vis a vis ao primeiro... além disso... a inflação... Bonner... cai desde abril... e agora... ela atinge... hoje... se você não olhar pelo retrovisor... e olhar pelo que tá acontecendo hoje... ela atinge zero por cento...zero...”</p>	<p>DILMA ROUSSEFF (fala 49 – RD 8)</p> <p>“ Não. Se você não olhar pelo retrovisor e olhar pelo que está acontecendo hoje, a inflação cai desde abril e ela atinge 0%. Zero. O último dado do IPCS que saiu, chegou a 0,08%. Sabe Bonner, tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes e os índices que evidenciam como é que é a situação atual. O que são os índices antecedentes, por exemplo? A quantidade de papelão que é comprada, a quantidade de energia elétrica consumida, a quantidade de carros que são vendidos e isso indica uma melhora no segundo semestre.”</p>
<p>Patrícia Poeta Aécio Neves (falas 11/12)</p> <p>PATRÍCIA POETA: Mas candidato... vamos pegar um exemplo aqui... Eduardo Azeredo...né.. que foi um dos principais acusados...de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro...renunciou e por isso não foi julgado ainda... ele está a seu lado... em eu palanque... apoiando... essa campanha eleitoral... isso de uma certa forma...lhe causa algum desconforto... não é... passar a mão na cabeça das pessoas...de alguém... do partido... um réu... né... nesse caso...</p> <p>AÉCIO NEVES: Ele está me apoiando... você colocou bem... Patrícia... não é o inverso... ele é um membro do partido...e que tem a oportunidade de se defender na justiça... vamos aguardar que a justiça possa julgá-lo... se condenado... ela vai... ser punido...mas eu não prejulgo... eu não prejulguei os petistas... não vou prejulgar... os tucanos... o que eu posso te dizer... e reitero é que...independente do partido político... eu acho que qualquer cidadão... tem que responder pelo seus atos... e o Eduardo vai se... responder pelo dele...pe...pe... pelos dele... vamo deixar que ele possa...se defender...</p>	<p>Patrícia Poeta Aécio Neves (falas 11/12 – RA 5)</p> <p>“Patrícia Poeta: Mas candidato, vamos pegar o exemplo do Eduardo Azeredo, que foi um dos principais acusados de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro, renunciou e por isso não foi julgado ainda. Ele está ao seu lado, no seu palanque, apoiando essa campanha eleitoral. Isso de uma certa forma lhe causa algum desconforto, não é proteger alguém do partido, um réu, nesse caso?</p> <p>Aécio Neves: Ele está me apoiando, e não eu que o apoio. Independente do partido político, eu creio que qualquer cidadão tem que responder pelos seus atos e o Eduardo vai responder pelos dele. Ele é um membro do partido e que tem a oportunidade de se defender na Justiça. Vamos aguardar que a Justiça possa julgá-lo, se condenado, ele vai ser punido, mas eu não prejulgo.”</p>

<p>Patrícia Poeta /Aécio Neves (falas 23 e 24)</p> <p>PATRÍCIA POETA: Candidato... vamos falar de programas sociais... o senhor tem dito...que...vai manter alguns dos principais programas sociais do governo atual... como é o caso do Bolsa Família... o Prouni... o Pronatec...o Mais Médicos... e também a política de reajuste... do salário mínimo... a sensação que dá para muitos eleitores é que o senhor...sim...aprova o desempenho do PT nessa área... na área social...porque então... esses eleitores... iriam querer mudar de presidente?</p> <p>AÉCIO NEVES: Porque a verdade é essa... Patrícia...todos percebemos de forma muito clara...que o Brasil parou de crescer... os empregos de... boa qualidade deixar...deixaram de ser gerados aqui... e até os de baixa qualidade também... segundo os últimos dados oficiais... estão deixando... ah... de acontecer...e a grande realidade é que administrar...e olha que eu fui...ah... um governador... razoavelmente exitoso... é transformar... e transformar pra melhor as boas experiências... o que que é o Bolsa Família...Patrícia? O Bolsa Família é a junção... do Bolsa Escola...do Bolsa Alimentação e do Vale-Gás... que vieram do governo do presidente Fernando Henrique... e corretamente o presidente Lula os unificou... e adensou... eu não só vou continuar com o Bolsa Família... como eu quero que além da privação da renda... as pessoas que o recebem... possam ter uma ação do estado para que outras carências... eh.. de saneamento.. de educação.. de segurança...possam também ser sanadas... o Prouni... é uma inspiração... ah...de uma experiência do governo de Goiás...todo mundo de alguma forma copia e aprimora...e ninguém tem que ter... vergonha disso... o meu governo... ele vai ser... renovador... no padrão ético... na.. no padrão moral... em relação... a esse governo... e vai ampliar as boas políticas... mas certamente vai ser um governo que vai resgatar... a capacidade do Brasil crescer...</p>	<p>Patrícia Poeta /Aécio Neves (falas 23 e 24 - RA 4)</p> <p>Patrícia Poeta: Vamos falar de programas sociais. O senhor tem dito que vai manter alguns dos principais programas sociais do governo atual, como é o caso do bolsa família, o PROUNI, o PRONATEC, o Mais Médicos e também a política de reajuste do salário mínimo. A sensação que dá para muitos eleitores, é o que o senhor aprova o desempenho do PT na área social. Então, qual a diferença do seu governo para o deles?</p> <p>Aécio: Manter programas, parte do princípio de que todo mundo de alguma forma copia e aprimora, não há vergonha nisso. A grande realidade é que administrar é transformar, transformar para melhor as boas experiências, e eu fui exitoso nisso. O meu governo, porém, vai ser renovador no padrão ético, no padrão moral em relação ao governo atual e vai ampliar as boas políticas e certamente vai resgatar a capacidade do Brasil de crescer. A verdade é todos podemos perceber que o Brasil parou de crescer, os empregos, de boa qualidade ou não, deixaram de ser gerados aqui, segundo os últimos dados oficiais, Eu não só vou continuar com o Bolsa Família, como eu ampliarei e além do critério da privação da renda, as pessoas que o recebem possam ter uma ação do estado pra que outras carências, de saneamento, de educação, de segurança, possam também ser sanadas.</p>
---	--

Considerando os quatro exemplos da fala dos entrevistados dispostos no quadro, podemos, já de início, verificar que em todas as amostras, a reordenação tópica do texto operou, entre outras coisas, sob o princípio do deslocamento de um determinado argumento para o início do texto. É possível visualizar com nitidez que

tal movimento tenta trazer para a parte mais imediata da leitura o que seria o núcleo-chave da resposta à pergunta, que muitas vezes aparece diluído no corpo de um texto oral que, como vimos, tem uma progressão diferenciada do texto escrito, sobretudo pelo planejamento simultâneo à exposição.

O primeiro exemplo do quadro (falas 29 – 30) traz um debate sobre a saúde no Brasil, e no texto-base, vem logo após uma explanação da presidente sobre a atenção básica à saúde fortalecida com o programa Mais Médicos (que, segundo ela, supriu parte significativa da demanda por médicos no país). A jornalista a interrompe, em dado momento, e com certa insistência elabora a questão direta que compõe a fala 29. No texto-base, a resposta começa com a expressão “não acho” reduplicada, com uma sequência argumentativa que quebra a expectativa quanto ao que foi perguntado, e se volta para questões “técnicas” pouco elucidativas e pouco acessíveis, dado o espaço (curto) de uma entrevista dessa natureza (reforma federativa, responsabilidade das esferas de governo, por exemplo).

Obviamente, e como supõe o fim dessa fala da entrevistada, tudo compõe um raciocínio, mas este não chega a ser concluído, deixando, portanto, a resposta vaga, imprecisa, inconclusiva. O retextualizador RD8 executa operações com desdobramentos importantes, tanto para a fala de Patrícia Poeta, quanto para a de Dilma Rousseff. A primeira, passa por um tratamento mais próximo da condensação, mas tem há também o tratamento lexical com a seleção de “brasileiros”, em lugar de “telespectadores”, e elimina algum volume de informação (é retirada a enumeração de problemas graves enfrentados pelos brasileiros como atendimento em macas e filas em hospitais), ficando apenas a referência à falta de exames de diagnóstico. Somente nessa mudança, o retextualizador já torna a questão mais sutil, e afasta imagens recorrentes do caos na saúde, dando maior leveza ao trecho.

Em se tratando da resposta retextualizada, a reordenação tópica e a reorganização da sequência argumentativa são significativas. O tom “vago” da resposta, pelas razões que apresentamos anteriormente, será modificado para um tom mais preciso. Isso ocorre porque, a reduplicação de “não acho” é retirada, ficando um sucinto “não”, ao tempo em que o argumento sobre o programa Mais Médicos, antes diluído entre os argumentos, é reposicionado para o início da fala, sendo posto como exemplo de um sucesso que abre os caminhos para outras conquistas (“Da

*mesma forma que **resolvemos** o problema com o Mais Médicos, **hoje temos a condição de resolver também...**”).*

Algo curioso ocorre ainda nesse mesmo trecho, pois o retextualizador traz para a fala de Dilma Rousseff um elemento que, no texto-base, encontra-se representado apenas na fala da entrevistadora. Há uma correlação semântica entre “não conseguem fazer um exame de diagnóstico” (Patrícia Poeta) e “classe que não pode pagar por um atendimento especializado” (apenas no texto retextualizado). Trata-se de uma apropriação que cumpre bem com o movimento empreendido pelo transformador. Isso porque o recurso se soma ao anterior e confere maior robustez à fala. No texto-alvo, temos tamanha reorganização argumentativa, que o que antes se lia, discursivamente, como uma sequência pouco concatenada de argumentos de apoio – sem chegar ao eixo central da questão, pelo tempo e pela interrupção que sofre a entrevistada – passou a significar uma resposta direta em atendimento à questão posta (valendo-se de alguma inferência e incorporação de elementos do contexto de comunicação), para somente depois de sanado esse núcleo principal, partir-se para justificativas e argumentos de apoio.

Na segunda amostra (fala 49), analogamente, um argumento que estava no final do segmento vem para o início do texto-alvo. Para entendermos a repercussão dessa reorganização, é preciso considerar o contexto. Na entrevista, ao tratar do tópico da economia, o entrevistador (William Bonner) fala sobre o momento ruim, de baixo crescimento, inflação alta e iminência de desemprego. Depois de insistir nos questionamentos e de a entrevistada afirmar que há previsão de crescimento, o jornalista insiste, e pergunta se ela não está sendo otimista demais, sendo sua resposta a expressa no quadro (fala 49). A reorganização tópica desse segmento traz para o início o que seria o ápice da fala da entrevistada, aquilo que, efetivamente “responde” à questão feita e que, de resto, ainda lança dúvida sobre a credibilidade da informação que a fomenta (o índice de 6,5% de inflação).

É possível observar que, no texto-base, a reduplicação do “não” é seguida por uma longa contextualização, para, finalmente, afirmar que dados mais recentes apontam crescimento da economia e queda da inflação. Ocorre que o tempo dessa contextualização distancia a pergunta e a resposta (efetiva), fragilizando a principal (e relevante) informação.

A operação de reorganização da sequência argumentativa não apenas organiza e ordena melhor o pensamento (pela lógica e encadeamento) como transmite a imagem de segurança da entrevistada. A resposta “precisa”, amparada posteriormente pelos dados, demonstra domínio, controle, diferentemente do original, marcado por reduplicações e hesitações.

Para além desse desdobramento, o retextualizador recuperou o fragmento “*se você não olhar pelo retrovisor... e olhar o que tá acontecendo hoje*”, que no texto-base aparece já sem força, entre a contextualização, a informação principal e todas as marcas interacionais da qual a entrevistada lança mão. Pois bem, essa imagem é trazida para o introito da fala, no texto-alvo, e o efeito é nítido: os dados do entrevistador estão desatualizados, e ele está olhando para o passado. Ou seja, além de parecer mais consistente, à resposta ainda se acresce um certo tom de ironia, que, de um lado, “atinge” o entrevistador, e do outro, soma à entrevistada.

A terceira e quarta amostras, extraídas das falas do então candidato Aécio Neves, apresentam praticamente a mesma arquitetura dos anteriores. Na primeira delas, em bloco destinado a debater a corrupção, após uma explanação sobre as diferenças entre PT e PSDB nesse aspecto, uma vez que ambos têm envolvimento em escândalos de corrupção, e após uma resposta “apaixonada” de Aécio Neves, Patrícia Poeta o confronta com uma pergunta de caráter pessoal, ao questionar o apoio de um réu por corrupção (Eduardo Azeredo), a sua campanha.

No texto-base, a resposta do candidato começa com uma ironia, afirmando que o apoio partia do político Eduardo Azeredo e não dele, Aécio Neves, mostrando um ar demasiado deselegante, tanto para com o político que o apoia quanto para com a entrevistadora. Esse fragmento é removido, no texto-alvo, eliminando o seu trecho mais polêmico, e ao início da fala é trazido um fragmento que irá adornar a ideia da honestidade, por afirmar que todo partido está propenso a um escândalo, mas que todos, perante a lei, devem ser julgados e pagar por seus erros, incluindo o referido político “tucano”. O movimento consegue – textual e discursivamente –, um efeito positivo, a partir do momento que, num terreno bastante espinhoso, a resposta soa como “firme” e evoca, em sua superfície de leitura, a justiça como única capaz de determinar as responsabilidades.

O segundo exemplo (último no quadro 21) traz para o início o que seria uma justificativa para o fato de ele – que é crítico do governo –, em sua plataforma

eleitoral, defender projetos já em execução nesse governo. Ele minimiza isso, apelando para uma máxima popular equivalente ao “nada se cria, tudo se copia”, ao dizer que todo bom projeto merece ser utilizado e aprimorado, e que “*não há vergonha nisso*”, evocando, ainda o fato de que foi “*exitoso nisso*” (de transformar para melhor), referindo-se ao governo de Minas Gerais. No texto-base, esses argumentos estão dispersos entre outros, sobre geração de empregos e crescimento econômico, e, portanto, geram menos impacto do que da forma como se dispõe na forma retextualizada.

Complementando essa reorganização argumentativa, a promessa de que o seu partido “será renovador no padrão ético e moral em comparação ao governo atual” vem também para a superfície do texto, com uma explicitude que traz maior firmeza à fala, sobretudo porque vem a representar a suposta distinção entre um possível governo seu, e o governo em vigência. Isso não apenas tem uma repercussão muito boa para a imagem do entrevistado, como contempla bem a questão feita pela jornalista (*por que então... esses eleitores... iriam querer mudar de presidente?* – no texto-base; “*Então, qual a diferença do seu governo para o deles?*” – no texto-alvo).

Trata-se, pois, de um manejo cujas seleções coadunam para uma visão positiva.

5.3.3.4 Positivização por condensação de ideias (9ª operação)

A estratégia de condensação de ideias, pressupõe que se utilizem recursos linguísticos para agrupar argumentos e informações, mantendo, na medida do possível, o volume das informações do texto-base, ou núcleos centrais dessas informações. A redução do texto, por conta da condensação, envolve operações auxiliares desse processo, principalmente um rigor sintático e a observância a argumentos e informações iguais ou próximos, mas que se encontram dispersos em pontos distintos do texto oral (no caso da entrevista, esses elementos complementares aparecem, algumas vezes, em falas diferentes).

Vejamos alguns exemplos de condensação, encontrados nessa análise.

Quadro 22 – Excertos de positivização por condensação de ideias (9ª operação)

Texto-base	Texto-alvo
------------	------------

<p>DILMA ROUSSEFF (fala 49)</p> <p>Não... não... não... cê sabe, Bonner, que tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes... e... os índices que evidenciam como é que é a situação atual...que é que são os índices antecedentes... por exemplo... a quantidade::: de papelão que é comprada... a quantidade de energia elétrica que é consumida...a quantidade de carros que são vendidos... todos esses índices indicam uma recuperação no segundo semestre vis a vis ao primeiro... além disso... a inflação... Bonner... cai desde abril... e agora... ela atinge... hoje... se você não olhar pelo retrovisor... e olhar pelo que tá arcontecendo hoje... ela atinge zero por cento...zero...</p>	<p>DILMA ROUSSEFF</p> <p>(falas 49 e 58, condensadas – RD 7)</p> <p><i>“Temos duas coisas acontecendo, nós temos uma melhoria prevista para o segundo semestre, sem ser otimista. Isso pode ser provado pelos índices de antecedência que indicam uma recuperação no segundo semestre, além da segunda coisa, que é a queda significativa da inflação. O que eu estou dizendo é que o Brasil tem plenas condições de superar uma crise sem demitir, gerando emprego e renda.”</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF (fala 58)</p> <p><i>“Muito obrigada... então... o que eu estou querendo dizer é que estamos superando a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir... gerando emprego e renda...”</i></p>	
<p>DILMA ROUSSEFF (fala 11)</p> <p><i>“ na segunda... respondendo à segunda pergunta... por exemplo ... recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio...ora... o Paulo Sérgio foi meu ministro... foi ministro do presidente Lula... quando saiu do governo...ele ficou no governo num cargo importante que é na Empresa de Planejamento Logístico...o César Borges o substituiu... posteriormente... eu troquei o César Borges novamente aí pelo Paulo Sérgio... fiz a troca ao contrário... o César Borges também ficou no governo...o César Borges também ficou aí... dentro do governo... na Secretaria de Portos...os dois... são pessoas que eu escolhi... as quais...nas quais eu confio... acho que são pessoas.. bastante...</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (fala 11 – RD 11)</p> <p><i>“Eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio. Mas ambos haviam sido ministros, e haviam ocupado outros cargos importantes. Ou seja, a troca de um pelo outro se deu porque são pessoas que eu escolhi. São pessoas íntegras, competentes, têm tradição na área e, portanto, são pessoas de confiança.”</i></p>

<p>WILLIAN BONNER: E em relação ao seu partido... se partido teve um grupo de elite de... pessoas corruptas...comprovadamente corruptas... eu digo isso porque foram julgadas... condenadas e mandadas pra cadeia pela mais alta corte do judiciário brasileiro...eram corruptos... e o seu partido...tratou esses condenados por corrupção como...guerreiros!...como vítimas...como...pessoas que não mereciam esse tratamento...vítimas de uma injustiça... a pergunta que lhe faço... isso não é... ser condescendente com a corrupção... candidata?</p> <p>DILMA ROUSSEFF: Eu vou te falar uma coisa... Bonner...eu sou presidente da República...eu... não faço nenhuma observação... sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal...por um motivo muito inf...muito simples...sabe por quê Bonner... porque a Constituição... ela exige que o presidente da República...como exige dos demais... éh:::: chefes de poder... que nós respeitemos e... e... re... e consideremos a importância da autonomia... dos outros órgãos...</p> <p>(Fala 22)</p> <p>DILMA ROUSSEFF: (continuando a fala) ... eu não vou tomar nenhuma posição Bonner...que me coloque...em confronto... conflito... é...ou... aceitando ou não.. eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira...isso não é uma questão subjetiva...para mim exercer o cargo de presidência... eu tenho de fazer isso...</p>	<p>DILMA ROUSSEFF (falas 16 e 22 condensadas – RD 4)</p> <p>Dilma Rousseff: Eu não faço nenhuma observação sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal, porque a Constituição exige do presidente da República e dos demais chefes de Poder, que nós respeitemos e consideremos a importância da autonomia dos outros órgãos. Isso não é, portanto, uma questão subjetiva. Eu respeito a decisão da Suprema Corte, inclusive como condição para exercer o cargo de presidenta da República.</p>
<p>PATRÍCIA POETA/ AÉCIO NEVES (falas 9 – 10)</p> <p>PATRÍCIA POETA: Candidato... o seu partido é crítico ferrenho... de casos de corrupção... que envolvem o PT... mas o seu partido também é acusado de envolvimento...em escândalos graves de corrupção... como é o caso do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos... pelo</p>	<p>Aécio Neves (fala 10 – RA3)</p> <p>Aécio: A diferença é enorme! E é enorme porque o PT teve líderes, tesoureiros e pessoas de destaque na administração federal condenados pela mais alta corte brasileira e ainda assim o partido os tratou como herói nacional. Não esperem isso do PSDB. Embora eu não tenha prejulgado nenhum petista, os brasileiros esperam apuração e punição, independente do partido.</p>

<p><i>cartel de trens e metrô de São Paulo... isso pra citar dois exemplos...toda vez que escândalos como esses vêm a público... tanto o PT quanto o PSDB...usam o mesmo discurso... um discurso óbvio... e () correto... que tudo tem que ser investigado... e se houver culpado tem que ser punido... por que que o eleitor iria acreditar... que exista diferença...quando o assunto é esse... corrupção?</i></p> <p>AÉCIO NEVES: <i>Patrícia...eu acho que a diferença é enorme... porque no caso do PT...houve uma condenação... pela mais alta corte brasileira... estão presos... líderes do partido...eh...tesoureiros... do partido...pessoas que tinham postos de destaque na administração federal...por denúncias de corrupção...eu nunca torci pra ninguém ser preso... sendo aliado ou adversário... apenas torcia sempre e esperava que a justiça se manifestasse...em relação ao PSDB ou aqueles sem partidos...se tiverem denúncias que sejam consistentes... tem que ser investigadas... e tem que responder por elas... o que eu posso garantir é que...no caso do PSDB...se eventualmente... alguém for condenado... não será... como foi no PT...tratado como herói nacional...porque isso de-se-duca...portanto... todos os partidos ã... estão aí:: b...e têm a possibilidade de ter... nomes que estejam envolvidos em qualq...quaisquer denúncias...apuração... e punição.. é isso que esperam os brasileiros.. independente da filiação partidária...</i></p>	<p>Aécio Neves (fala 10 – RA4)</p> <p>Aécio: <i>Patrícia, a diferença é enorme, porque no caso do PT houve uma condenação pela mais alta corte brasileira, de modo que estão presos, líderes do partido, tesoureiros do partido, pessoas que tinham postos de destaque na administração federal por denúncias de corrupção. Eu torci e vou torcer sempre para que a justiça se manifeste. Diferente do PT, o PSDB visa a justiça e contentamento do povo. Eu posso garantir que no caso do PSDB se eventualmente alguém for condenado, não será como foi no PT tratado como herói nacional, porque isso deseduca o país sobre o que é realmente justiça e mancha a história brasileira. Nosso país não merece ser desonrado por partidos ou partidários que não sabem trabalhar, todos terão suas exceções, mas eu não sou uma delas.</i></p> <p>Aécio Neves (fala 10 – RA 6)</p> <p>Aécio Neves: <i>Porque defendo que haja apuração e punição: é isso que esperam os brasileiros, independente da filiação partidária.</i></p>
---	--

Temos, nesse quadro, seis realizações da referida operação. No primeiro exemplo, o retextualizador “mescla” dois segmentos do texto-base, condensando-os por sua complementaridade, estabelecendo relações sintáticas com o uso de conectivos, além, naturalmente, da regularização linguística na qual foram eliminadas diversas marcas orais. Disso, obtém-se uma redução do volume do texto, mas não do volume de informações, uma vez que os tópicos principais são mantidos. Esse enxugamento, porém, não é meramente formal, uma vez que a utilização de recursos coesivos fornece marcadores discursivos importantes. A conexão estabelecida com a introdução de “*Isso pode ser provado*”, liga a previsão de crescimento econômico, com

os tais “índices antecedentes”, de modo que lhe conferem uma consistência quase inconteste, afinal, “ser provado” é distinto de “ser indicado” e de “ser presumível”.

Outro aspecto notado é a incorporação, no texto-alvo, de fragmento da fala do entrevistador, na pergunta que gera a resposta condensada nesse mesmo exemplo. O entrevistador pergunta (como vimos na exposição da 8ª operação) se não é ser otimista, a previsão de crescimento. Ao organizar os tópicos discursivos que lhe interessam, o retextualizador constitui o período “...*temos uma melhoria prevista para o segundo semestre, **sem ser otimista***”. Há, assim como no caso de Ruy Gandra e Arnaldo Antunes apresentado na seção metodológica, um processo de atribuição de autoria. Neste caso, não tão problemático, mas não inocente. O “sem ser otimista” pinçado da fala do entrevistador e inserido nessa compilação de ideias, traduz-se como “sendo realista”, “baseado em dados”, conforme o segmento seguinte “pode ser provado” vai ratificar.

Por fim, a opção por trazer de uma fala posterior (mas com mesmo assunto desta) o segmento “*O que eu estou dizendo é que o Brasil tem plenas condições de superar uma crise sem demitir, gerando emprego e renda*” corrobora com a trajetória discursiva do fragmento, que aponta para aspectos positivos do governo, concluindo-o com um saldo (emprego e renda), cuja significação, grosso modo, é uma projeção de confiança no futuro, apesar da previsão negativa feita pelo entrevistador.

O exemplo que se segue, do retextualizador RD 11, contempla a proposta marcusiana (manutenção do volume de informações) e lança mão de reduções por eliminações pontuais. Observa-se, porém, um reforço da ideia de credibilidade da decisão da presidente na manutenção de pessoas suspeitas de corrupção. Isso se mostra nos núcleos selecionados: “o problema” (ser criticada por ter substituído um ministro por outro, do mesmo grupo); “as justificativas ou fundamentações da tomada de decisão” (foram ministros; ocuparam outros cargos importantes); “o apelo a referenciais valorizados pela sociedade” (são íntegros, competentes e de tradição); para, finalmente, chegar à “conclusão” (“*portanto, são pessoas de confiança*”). O movimento de condensação, desenvolvido neste caso, (e em conjunto com uma reordenação tópica tal qual vista anteriormente) torna mais claro, mais evidente o movimento do texto-base, que não tem a mesma força do texto-alvo, pelo “desenho” muito sinuoso da exposição, mas principalmente, “revelam” uma resposta concisa, com uma lógica interna e um grau de convencimento maior.

A terceira amostra, condensa duas falas da entrevistada, gerando um efeito significativo, pois se trata de um trecho, no texto-base, em que há cortes e interrupções, assim como a dura insistência do entrevistador, o que gera uma exposição um tanto fragmentada. Ao reunir elementos de duas falas de Rousseff, o retextualizador liga elementos complementares que, em sua produção oral, sofrem interferência de um contexto de retomadas. Ao buscar “escapar” da incômoda pergunta sobre a corrupção no seu partido, das condenações do Supremo Tribunal Federal e de um suposto tratamento de herói aos condenados, a candidata se vê pressionada a dar uma opinião pessoal, num momento em que, minada a confiança na “honestidade” da legenda, ela se encontra na posição de presidente (o entrevistador a coloca numa posição de corresponsabilidade, enquanto autoridade) e candidata, que precisa comprovar integridade, para ser reeleita. A compilação feita pelo retextualizador fortalece a imagem da “presidente”, uma vez que este seleciona informações que, embora impessoais, deem a entender que Rousseff compreende a sua função, respeita as instituições e os poderes, e obedece a lei, independentemente de sua opinião no plano particular.

A pergunta, propriamente, não é respondida (Bonner exige uma resposta pessoal), mas a fala assim retextualizada delimita bem o fato de que não se trata de uma candidata qualquer, que pode proferir opiniões de qualquer modo. É posta em relevo a responsabilidade que um presidente tem para com suas relações institucionais, e o retextualizador o faz utilizando o “respeito à Suprema Corte”, com o devido reforço à ideia de que isso é uma condição para o exercício da função. De resto, esse respeito ao julgamento do STF tão fortemente defendido pela entrevistada, fragiliza o movimento do entrevistador, segundo o qual, o fato de o partido ter tratado os réus como “heróis” (sendo condescendente com a corrupção) é, por consequência, uma postura partilhada pela presidente – não afirmamos que não o seja, mas dentro do que foi construído como resposta, ela se coloca em conformidade com a lei, e pela natureza de sua função, exime-se de opiniões controversas no seio dessas relações, com uma suposta impessoalidade e isenção.

Os três exemplos de condensação que se seguem são realizações de retextualizadores diferentes para o mesmo trecho do texto-base, extraído da entrevista com Aécio Neves. Nele, quando perguntado sobre a diferença entre o PT e o PSDB (ambos envolvidos em escândalos de corrupção), o candidato busca elencar

elementos que os diferenciem, listando, para tanto, o argumento da condenação, da crença na justiça, do apoio às investigações, do tratamento de herói dado aos petistas e do anseio da população por esclarecimentos. Naturalmente, no texto oral, há construções não lineares que os retextualizadores “resolveram”, condensando ideias, incorporando elementos difusos ao longo de todo o texto-base, ou mesmo estabelecendo um sumário, com base no que julgou ser “essencial” à questão.

O retextualizador RA 3 foi o que adensou o conteúdo com construções sintáticas e recursos de coesão que ligaram ideias fundamentais, dando ênfase à frase introdutória “*A diferença é enorme!*”, posta em exclamação e seguida da justificativa mais forte (eles já foram condenados, nós, não), seguida do tão criticado tratamento de herói aos condenados, dispensado pelo PT com uma promessa “*Não esperem isso do PSDB*”. Apresenta, desta forma, “a diferença”, tal qual solicitada, e conclui com a remissão ao desejo (partilhado com o povo) de “*apuração e punição*”.

O retextualizador RA 4 segue exatamente essa mesma lógica de construção de RA 3, e a complementa com a incorporação de mais elementos do texto oral, estando ele vivamente expresso na fala 10, ou retomado, semanticamente, do texto, como um todo. O agrupamento, nesse caso, recorre ao preenchimento de algumas lacunas para dar explicitude. Por exemplo, em “*não será como foi no PT tratado como herói nacional, porque isso deseduca o país sobre **o que é realmente justiça e mancha a história brasileira***”, o fragmento em destaque é inserido pelo transformador por inferência, enquanto que há outras inserções feitas por processos interpretativos do tom geral como o entrevistado se porta (atitudes que mancham a história, partidos que desonram o país, posição de honestidade individual).

O retextualizador RA 6 opta por uma espécie de sumarização da fala, por seleção do que considera a resposta mais direta. “*por que o eleitor iria acreditar que há diferença, quando o assunto é corrupção?*” Simples: “*Porque defendo que haja apuração e punição: é isso que esperam os brasileiros, independente da filiação partidária.*” Alguém que “defende” que haja apuração e punição é alguém que não teme a justiça, que a apoia e que luta contra a corrupção, pois defender pressupõe engajamento e luta. Essa ideia é rapidamente interligada a uma expectativa do povo, afinal quando se defende o que “esperam brasileiros”, se está ao lado do povo, o que, como estratégia de convencimento, tem um apelo muito positivo.

5.3.4 Quanto à realização de Operações de transformação: movimentos textuais-discursivos com apropriação de aspectos negativos (negativização)

Outro bloco de transformações aponta para a seleção de estruturas e sentidos que promovem a negativização, na medida em que realizam movimentos textuais-discursivos com repercussões negativas para a imagem do entrevistado e/ou para sequências de seu discurso. Como já fizemos, na subseção 5.3.3, algumas considerações sobre o processamento das operações, a seguir, faremos essencialmente a análise das amostras, cujas ocorrências concentraram-se essencialmente na 8ª e 9ª operações (reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa e agrupamento de agrupamentos condensando ideias).

5.3.4.1 Negativização por meio de reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)

Quadro 23 - Excertos de negativização por reordenação tópica do texto e reorganização da sequência argumentativa (8ª operação)

Texto-base	Texto-alvo
<p>WILLIAN BONNER/ AÉCIO NEVES (falas 7-8)</p> <p>WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Mas o senhor vai... aumentar... a...a...as tarifas?...</p> <p>AÉCIO NEVES: ((retomando a fala entrecortando o entrevistador)) Nós vamos... nós vamos... nós vamos tomar as medidas necessárias... é óbvio que nós vamos ter que viver um processo... de realinhamento desses preços... quando... e como... obviamente quando você tiver os dados... sobre a realidade do governo...é que você vai...é... estabelecer isso... eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário... as medidas necessárias...para controlar a inflação...retomar o crescimento e... principalmente... Patrícia... e Bonner...a confiança perdida no Brasil... porque essa desconfiança em relação ao nosso país... afugenta os investimentos... e os investimentos indo embora...os empregos vão embora... olha... o saldo da balança comercial de manufaturados... dos produtos que mais agregam... produzidos no ano passado... foi negativo em 107 bilhões de reais... sabe o que isso significa?... que os empregos que deveriam estar sendo gerados no nordeste brasileiro ...no centro-oeste... no norte..... estão sendo</p>	<p>WILLIAN BONNER/ AÉCIO NEVES (falas 7 -8 – RA 10)</p> <p>Bonner: <i>Mas o Senhor, vai aumentar as tarifas?</i></p> <p>Aécio Neves: <i>É óbvio que nós vamos ter que viver um processo de reajuste desses preços.. Eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário. Nós vamos tomar as medidas necessárias. Há uma desconfiança que afugenta os investimentos. O saldo da balança comercial de manufaturados, dos produtos que mais agregam valor, produzidos no Brasil, no ano passado, foi negativo em R\$ 107 bilhões. Os empregos estão sendo gerados na Ásia, em outras partes do mundo e não no nordeste brasileiro, no centro-oeste e no norte. Isso tem de acabar.</i></p>

<p>gerados na Ásia... e em outras partes do mundo... e isso tem que acabar.</p>	
<p>PATRÍCIA POETA/AÉCIO NEVES (falas 11 – 12)</p> <p>PATRÍCIA POETA: Mas candidato... vamos pegar um exemplo aqui... Eduardo Azeredo...né.. que foi um dos principais acusados...de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro...renunciou e por isso não foi julgado ainda... ele está a seu lado... em eu palanque... apoiando... essa campanha eleitoral... isso de uma certa forma...lhe causa algum desconforto... não é... passar a mão na cabeça das pessoas...de alguém... do partido... um réu... né... nesse caso...</p> <p>AÉCIO NEVES: Ele está me apoiando... você colocou bem... Patrícia... não é o inverso... ele é um membro do partido...e que tem a oportunidade de se defender na justiça... vamos aguardar que a justiça possa julgá-lo... se condenado... ela vai... ser punido...mas eu não prejulgo... eu não prejulguei os petistas... não vou prejulgar... os tucanos... o que eu posso te dizer... e reitero é que...independente do partido político... eu acho que qualquer cidadão... tem que responder pelo seus atos... e o Eduardo vai se... responder pelo dele...pe...pe... pelos dele... vamo deixar que ele possa...se defender...</p>	<p>PATRÍCIA POETA/AÉCIO NEVES (fala 12 – RA 10)</p> <p>Patrícia Poeta: Mas candidato, vamos pegar o exemplo do Eduardo Azeredo, que foi um dos principais acusados de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro, renunciou e por isso não foi julgado ainda. Ele está ao seu lado, no seu palanque, apoiando essa campanha eleitoral. Isso de uma certa forma lhe causa algum desconforto, não é passar a mão na cabeça das pessoas, de alguém do partido, um réu, nesse caso?</p> <p>Aécio Neves: Como você mesma afirmou, ele está me apoiando, não sou eu quem o apoia. Não vou prejulgar os tucanos. Eu não prejulgo, como não prejulguei os petistas, E o Eduardo vai responder pelos erros dele. Vamos deixar que ele possa se defender. Ele é um membro do partido e que tem a oportunidade de se defender na Justiça, vamos aguardar que a Justiça possa julgá-lo.</p>
<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES (falas 17 – 18)</p> <p>WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Perdão...não se trata da questão da homologação... a homologação é uma questão burocrática...a minha pergunta é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua... isso não lhe constrange?</p> <p>AÉCIO NEVES: Bonner...olha.... eu visitei quase todos os aeroportos de Minas Gerais... trabalhando... como governador... eh...do estado... e o fato central é esse... que a ANAC... porque é muito aparelhada hoje... nós sabemos a origem das indicações da ANAC...durante três anos não conseguiu fazer o processo...avançar...e homologar... o aeroporto... Bonner... o meu governo é reconhecido em Minas Gerais como o governo transformador... eu deixei Minas... com 92% de aprovação...e ah...é exatamente essa experiência republicana... correta... transparente do meu governo... que eu quero implementar no Brasil... não há nenhuma...</p>	<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES (falas 17 – 18 – RA 10)</p> <p>William Bonner: Perdão, mas não se trata da questão da homologação. A homologação é uma questão burocrática. A minha pergunta é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua. Isso não lhe constrange?</p> <p>Aécio Neves: Não há nenhum constrangimento. O meu governo é reconhecido em Minas Gerais como o governo transformador. Eu deixei Minas com 92% de aprovação e é exatamente essa experiência republicana, correta, transparente do meu governo que eu quero implementar no Brasil. Além disso, eu visitei praticamente todos os aeroportos de Minas Gerais, trabalhando como governador do estado.</p>

Analogamente ao que foi observado na subseção anterior, o primeiro exemplo do quadro (falas 7 -8, RA 10) demonstra a reordenação tópica/reorganização da sequência argumentativa através do deslocamento de um tópico argumentativo para a parte inicial do texto, pondo-o em relevo como a informação mais imediata e impactante. No caso específico desta subseção, e da referida amostra, o movimento textual produz efeito negativo sobre a imagem do entrevistado, ou sobre parte de seu discurso. Após “esquivar-se” de uma resposta que o comprometesse com as classes trabalhadoras, acerca de possíveis reajustes de combustíveis e energia elétrica, caso eleito, é confrontado com insistência pelo entrevistador, que “dispara”: “Mas o senhor vai aumentar as tarifas”. No texto base, um pequeno introito sobre “medidas necessárias” suaviza a tensão do momento e desvia parte da atenção, até que o candidato diga (sem precisar quais tarifas) que poderá haver, após a avaliação de conjuntura, “um realinhamento desses preços”. Ocorre que, no texto-alvo do retextualizador RA 10, o tópico “*É óbvio que nós vamos ter que viver um processo de reajuste desses preços*” vem como primeira informação.

Ora, diante do delicado terreno, afirmar que o aumento de tarifas “é óbvio”, tem um impacto imediato negativo para a imagem do candidato, pois é uma medida impopular, que afetaria milhares de pessoas. Esse impacto negativo é reforçado pela substituição de “realinhamento” por “reajuste”. O termo “*realinhamento*” (texto-base) é empregado para suavizar o incômodo aumento de preços, ao passo que o termo “reajuste” (texto-alvo), aciona a ideia em sua carga mais negativa. Em seguida o segmento “*Eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário*”, ratificado por “*Nós vamos tomar as medidas necessárias*” soa demasiado intimidador, arrogante, para alguém que pleiteia um cargo e depende da empatia do público. Essa construção, em bloco, gera tanto o medo numa sobrecarga de preços, quanto a desconfiança (ou mesmo antipatia), em função do tom empregado.

O segundo excerto (fala 12) reorganiza a sequência argumentativa, mantendo alguns núcleos de informação que, no texto-base, aparecem de forma oblíqua. Neste exemplo, a primeira informação do texto-base, é mantida nessa posição, com uma reestruturação sintática. Pressionado para responder sobre o apoio que recebe de Eduardo Azeredo (réu por corrupção), o entrevistado busca uma inserção mais irônica, assim retextualizada “*Como você mesma afirmou, ele está me apoiando, **não sou eu quem o apoia.***” (no texto-base consta “Ele está me apoiando... você colocou

bem... Patrícia... não é o inverso”...). de “não é o inverso” para “não sou eu quem o apoia”, temos uma construção com mais explicitude, mas que reforça negativamente o seu conteúdo, já que soa como uma deslealdade de Neves para com Azeredo, uma vez que aquele “se desvencilha” de um vínculo com este último, apenas por ser confrontado. Seria algo equivalente a: “Ele serve para apoiar a sua candidatura, subir em seu palanque e agregar apoios (e votos), mas diante das câmeras, você o (re) nega”. A ironia, nesse caso, volta-se contra o candidato, pois sua fala, especialmente esta, gera uma imagem ruim (desleal, fraco, traidor, etc.) num momento de “flerte” com os eleitores.

O terceiro exemplo também move uma informação para o início do texto, reordenando-o. Sob imensa pressão acerca da construção de aeroporto ao lado de terras de sua família no município de Cláudio (MG) quando era governador do estado, Neves é questionado sobre ter algum constrangimento por usar tal equipamento para fins pessoais. No texto-base, o candidato faz uma série de colocações sobre o seu trabalho como governador e sobre o aparelhamento da ANAC, para minimizar o episódio do aeroporto, e já no final dessa fala, sendo interrompido pelo jornalista, ele conclui que não há constrangimento (já que seu governo foi “republicano”, e “transformador”).

O retextualizador, traz a frase “Não há nenhum constrangimento” completada após pequena interrupção ao entrevistado, como núcleo principal da fala, gerando um efeito muito negativo por quebrar a expectativa de, tendo cometido um ato minimamente suspeito, haver algum pudor por parte do candidato. Ora, afirmar que não se constrange por usar um aeroporto público para fins particulares é algo que vai de encontro com a própria “pregação” do candidato, que se diz contra a corrupção, e de encontro aos anseios da população, cansada de escândalos. Mesmo elencando, na sequência, argumentos com um movimento oposto a esse, o fato é que a postura ética de Neves é posta em xeque com movimento do retextualizador.

5.3.4.2 Negativização por meio de agrupamento de agrupamentos condensando ideias (9ª operação)

Quadro 24 - Excertos de negativização por condensação de ideias (9ª operação)

Texto-base	Texto-alvo

<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES (Falas 5, 6, 7 e 8)</p> <p>WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Mas o senhor... não respondeu a minha pergunta... a minha pergunta é se entre essas necessidades... se inclui a redução da...da...da... dos gastos públicos... e o fim... dessa defasagem das tarifas...de energia e gasolina...</p> <p>AÉCIO NEVES: ((retomando a fala entrecortando o entrevistador)) Não.. não... respondo com... respondo com absoluta clareza...começando do final... no meu governo vai haver previsibilidade... em relação a essas tarifas... e em todas as medidas do governo...ninguém espere... no governo... Aécio Neves... o pacote A... o PAC disso... o PAC daquilo...ou algum... plano mirabolante...</p> <p>WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Mas o senhor vai... aumentar... a...a...as tarifas?...</p> <p>AÉCIO NEVES: ((retomando a fala entrecortando o entrevistador)) Nós vamos... nós vamos... nós vamos tomar as medidas necessárias... é óbvio que nós vamos ter que viver um processo... de realinhamento desses preços... quando... e como... obviamente quando você tiver os dados... sobre a realidade do governo...é que você vai...é... estabelecer isso... eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário... as medidas necessárias...para controlar a inflação...retomar o crescimento e... principalmente... Patrícia... e Bonner...a confiança perdida no Brasil... porque essa desconfiança em relação ao nosso país... afugenta os investimentos... e os investimentos indo embora...os empregos vão embora... olha... o saldo da balança comercial de manufaturados... dos produtos que mais agregam... produzidos no ano passado... foi negativo em 107 bilhões de reais... sabe o que isso significa?... que os empregos que deveriam estar sendo gerados no nordeste brasileiro ...no centro-oeste... no norte..... estão sendo gerados na Ásia... e em outras partes do mundo... e isso tem que acabar.</p>	<p>WILLIAN BONNER /AÉCIO NEVES(Falas 5, 6, 7 e 8 condensadas – RA 1)</p> <p>Willian Bonner: - Mas o senhor não respondeu minha pergunta. Minha pergunta é se entre essas necessidades se inclui a redução dos gastos públicos e o fim dessa defasagem de energia e gasolina. O senhor vai aumentar as tarifas?</p> <p>Aécio Neves: Não espere um plano mirabolante. Teremos que viver um realinhamento desses preços. No meu governo haverá previsibilidade, em relação a essas tarifas e em todas as medidas do governo. Quando tiver os dados sobre a realidade do governo, os estabelecerei. O saldo da balança comercial de manufaturados, produzidos no Brasil ano passado, foi negativo em cento e sete bilhões de reais.</p>
<p>PATRÍCIA POETA/AÉCIO NEVES (falas 9, 10, 11, 12)</p> <p>PATRÍCIA POETA: Candidato... o seu partido é crítico ferrenho... de casos de corrupção... que envolvem o PT... mas o seu partido também é acusado de envolvimento...em escândalos graves de corrupção... como é o caso do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos... pelo cartel de</p>	<p>PATRÍCIA POETA/AÉCIO NEVES (falas 9, 10, 11, 12 – RA 1)</p> <p>Patrícia Poeta: Candidato, seu partido é crítico ferrenho de casos de corrupção que envolve o PT, mas ele também é acusado de envolvimento em escândalos graves de corrupção, a exemplo do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos pelo cartel de trens e metrô de SP. Todas as vezes que escândalos como</p>

trens e metrô de São Paulo... isso pra citar dois exemplos...toda vez que escândalos como esses vêm a público... tanto o PT quanto o PSDB...usam o mesmo discurso... um discurso óbvio... e () correto... que tudo tem que ser investigado... e se houver culpado tem que ser punido... por que que o eleitor iria acreditar... que exista diferença...quando o assunto é esse... corrupção?

AÉCIO NEVES: Patrícia...eu acho que a diferença é enorme... porque no caso do PT...houve uma condenação... pela mais alta corte brasileira... estão presos... líderes do partido...eh...tesoueiros... do partido...pessoas que tinham postos de destaque na administração federal...por denúncias de corrupção...eu nunca torci pra ninguém ser preso... sendo aliado ou adversário... apenas torcia sempre e esperava que a justiça se manifestasse...em relação ao PSDB ou aqueles sem partidos...se tiverem denúncias que sejam consistentes... tem que ser investigadas... e tem que responder por elas... o que eu posso garantir é que...no caso do PSDB...se eventualmente... alguém for condenado... não será... como foi no PT...tratado como herói nacional...porque isso de-se-duca...portanto... todos os partidos ã... estão aí:: b...e têm a possibilidade de ter... nomes que estejam envolvidos em qualq...quaisquer denúncias...apuração... e punição.. é isso que esperam os brasileiros.. independente da filiação partidária...

PATRÍCIA POETA: Mas candidato... vamos pegar um exemplo aqui... Eduardo Azeredo...né.. que foi um dos principais acusados...de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro...renunciou e por isso não foi julgado ainda... ele está a seu lado... em eu palanque... apoiando... essa campanha eleitoral... isso de uma certa forma...lhe causa algum desconforto... não é... passar a mão na cabeça das pessoas...de alguém... do partido... um réu... né... nesse caso...

AÉCIO NEVES: Ele está me apoiando... você colocou bem... Patrícia... não é o inverso... ele é um membro do partido...e que tem a oportunidade de se defender na justiça... vamos aguardar que a justiça possa julgá-lo... se condenado... ela vai... ser punido...mas eu não prejudgo... eu não prejudguei os petistas... não vou prejudgar... os tucanos... o que eu posso te dizer... e reitero é que...independente do partido político... eu acho que qualquer cidadão... tem que responder pelo seus atos... e o Eduardo vai se... responder pelo dele...pe...pe... pelos dele... vamo deixar que ele possa...se defender...

esses vêm a público, o PT e o seu partido alegam ser a favor de rigor na investigação e punição. Por que, então, o eleitor iria acreditar que existe diferença entre os dois partidos quando o assunto é corrupção? E o senhor não sente nenhum desconforto com o fato de o Eduardo Azeredo, réu envolvido no mensalão mineiro, estar em seu palanque apoiando sua candidatura?

Aécio Neves: *Eu torcia sempre e esperava que a justiça se manifestasse. Todos os partidos têm a possibilidade de ter nomes que sejam envolvidos em quaisquer denúncias. O que posso dizer e reitero é que independente do partido político, qualquer cidadão tem que responder pelos seus atos e o Eduardo o fará pelos dele.*

<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES (falas 15, 16 E 22)</p> <p>WILLIAN BONNER: Mas candidato... essa questão produziu muita polêmica porque...i:...imediatamente levantou-se uma suspeita sobre o benefício a sua família...que o senhor diz... não ter havido...e: ... o senhor tem algum tipo de constrangimento ético... por ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?</p> <p>AÉCIO NEVES: Não... não tenho... até porque não sabia que essa...ah...ah... pista não estava homologada...aliás...essa é uma questão...</p> <p>AÉCIO NEVES: Olha...essa fazenda que você se refere...é uma fazenda que está na minha família há 150 anos... tem lá14 cabeças de... ah...gado... ((rindo)) essa é a grande fazenda... é um sítio que n...valorizado ou não...Bonner... é um sítio onde a minha família vai... eventualmente... nas férias...ali ninguém tá fazendo um negócio...essa cidade precisava desse aeroporto... como todas as outras que tiveram investimentos em Minas Gerais...eu nunca...na minha vida inteira...fiz nada que...que eu não pudesse defender de cabeça... erguida...criou-se... em torno desse caso uma celeuma... que você próprio deve estar surpreso agora...ah...é um sítio de... na...na... nossa parte... de talvez 30 alqueires...algo absolutamente... ah... familiar...pequeno...nada a ver com esse aeroporto... até porque... nesse local...já havia uma pista... eu poderia ter descido numa pista que já havia... que estava lá... há mais de vinte anos...</p>	<p>WILLIAN BONNER/AÉCIO NEVES (fala 15 e condensação de 16 e 22– RA 9)</p> <p>Willian Bonner: O senhor tem algum tipo de constrangimento ético pelo fato de ter utilizado essa pista para visitar a fazenda da sua família?</p> <p>Aécio: Não tenho. Eu nem sabia que essa pista não estava homologada. E se trata de um sítio que está na minha família há muito tempo. Não é uma fazenda.</p>
<p>WILLIAN BONNER/DILMA ROUSSEFF (falas 8, 9, 10 e 11)</p> <p>WILLIAN BONNER: Bom... entre as medidas que a senhora providenciou depois de alguns escândalos esteve o afastamento de alguns ministros... em quatro casos a senhora trocou um ministro por alguém... que era do mesmo partido dele... e do mesmo grupo político dele... que... frequentava o mesmo círculo...essa situação... a senhora considera que não foi trocar seis por meia-dúzia?...a senhora considera que foi uma atitude prudente como presidente substituir nessas circunstâncias...foi uma medida eficaz de sua parte candidata?</p> <p>DILMA ROUSSEFF: Então... continuando o que eu estava dizendo Bonner...nem todos as pessoas denunciadas foram...punidas pelo... judiciário e tiveram comprovadamente culpa...muitas pessoas se afastaram... porque é realmente muito difícil resistir à</p>	<p>WILLIAN BONNER/DILMA ROUSSEFF (falas 8, 9, 10 e 11 – RD 3)</p> <p>William Bonner: Entre as medidas que a senhora providenciou depois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros. Em quatro casos, a senhora trocou um ministro por alguém que era do mesmo partido dele e do mesmo grupo político dele. E que frequentava o mesmo círculo. Essa situação, a senhora considera que não foi trocar seis por meia dúzia? A senhora considera que foi uma atitude prudente, como presidente, substituir nessas circunstâncias? Foi uma medida eficaz da sua parte, candidata, manter gente do mesmo grupo político nos cargos?</p> <p>Dilma Rousseff: Mantive, sim, porque são pessoas de minha confiança e de confiança do partido. E nem</p>

<p><i>pressão da família ou... à apresentação da pessoa como tendo praticado um crime... (neste momento é interrompida pelo jornalista)</i></p> <p>WILLIAN BONNER: <i>mas a senhora manteve gente do mesmo grupo nesses cargos...</i></p>	<p><i>todas as pessoas que foram expostas na mídia como culpadas, foram condenadas...</i></p>
<p>DILMA ROUSSEFF: <i>(não se deixando interromper) na segunda... respondendo à segunda pergunta... por exemplo ... recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio...ora... o Paulo Sérgio foi meu ministro... foi ministro do presidente Lula... quando saiu do governo...ele ficou no governo num cargo importante que é na Empresa de Planejamento Logístico...o César Borges o substituiu... posteriormente... eu troquei o César Borges novamente aí pelo Paulo Sérgio... fiz a troca ao contrário... o César Borges também ficou no governo...o César Borges também ficou aí... dentro do governo... na Secretaria de Portos...os dois... são pessoas que eu escolhi... as quais...nas quais eu confio... acho que são pessoas.. bastante... (novamente interrompida pelo jornalista)...</i></p>	<p>DILMA ROUSSEFF (fala 11 – RD 5)</p> <p><i>Eu escolhi porque são pessoas de minha confiança. Eles já haviam exercido a função em meu governo e no do presidente Lula.</i></p>

A primeira amostra destacada (condensação das falas 5 a 8), aglutina elementos de mais de um segmento do texto-base, tanto na fala do entrevistador, quanto na do entrevistado. O retextualizador realça o tom de pressão, contido nas falas daquele “*Mas o senhor não respondeu a minha pergunta*”, e seleciona argumentos que em nada contribuem para uma projeção positiva da imagem de Neves. Assim, diante da questão “*O senhor vai aumentar essas tarifas?*” da qual se espera uma resposta objetiva, as falas empregadas no texto-base iniciam-se com a inserção “*respondo com absoluta clareza*”, para, em seguida, tergiversar sem um cerne muito claro, apesar da expectativa.

Como resposta (retextualizada), temos um “*Não espere um plano mirabolante.*” reproduzindo certa impaciência, soando indefinido ou pouco polido. Quando finalmente diz que “*teremos que viver um realinhamento desses preços*” temos, finalmente, a resposta, porém, percebida negativamente. A seleção dos argumentos para esse agrupamento de ideias dá conta das informações importantes dos textos-base, lidando com um campo espinhoso, que mexe com o bolso do trabalhador, e, portanto, negativiza muito o fragmento, sobretudo por “sugerir” um tom menos polido por parte do candidato.

O próximo fragmento também condensa mais de uma fala da entrevistadora e do entrevistado, e tem um prisma de negativização por ser evasivo, por não prover a resposta que se exige. O trecho, em sua realização pelo retextualizador RA 1, contém

duas perguntas (uma de cada segmento aglutinado): uma sobre diferenças entre os partidos, outra, dura e pessoal, sobre um possível conflito ético pelo apoio de Eduardo Azeredo. Fato é que, como resposta imediata tem-se “*Eu torcia sempre e esperava que a justiça se manifestasse.*” Trata-se de uma posição vaga, que remete à ideia do ócio, do cruzar os braços e “esperar”, e, conseqüentemente, negativa.

O excerto seguinte condensa-se a partir das falas 15, 16 e 22, trechos nos quais a questão do aeroporto vêm à tona novamente, e quando perguntado sobre ainda tão discutido “constrangimento ético” sua resposta, na perspectiva do retextualizador, foi “*Não tenho*”. Não ter constrangimento ético é um valor pouco aceito pela população, daí o tom negativizado. Em seguida, ao afirmar que “nem sabia que o aeroporto não estava homologado”, ocorre mais uma projeção negativa, isso porque não é desejável que o (então) governador, não saiba da falta da documentação para uso da aeronave.

Os exemplos que se seguem são de dois diferentes participantes acerca do mesmo item. No primeiro, aglutinado elementos de falas distintas, o retextualizador “cria” uma imagem negativizada da candidata, na medida em que, diante de uma situação delicada, afirma ter feito determinada escolha baseada apenas em critérios particulares e pouco objetivos. Assim, “*Mantive, sim, porque são pessoas de minha confiança e de confiança do partido*” não é recepcionado bem, pois não se trata de um argumento convincente e que é apresentado como se fosse revestido de autoritarismo. Ser “da confiança de alguém”, não significa que a pessoa é confiável, de fato. Acresce-se a esse tom negativo, a ideia da interferência direta do partido (PT) na escolha do ministro, o que enfraquece a imagem de Rousseff enquanto presidenta e, conseqüentemente, como candidata.

A condensação da última fala realizada pelo retextualizador RD 5 mantém dois núcleos importantes do texto-base (ser de confiança; já ter exercido a função anteriormente), e elimina todo o movimento que se faz no trânsito entre essas duas informações. O texto-alvo “*Eu escolhi porque são pessoas de **minha** confiança. Eles já haviam exercido a função em meu governo e no do presidente Lula*” cria uma imagem frágil para a argumentação da entrevistada, e, paralelamente, gera um desagradável tom ao seu discurso. Isso porque o tópico da entrevista é a corrupção, os diversos casos de corrupção enfrentados no governo, e, finalmente, a nomeação de pessoas dos mesmos partidos/grupos de políticos sob investigação e a resposta, tal qual expressa no texto-alvo, não restabelece a confiança (que é uma das

expectativas, numa entrevista com fundamentos eleitorais) do eleitor. A opção do retextualizador (RD 5) por selecionar esse componente do texto-base, negativiza a imagem da entrevistada uma vez que “são pessoas de **minha** confiança” não é um critério que, por si só, ateste competência ou honestidade; já ter trabalhado anteriormente no governo também não se sustenta como justificativa de escolha, uma vez que, como frisado, muitos deles estiveram sob suspeição.

5.3.5 Quanto ao emprego do *olho* nas entrevistas

Entre os dezessete textos que atenderam ao gênero entrevista escrita, catorze selecionaram o *olho*²¹, enquanto componente do gênero textual, e embora este elemento seja muito frequente, mas não obrigatório, sua utilização exprime ideia de maior completude à estrutura do texto. Além disso, o *olho*, nas amostras estudadas, desempenhou papel importante no sentido de colocar em relevo determinados aspectos que, associados aos movimentos textuais-discursivos apresentados nas subseções 5.3.3 e 5.3.4, reforçaram positiva ou negativamente a imagem projetada dos entrevistados.

Entre as catorze amostras que empregaram esse recurso, onze selecionaram trechos que realçam positivamente a fala do entrevistado e três delas destacaram de sua fala elementos com efeito negativo. Vejamos como se apresenta esse componente no primeiro grupo.

Quadro 25 – Olhos de entrevistas com realce de aspectos positivos

EXEMPLO	RETEXTUALIZADOR	OLHO SELECIONADO NA ENTREVISTA RETEXTUALIZADA
(A)	RA3	<i>“...não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil seja a lanterna do crescimento na América do Sul..”</i>
(B)	RA4	<i>“Conquistarei novamente a confiança do povo brasileiro que foi desapontado por falta de verdade”</i>
(C - D)	RA5	<i>“Eu quero governar o Brasil para iniciar um novo ciclo de desenvolvimento no país, um ciclo que concilie ética com eficiência” (C)</i>

²¹ O *olho*, como vimos, integra o gênero textual entrevista escrita, e poderíamos tê-lo analisado dentro da categoria 5.3.1 ou mais próximo a ela. A opção por colocar esta categoria de análise após as demais, deu-se porque, no todo da observação, verificamos que este tinha uma função complementar aos movimentos de positivização e negativização.

		<i>“Estamos vivendo hoje uma política, cuja teoria diverge da prática e sobre o real interesse do Brasil e da nossa economia”(D)</i>
(E)	RA6	<i>“Nós vamos enxugar o estado”</i>
(F)	RA7	<i>“O que o brasileiro quer? Transparência.”</i>
(G)	RA8	<i>“Vou tomar as medidas necessárias a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável. Não é adequado, não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil seja a lanterna do crescimento na América do Sul.”</i>
(H)	RD2	<i>“Eu sou presidente da República. Eu não faço nenhuma observação sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal”</i>
(I)	RD4	<i>“Nós justamente fomos o governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção, à irregularidade e maus feitos... Nós preparamos o Brasil para um novo ciclo de crescimento. Eu acredito no Brasil! ”</i>
(J)	RD7	<i>“Eu acredito no Brasil. Acho que, mais do que nunca, todos nós precisamos acreditar no Brasil e diminuir o pessimismo.”</i>
(K)	RD10	<i>“Inflação cai, e atinge 0%”</i>
(L)	RD11	<i>“Estamos vencendo a dificuldade de uma crise sem demitir, gerando emprego e renda!”</i>

Os *olhos* em destaque no quadro acima aparecem destacados das entrevistas, e é preciso considerar que, enquanto gênero, os sentidos constroem-se através da conjunção dos elementos. Desse modo, considerar determinado exemplo acima como um excerto com uma valoração positiva, depende da remissão ao texto no qual estão inseridos e do direcionamento que o retextualizador deu a esse texto, em seu trabalho de retextualização. Além disso, muitos elementos que conferem essa valoração se acham além do texto, no campo da referência, que como vimos, abarca o arcabouço social, histórico, cultural dos sujeitos e convergem para a construção dos sentidos.

Nesse sentido, o *olho* expresso no exemplo (E) *“Vamos enxugar o estado”*. Vários governos vêm prometendo a diminuição de despesas públicas, especialmente aquelas advindas de despesas com o funcionalismo, e, recorrentemente se fala em *“enxugar a máquina”*, analogamente à fala do candidato. A promessa de enxugamento das despesas, apesar de antiga e enfraquecida com o movimento contrário – o de aumento desses gastos – no contexto em que foi proferida, remete a um governo que

busca “economizar” em setores considerados “inchados” ou mesmo a um governo corajoso e disposto a enfrentar um problema antigo. No contexto da retextualização esse discurso ainda tinha respaldo, uma vez que, apesar da instabilidade política que se instaurara, ainda gozava de algum *status* garantias de uma política social. Bastaram alguns meses para que o contexto se modificasse. Na segunda metade de 2016 (pouco depois das oficinas de retextualização), com sucessivas medidas ocorridas após o impedimento da presidente reeleita, falar em “enxugar o estado” tem um efeito oposto: o medo de que esse enxugamento ocorra com a perda de direitos e programas sociais, assim como a diminuição de investimentos em áreas essenciais. Isso somente ilustra o fato de que a atribuição de uma avaliação positiva (ou negativa) não está na superfície do texto, mas numa instância discursiva.

Os *olhos* selecionados nos exemplos (A), (D) e (G) elevam a figura do entrevistado Aécio Neves, não por explorar qualidade própria sua, mas por expor falhas do governo então vigente (que por acaso é o de sua principal oponente na campanha eleitoral). Destacar que “*não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil seja a lanterna do crescimento na América do Sul*” (os exemplos A e G contêm essa frase) envolve uma crítica ao governo, sendo a construção “não é compreensível” equivalente a “é inaceitável”, ou “inadmissível” no contexto em que é proferido. O mesmo movimento ocorre no exemplo (D), em que a crítica é mais acentuada, e inicia-se de forma direta com “*estamos vivendo hoje uma política...*”. Ou seja “temos atualmente um governo que não...”. Em ambos os casos, o entrevistado eleva-se como uma possibilidade de mudança, diante do quadro que ele, ao criticar, demonstra conhecer bem.

No caso específico do exemplo (G), além do fragmento em destaque, o *olho* apresenta um enunciado com a configuração de promessa, em “***Vou tomar as medidas necessárias a que o Brasil retome o ritmo de crescimento minimamente aceitável.***” Expressa por uma construção que transmite a ideia de segurança e coragem. Os exemplos (B), (C) e (F) também constituem promessas e elevam muito a percepção sobre Neves. “*Conquistarei novamente a confiança do povo brasileiro[...]*” (B) relaciona-o à imagem da confiabilidade, que em política, associa-se à honestidade, qualidades valorizadas pelo povo, em se tratando de políticos. E “*iniciar um novo ciclo de desenvolvimento*” conciliando “*ética com eficiência*” (C) são elementos que evocam a esperança em um país melhor, com mais riqueza e com um governo ético e,

analogamente ao exemplo anterior, confiável. O exemplo (F) configura uma promessa, mas é construído de uma forma indireta. Na entrevista é possível verificar, após o enunciado *“O que o brasileiro quer? Transparência”* a formulação da promessa, propriamente. Da forma como foi feito o recorte acima, o olho traz uma espécie de frase de efeito, que sugere uma aproximação entre o candidato e o público, na medida em que o candidato se coloca na posição de conhecedor dos anseios do povo, e de possibilidade de atenção a esses anseios, o que, em cenário de campanha, positiviza ainda mais a sua construção de imagem.

O exemplo (H), tomado fora de contexto, pode ter efeito de sentido favoráveis ou desfavoráveis, pois se, por um lado, pode representar respeito às instituições e à autonomia dos poderes, por outro lado pode parecer uma postura passiva (*“não faço observações sobre julgamentos do STF”*). No contexto da entrevista que integra, esse olho é um recurso que se aproxima mais da primeira visão, considerando que o retextualizador realizou operações que criaram efeitos de posituação, e reelaborou o discurso de modo a destacar a autonomia dada pelo governo às instâncias (poderes).

Em (I), (K) e (L), os *olhos* selecionados remetem a qualidades da entrevistada e a sua gestão, contribuindo para a construção de uma imagem honesta e empenhada (*“fomos o governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção” / preparamos o Brasil para um novo ciclo de desenvolvimento*), competente (*“a inflação cai”*) e atenta às preocupações da população (*“enfrentando a crise sem demitir”*). Um aspecto muito importante há de ser considerado, no caso do exemplo (I). Trata-se de um *olho* que condensa argumentos de falas diferentes de Dilma Rousseff. Ou seja, essas falas, para constituir o *olho*, foram retextualizadas.²²

Em (J), o *olho* escolhido constitui um apelo, que ativa o componente emocional (*todos nós precisamos acreditar no Brasil*) e a crença no futuro (*diminuir o pessimismo*). Esses são elementos que, frequentemente, integram o discurso político como forma de aproximação entre governo e povo, além de evocar a ideia de união e esperança, constituintes muito valorizados.

Passemos ao segundo, com uma ocorrência consideravelmente menor.

²² Recurso similar a esse é muito comum em sites de notícias, quando, na tela principal aparece a manchete com um fragmento da fala de algum entrevistado. Normalmente esse fragmento está alterado de seu contexto original, ganhando maior expressividade e “convidando” o leitor a clicar para ler a matéria.

Quadro 26 – Olhos de entrevistas com realce de aspectos negativos

EXEMPLO	RETEXTUALIZADOR	OLHO SELECIONADO NA ENTREVISTA RETEXTUALIZADA
(M)	RA 1	<i>“Teremos que viver um processo de realinhamento desses preços.”</i>
(N)	RA 10	<i>“É óbvio que nós vamos ter que viver um processo de reajuste desses preços.”</i>
(O)	RD 3	<i>“Eu não vou tomar nenhuma posição que me coloque em confronto, conflito.”</i>

Nos exemplos (M) e (N) há variações para o mesmo enunciado. O aspecto negativo dos fragmentos selecionados como *olhos* reside no fato de que, a constatação de Neves sobre a necessidade “realinhamento/reajuste” de preços é colocada como algo já determinado para ocorrer, caso ele seja eleito. Essa perspectiva desestabiliza e assusta a população, especialmente a de menor renda, sendo sempre recebida de forma negativa, causando de medo e incerteza.

Já o exemplo (O), transmite uma ideia de que a entrevistada deseja se eximir de um dado confronto. Isso não constitui, por si só, um problema, mas, dada a construção social que já se tem acerca da figura de Rousseff (confusa linguisticamente falando; prolixa em suas falas; fraca, argumentativamente falando). Nesse caso “*não vou tomar nenhuma posição*” de confronto/conflito, assume o sentido de fuga, escapismo e incapacidade de argumentar e gerir seus pontos de vista, o que muito ruim a alguém que pleiteia um cargo tão importante.

5.4 REFERENCIAIS DE CHEGADA

Nesta seção, o percurso através do qual analisamos o *corpus* permitiu verificar etapas do processo de transformação do texto oral em texto escrito. Convém tecermos algumas considerações sobre os textos-alvo, pensados em seu todo e, ao mesmo tempo, na relação com os sujeitos que os produziram.

De início, pudemos acompanhar os modos como os estudantes do grupo participante da pesquisa receberam as entrevistas de Dilma Rousseff e Aécio Neves, e apesar do distanciamento temporal entre a sua realização e o quadro enunciativo das oficinas de retextualização (muda o tempo, a atmosfera política, os objetivos) verificamos que eles expuseram suas leituras de forma muito parecida com aquelas feitas imediatamente após a exibição, em 2014. Eles demonstraram a

percepção sobre elementos linguísticos e pragmáticos do ato de comunicação que constituíram as entrevistas, chamando a atenção para o papel de cada interlocutor.

Essas “leituras” compuseram parte do processo de apropriação do gênero textual entrevista escrita, que se deu pela incorporação do elemento verbal, mas também pelos elementos não verbais característicos da interação, uma vez que a organização pergunta-resposta não aparece linearmente no texto oral, havendo quebras, interrupções, sobreposições de fala, que foram, no interior dos textos-alvo, reestruturadas e/ ou assinaladas metalinguisticamente.

Apesar de haver textos que não atenderam à especificidade genérica, os demais realizaram a transformação de forma satisfatória, levando em conta o fato de serem estudantes de nível médio, no qual, em geral, ainda se tem algumas dificuldades no que tange ao uso da norma escrita. Eles “emprestaram” a seus textos, conhecimentos oriundos do estudo sobre o gênero, mas também elementos de suas práticas com relação a esse gênero, afinal, estão expostos, por intermédio de mídias diversas mídias, ao gênero, tanto em sua forma oral, quanto escrita. Alguns dos participantes, inclusive, mantêm blogs (nos quais comentam fatos, fazem tutoriais de moda, maquiagem, empoderamento feminino, etc.) em que fazem entrevistas ou reduplicam aquelas que consideram interessantes. Ou seja, os recursos atinentes ao gênero textual, mobilizados nesse processo de retextualização, vêm muito dessas vivências.

Uma vez analisados os textos-alvo em sua completude, em seu todo significativo, constatamos que estes atenderam satisfatoriamente ao requisito da transformação entre as modalidades. É perceptível, em termos de organização típica, que as características gerais de cada modalidade são observadas pelos estudantes, e que estes reconhecem adequadamente elementos mais aproximados do texto oral ou mais aproximados do texto escrito, em suas formas prototípicas, porque como assinalamos em outro momento, há textos orais aproximados dos textos escritos e vice-versa, numa caracterização híbrida, em função do gênero, ou do suporte (um bate-papo em chat e *whatsapp*, é uma escrita que se aproxima do texto falado; um discurso de formatura pode ser memorizado a partir de um escrito).

Nesse sentido, as estruturas mais particulares ao texto falado são as que mais rapidamente são identificadas e modificadas, nas chamadas operações de idealização e regularização. Há, contudo, algumas marcas que permaneceram em alguns dos

textos-alvo, como por exemplo, algumas marcas interacionais (“*Veja bem, Bonner*”; “*Então, Patrícia*”; “*Não é?*”).

Por serem lexicalizadas (diferentemente de formas como “hum”, “né”, “pera” – no sentido do verbo esperar), e pelo fato de a entrevista escrita ter esse caráter de representação da interlocução oral, elementos como os citados são aceitos com alguma naturalidade pelos estudantes. Quando essas mudanças exigem uma sintaxe mais elaborada, os estudantes apresentaram maior dificuldade de identificar e modificar o texto-base, resultando em segmentos editorados, porém com um ordenamento sintático e uma organização argumentativa parecidos com as do texto original, exceto nos casos de aplicação das operações de reordenação sintática e tópicas, por exemplo.

Na prática, isso quer dizer que alguns estudantes movem bem a superfície do texto, mas mantêm a mesma ordem de informações, argumentos, do texto-base. Esse aspecto apresenta uma interseção com o domínio da norma escrita, que foi respeitada satisfatoriamente, para um grupo de estudantes das séries finais do Ensino Médio, com pequenos desvios na maioria dos textos (normalmente de concordância e regência), e pelo menos um deles com desvios mais acentuados (RA 9), com desvios mais variados na ortografia e na sintaxe. Essa avaliação fica um pouco comprometida, pois há mecanismos de correção nos editores de texto nos computadores utilizados. Eles não garantem uma escrita coesa, coerente, estruturada, mas contribuem para a eliminação de erros mais comuns, sobretudo no plano da ortografia.

Apesar dessas observações sobre algumas dificuldades nos planos mais aprofundados da construção do texto, transformações nesse nível ocorreram e de forma significativa, com a mobilização de recursos linguísticos, textuais e discursivos (ou hifenizados, amalgamados, para ser bem fiel à concepção marcuschiana), de forma simultânea, sobreposta – na medida em que os sujeitos debruçaram-se sobre os textos e os resignificam. Foi possível, com isso, acompanhar movimentos textuais-discursivos (vistos em bloco, por serem, segundo Marcuschi, 2008, indissociáveis) descritos na sobreposição das operações de retextualização, e reveladores, no caso específico deste *corpus*, de movimentos em que os sentidos vão sendo reconicionados, em que novos referenciais vão sendo evocados e nos quais a “verdade” passa a ser o que se escolhe para ser essa verdade (na reordenação tópica, por exemplo, os retextualizadores modificaram a ordem de apresentação de

argumentos, pondo em destaque aquilo que desejavam realçar, e deixando em segundo plano o que desejam minimizar). Resultantes desses movimentos, seja através dos efeitos causados a enunciados, enquanto partes do discurso, seja através do reflexo geral para a imagem do entrevistado, delinearam-se as categorias aqui nominadas de positividade e negatividade de acordo com o resultado imediato que estabelecem.

As intervenções discursivas figuraram, portanto, no cerne dessas relações, ocorridas a partir do momento em que os sujeitos, impelidos por sua constituição sócio histórica (pelo confronto entre suas próprias ideias e aquelas apresentadas, por suas opiniões políticas, pela imagem que já têm constituída sobre os candidatos e entrevistadores, pelo conhecimento ou não conhecimento prévio sobre determinado tópico da entrevista, ou mesmo pela simpatia ou antipatia oriunda do desenrolar da entrevista, independentemente de sua visão anterior acerca dos interlocutores), pelas margens de sua interpretação, e pelo manejo linguístico de que dispõem, vão operar mudanças nos textos-base, conferindo-lhes novas possibilidades. Essa intervenção discursiva nas entrevistas escritas oriundas de retextualização não ocorre, contudo, de forma generalizada, em todo o texto, de modo a desfigurar abertamente a fala dos interlocutores. Não ocorre, também, de forma homogênea em todos os textos, ou mesmo dentro de um mesmo texto. Ela se manifesta nas sutilezas da linguagem e na sobreposição das operações de retextualização.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Principiei este trabalho falando da gênese do meu interesse pela retextualização, em meu “*encontro*” com essa perspectiva de estudo, que é, antes de tudo, uma forma de análise do próprio *texto* em processo – um dos muitos pelos quais este passa, nas inúmeras instâncias das práticas sociais que media. Início, pois, esta seção, falando em “*reencontro*”, posto que este estudo corresponde a um segundo olhar lançado sobre a referida proposta analítica. Se, no *encontro*, o momento foi de identificação e enfrentamento, o *reencontro* foi o momento de desafio e aprofundamento. O desafio residiu na busca pela configuração de um novo enfoque, um novo objeto, dentro daquele campo teórico, ao passo que o aprofundamento veio por consequência dessa busca, através do ajuntamento de vozes sobre o campo, e do desenvolvimento das etapas do trabalho.

Acerca do desafio do objeto, pude avaliar que as intervenções textuais-discursivas efetuadas em entrevistas de políticos brasileiros em campanha eleitoral são modificações realizadas no texto-base, em sua trajetória para o texto escrito, capazes de produzir efeitos de sentido diferentes daqueles expressos no texto de partida, a partir de escolhas e decisões do retextualizador, num dado contexto de enunciação. Essas intervenções podem ocorrer a partir de substituições lexicais, de tratamento estilístico, da reorganização de tópicos e da sequência argumentativa, da condensação de ideias (e, em grande medida, pela sobreposição de várias dessas operações linguísticas discursivas), ou de elementos inerentes ao gênero textual (no caso das entrevistas, o *olho*, que foi um componente do gênero textual entrevista escrita, exerceu importante função discursiva, por se tornar um componente norteador da interpretação do texto).

Convém ressaltar que as intervenções textuais-discursivas, foram estudadas conjuntamente, tal qual defendido por Marcuschi, ao tratar dos elementos “linguísticos-textuais-discursivos”, ou “linguísticos-discursivos”, ou “textuais-discursivos” sempre como intercambiáveis e indissociáveis. Um tem implicações sobre o outro. Ações no plano linguístico estão diretamente entrelaçadas ao plano textual, que, por sua vez, implicam ou refletem no plano discursivo, em diversos entrecruzamentos.

No que tange à questão de pesquisa, afinal, “*ao realizar as complexas operações de transformação do texto oral em escrito, que movimentos textual-discursivos são realizados pelos estudantes na (re)construção dos sentidos dos textos e na projeção de dada imagem dos candidatos?*” ficou mais que evidente que tais movimentos realizados pelos estudantes foram muitos, e multifacetados, como o é o texto. Enquanto regularidade, contudo, nas amostras em estudo conseguimos destacar movimentos com tendência a tornar mais positiva ou mais negativa a imagem projetada do candidato. Em se tratando do perfil dos participantes – adolescentes secundaristas –, a mobilização de recursos dessa natureza demonstrou que, apesar de apresentarem algumas lacunas na competência escrita (problemas de ortografia, sintaxe, etc.), esses estudantes têm uma leitura dita crítica do mundo ao seu redor, e atuam sobre o texto no intuito de ratificar essa leitura.

O papel desses estudantes, dentro da proposta de trabalho, foi fundamental, devido ao fato de que constituiu um público inquieto e engajado, muito observador. Esse perfil é definidor das tomadas de decisão no momento de intervir sobre o texto-base. Das operações mais simples às mais complexas, esses sujeitos se interpuseram entre “original” e o “texto-alvo”, marcando-se neles, em cada decisão, em cada recurso de que lançaram mão. Não há, nesse contexto, neutralidade: as filiações de cada um vão integrar os modos como interpretam e os modos como atuam esses sujeitos – que se posicionam contra ou a favor de algum dos candidatos não puramente pelo que este “diz” na respectiva entrevista, mas pelo que diz “a entrevista”. Esse “o que diz a entrevista” é uma síntese analítica. Os sujeitos recepcionam e interpretam esse *dizer* a partir da convergência entre o que é “dito”, empiricamente, e o que carregam consigo enquanto “bagagem” sociocultural e histórica.

Sendo assim, após ter refletido sobre perspectivas acerca da relação entre fala e escrita, enquanto práticas sociais; ter delimitado teoricamente conceitos de retextualização, suas operações, e seu fundamento textual-discursivo, sob o escopo da Linguística Textual, e após, finalmente, ter me debruçado sobre o funcionamento discursivo das operações de retextualização, vejo a relevância do enfoque dado, uma vez que se contempla, mesmo que parcialmente, uma variável complexa e ainda repleta de possibilidades, dentro ou fora do ambiente educacional. É importante verificar como o texto, enquanto elemento empírico de análise, fornece, ao mesmo tempo, importantes pistas sobre o componente discursivo a ele subjacente, e

reconstitui simbolicamente esse mesmo componente. Em suma, um pouco além das aplicações didáticas que têm sido desenvolvidas maciçamente sobre retextualização, a pesquisa procurou demonstrar e analisar uma variável interveniente ao processo. Os resultados serviram para que se convalidasse o seu objeto, e para demonstrar que todo texto resulta de um processo e que, no caso da retextualização, esse processo dado no contínuo entre fala e escrita (mas não exclusivamente) descreve seria um novo percurso de textualidade.

Por uma questão metodológica, apesar de o estudo ter partido de *corpus* coletado em contexto pedagógico, a variável do ensino de língua, ou mesmo o trabalho com os gêneros textuais (que são a base desse ensino, atualmente), não constituíram categorias analíticas nesta pesquisa, lacuna que pode ser preenchida em trabalhos posteriores. Além disso, podem ser realizados estudos complementares, com ênfase em marcadores específicos da oralidade, situados nas operações de idealização e regularização, pois vêm se avolumando estudos teóricos importantes sobre o texto falado, alguns dos quais não foram aqui contemplados.

E eis que, do *reencontro*, o desafio, em suas delimitações e recortes, fica, por ora satisfeito (mas nunca por completo). Quanto ao aprofundamento, por ser vasto o conhecimento, e por serem vastas as possibilidades de abordagem tanto no que diz respeito à retextualização, quanto no que diz respeito ao texto, em sentido mais amplo, diria que este se deu até onde foi permitido o tempo da pesquisa, havendo, portanto, muito o que aprender sobre este que é, por assim dizer, uma prática, uma atitude social perante a língua.

REFERÊNCIAS

ADAM, Jean-Michel. **Linguistique textuelle**. Des genres de discours aux textes. Paris: Nathan, 1999 apud MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

AULETE, Caldas. **Aulete Digital**. Disponível em: < <http://www.aulete.com.br/entrevista> > Acesso em: 31 de set de 2016.

BENFICA, Maria Flor de Maio Barbosa. **Atividades de Retextualização em livros didáticos de português**: estudo dos aspectos linguístico-discursivos dos gêneros implicados. Belo Horizonte: UFMG, 2013. 170 p. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. (2013)

BENTES, Anna Christina. REZENDE, Renato Cabral. **Texto**: conceitos, questões e fronteiras [con]textuais. In: SIGNORIN, Inês. (org.) **[Re] discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 19-46.

BRASIL. **Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2012**. Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. **Diário oficial da União**, 30.12.2012. Brasília, DF, p. 1.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. **Editais de abertura de inscrição do processo seletivo 2016**. Disponível em: <http://www.conquista.ifba.edu.br/attachments/article/1118/edita%20tecnico%20integrado%20-%20processo%20seletivo%20ifba%202016%20-0publicado%20em%2026_08~.pdf> Acesso em: 05 de jun de 2016.

CALVET, Louis-Jean. **Tradição Oral & Tradição Escrita**. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre Entrevistas**: teoria, prática e experiências. Petrópolis: Vozes, 2006. Disponível em: <https://dennisdeoliveira.files.wordpress.com/2014/09/stela_guedes_caputo_-_sobre_entrevistas-1-1.pdf>. Acesso em: 02 de nov de 2016.

CARTA CAPITAL. **Bonner e Poeta fazem entrevista dura com Aécio Neves**. Edição de 11/08/2014. Disponível em: <http://www.cartacapital.com.br/blogs/carta-nas-eleicoes/bonner-e-poeta-fazem-entrevista-dura-com-aecio-neves-9590.html> > Acesso em 22 de out de 2016.

CARTA CAPITAL. **Jornal Nacional vira personagem eleitoral**. Edição de 23/08/2014. Disponível em: < <http://www.cartacapital.com.br/politica/jornal-nacional-vira-personagem-eleitoral-2950.html> > Acesso em 22 de out de 2016.

CAVALLO, Guglielmo. CHARTIER, Roger. **História da leitura no mundo ocidental**. v.1. São Paulo: Ática, 1998.

_____. **História da leitura no mundo ocidental**. v.2. São Paulo: Ática, 1999.

COOK-GUMPERZ, J.; GUMPERZ, J. **From oral to written culture**: the transition to literacy. *apud* GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita**: uma revisão. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403 – 432, maio/ago. 2006.

COSTA, Sérgio Roberto. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

DELL'ISOLA, Regina Lúcia Péret. **Retextualização de gêneros escritos**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

FARACO, Carlos Emílio; TEZZA, Cristóvão. **Prática de texto**. Petrópolis: Vozes, 1993.

FLICK, Uwe. **Introdução à Pesquisa Qualitativa**; tradução de Joice Elias Costa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FLÔRES, Onici. SILVA, Mozara Rosseto. **Da oralidade à escrita**: uma busca da mediação multicultural e plurilinguística. Canoas, RS: Ed. ULBRA, 2005.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita**: uma revisão. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403 – 432, maio/ago. 2006.

GERALDI, João Wanderlei (Org.) **O texto na sala de aula**. 4ªed. São Paulo: Ática, 2006. In: KÖCHE, Vanilda Salton; PAVANI, Cinara Ferreira; Boff, Odete Maria Benetti. **O processo de reescrita na disciplina de Língua Portuguesa instrumental**. Revista Linguagem & Ensino. Pelotas. 142 v. 7, n. 2, p.141-164l./dez. 2004.

GNERRE, Maurizio. **Linguagem, escrita e poder**. 5. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**. Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. 6. ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

KATO, Mary A. **No mundo da escrita**: uma perspectiva psicolinguística. 3 ed. São Paulo: Ática, 1990.

KOCH, Ingedore Grunfeld Vilaça. **Desvendando os segredos do texto**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Especificidade do texto falado**. In: JURBAN, Clélia Spinardi. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2015, p.39-46. v. I – A construção do texto falado.

- _____. **Introdução à Linguística Textual**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- HAVELOCK, Eric. **A equação Oralidade – cultura escrita**: uma fórmula para a mente moderna. In: OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. 2.ed Sao Paulo: Atica, 1997.
- HOFFNAGEL, Judith Chambliss. **Entrevista**: uma conversa controlada. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora (Org). **Gêneros textuais & ensino**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.
- JURBAN, Clélia Spinardi. **Introdução**. _____. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. I – A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015.
- LAGE, Nilson. **A reportagem**: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita**: atividades de retextualização. 4. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2003.
- _____. **Hesitação**. In: JURBAN, Clélia Spinardi. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. I – A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015.
- _____. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. 3. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. **Atividades de (re)textualização em práticas acadêmicas**: um estudo do resumo. Revista SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 6, n. 11, p. 109-122, 2º sem. 2002.
- MENEZES, Graziela Ninck Dias. **Entre mitos e narrativas**: A docência na educação profissional técnica. Salvador: UNEB, 2015. 185 p. dissertação (Mestrado). PPGEduc/Programa de Pós-graduação em educação e Contemporaneidade. Universidade do estado da Bahia. Salvador, 2015.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
- NEVES. Aécio. Jornal Nacional, Rio de Janeiro, 11 ago de 2014. **Entrevista concedida a Patrícia Poeta e Willian Bonner**. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=entrevista+com+aecio+neves+no+jornal+nacional+11.08.2014&biw=1366&bih=659&source=Inms&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwitu-SUnM7MAhVMIZAKHZHoAZwQ_AUICCgD&dpr=1#imgrc=23EuqyYWifZbOM%3a> Acesso em: 14 out de 2015.
- OLSON, David R; TORRANCE, Nancy. **Cultura escrita e oralidade**. 2.ed Sao Paulo: Atica, 1997.
- ONG, W. J. **Oralidade e cultura escrita**: a tecnologização da palavra. Campinas: Papyrus, 1998. *apud* GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto

Gomes. **Oralidade e escrita**: uma revisão. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403 – 432, maio/ago. 2006.

PAULOS, Marcelo de. **Raio-x da entrevista de Aécio Neves no Jornal Nacional**. In: Feedback Magazine. Disponível em: <http://www.feedbackmag.com.br/raio-x-da-entrevista-de-aecio-neves-no-jornal-nacional/> Acesso em 23 de out de 2016.

ROUSSEFF, Dilma. Jornal Nacional, Brasília, 18 ago de 2014. **Entrevista concedida a Patrícia Poeta e Willian Bonner**. Disponível em: https://www.google.com.br/search?q=entrevista+dilma+rousseff+jornal+nacional+2014&biw=1366&bih=659&source=lnm&tbm=isch&sa=X&ved=0ahUKEwj6svvcws3MAhVBGpAKHWrjAy4Q_AUICCGD&dpr=1#imgsrc=UdHpljm6JvumBM%3A Acesso em: 14 out de 2015.

ROVAI, Renato. **Bonner quis falar mais que Dilma na entrevista do Jornal Nacional**. In: Revista Fórum. Disponível em: <http://www.revistaforum.com.br/blog/dorovai/2014/08/18/bonner-quis-falar-mais-que-dilma-na-entrevista-jornal-nacional/> Acesso em: 19 de out de 2016.

SIGNORINI, Inês (Org.) **[Re] Discutir texto, gênero e discurso**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SOUZA-E-SILVA, Maria Cecília. CRESCITELLI, Mercedes Canha. **Interrupção**. In: JURBAN, Clélia Spinardi. (org.) **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. I – A construção do texto falado. São Paulo: Contexto, 2015, p.69-82

SILVA, Leilane Ramos da. FREITAG, Raquel Meister Ko. (Org.) **Linguagem e representação discursiva**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2008.

STRAUSS, Anselm. CORBIN, Juliet. **Pesquisa Qualitativa**: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada; tradução de Luciane de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TAVARES, Moacir Gubert. **Evolução da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**: as etapas históricas da educação profissional no Brasil. In: Anais do IX Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul – ANPED Sul/ Universidade de Caxias do Sul. Disponível em: < <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/177/103> > Acesso em 31 de maio de 2016.

TRAVAGLIA, Neuza Gonçalves. **Tradução Retextualização**: a tradução numa perspectiva textual. 2. ed. Uberlândia, MG: Editora da Universidade Federal de Uberlândia, 2013.

ZUMTHOR, P. **A Letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Companhia das Letras, 1993. *apud* GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Oralidade e escrita**: uma revisão. Cadernos de Pesquisa, v. 36, n. 128, p. 403 – 432, maio/ago. 2006.

APÊNDICES

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE AÉCIO NEVES

Concessão e exibição: Estúdios do Jornal Nacional - 18/08/2014

1WILLIAN BONNER: O Jornal Nacional abre hoje a série de entrevistas ao vivo com os principais candidatos à presidência da República...nós vamos abordar aqui:: os temas polêmicos das candidaturas... e também confrontar os candidatos... com o seu desempenho em cargos públicos...nas próximas semanas os candidatos estarão também no Bom Dia Brasil e no Jornal da Globo... o sorteio... realizado com a supervisão de representantes dos partidos... determinou que o candidato do PSDB... Aécio Neves seja O entrevistado de hoje... boa noite candidato...

2AÉCIO NEVES: Boa noite... Bonner... boa noite... Patrícia... boa noite:: brasileiros de todas as partes do país que nos ouvem aqui hoje... é um prazer imenso estar aqui Bonner.

3WILLIAN BONNER: Muito obrigado... o tempo total da entrevista é de 15 minutos... dos quais nós reservamos...o último minuto e meio para que... o candidato fale... resumidamente... claro...sobre... projetos que ele considera prioritários caso ele seja eleito... e o tempo começa a ser contado a partir de... agora... candidato? ... quando o senhor critica... a:: situação da:: economia brasileira... o senhor tem dito que seja quem for o presidente... eleito...pro ano que vem... vai ter que fazer uma arrumação da casa... o senhor já mencionou...choque de gestão...redução de número de ministérios...redução de cargos comissionados... o senhor já falou em combate... a:: ... a desperdícios...mas... economistas que concordam com o seu diagnóstico pra economia brasileira...dizem que... essas medidas que o senhor tem anunciado não bastam...elas não seriam suficientes pra resolver... que seria necessário que o governo fizesse um corte... profundo... de gastos...que seria necessário eu o governo também... eliminasse a defasagem de tarifas públicas como preço da gasolina... e energia elétrica...a questão é a seguinte... o senhor... não vai fazer... essas medidas... que os economistas defendem... ou o senhor está procurando... não mencionar essas medidas porque elas são impopulares...

4AÉCIO NEVES: Ô... Bonner... eu tenho dito em todos os fóruns... e aqui... a você... de forma muito clara... vou tomar as medidas necessárias para que o Brasil retome... o nível de crescimento minimamente aceitável...não é adequado... não é compreensível que um país com as potencialidades do Brasil... seja o lanterna do crescimento na América do Sul...e estejamos aí.. de novo com aquela agenda que achávamos já derrotada há tempos atrás como a da inflação... de novo a atormentar a vida do cidadão... da cidadã... brasileir () ...eu tenho tido a... oportunidade de me reunir... Bonner... com alguns dos mais talentosos economistas do Brasil... mas também na outra ponta também tenho conversado com as pessoas... qué que o brasileiro quer? ... transparência...um governo que tenha coragem de fazer aquilo que seja necessário... nós vamos sim... enxugar o estado... não é...é admissível... não é: razoável que tenhamos hoje...39 ministérios...eh...não s...apenas pelo custo dos ministérios...mas pela incapacidade deles apresentarem resultados...entregarem serviço de qualidade às pessoas...e estejamos hoje... vivendo uma política externa...cujo alinhamento ideológico... é prioridade... sobre o pragmatismo... sobre o interesse real... do Brasil e da nossa economia... e tudo isso levou... a uma crise de confiança muito grande no Brasil Bonner...

5WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Mas o senhor... não respondeu a minha pergunta... a minha pergunta é se entre essas necessidades... se inclui

a redução da...da...da... dos gastos públicos... e o fim... dessa defasagem das tarifas...de energia e gasolina...

6AÉCIO NEVES: ((retomando a fala entrecortando o entrevistador)) Não.. não... respondo com... respondo com absoluta clareza...começando do final... no meu governo vai haver previsibilidade... em relação a essas tarifas... e em todas as medidas do governo...ninguém espere... no governo... Aécio Neves... o pacote A... o PAC disso... o PAC daquilo...ou algum... plano mirabolante...

7WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Mas o senhor vai... aumentar... a...a...as tarifas?...

8AÉCIO NEVES: ((retomando a fala entrecortando o entrevistador)) Nós vamos... nós vamos... nós vamos tomar as medidas necessárias... é óbvio que nós vamos ter que viver um processo... de realinhamento desses preços... quando... e como... obviamente quando você tiver os dados... sobre a realidade do governo...é que você vai...é... estabelecer isso... eu não vou temer tomar aquilo que seja necessário... as medidas necessárias...para controlar a inflação...retomar o crescimento e... principalmente... Patrícia... e Bonner...a confiança perdida no Brasil... porque essa desconfiança em relação ao nosso país... afugenta os investimentos... e os investimentos indo embora...os empregos vão embora... olha... o saldo da balança comercial de manufaturados... dos produtos que mais agregam... produzidos no ano passado... foi negativo em 107 bilhões de reais... sabe o que isso significa?... que os empregos que deveriam estar sendo gerados no nordeste brasileiro ...no centro-oeste... no norte..... estão sendo gerados na Ásia... e em outras partes do mundo... e isso tem que acabar.

9PATRÍCIA POETA: Candidato... o seu partido é crítico ferrenho... de casos de corrupção... que envolvem o PT... mas o seu partido também é acusado de envolvimento...em escândalos graves de corrupção... como é o caso do mensalão mineiro e também do pagamento de propina a funcionários públicos... pelo cartel de trens e metrô de São Paulo... isso pra citar dois exemplos...toda vez que escândalos como esses vêm a público... tanto o PT quanto o PSDB...usam o mesmo discurso... um discurso óbvio... e () correto... que tudo tem que ser investigado... e se houver culpado tem que ser punido... por que que o eleitor iria acreditar... que exista diferença...quando o assunto é esse... corrupção?

10AÉCIO NEVES: Patrícia...eu acho que a diferença é enorme... porque no caso do PT...houve uma condenação... pela mais alta corte brasileira... estão presos... líderes do partido...eh...tesoueiros... do partido...pessoas que tinham postos de destaque na administração federal...por denúncias de corrupção...eu nunca torci pra ninguém ser preso... sendo aliado ou adversário... apenas torcia sempre e esperava que a justiça se manifestasse...em relação ao PSDB ou aqueles sem partidos...se tiverem denúncias que sejam consistentes... tem que ser investigadas... e tem que responder por elas... o que eu posso garantir é que...no caso do PSDB...se eventualmente... alguém for condenado... não será... como foi no PT...tratado como herói nacional...porque isso de-se-duca...portanto... todos os partidos ã... estão aí:: b...e têm a possibilidade de ter... nomes que estejam envolvidos em qualq...quaisquer denúncias...apuração... e punição.. é isso que esperam os brasileiros.. independente da filiação partidária...

11PATRÍCIA POETA: Mas candidato... vamos pegar um exemplo aqui... Eduardo Azeredo...né.. que foi um dos principais acusados...de ser beneficiado no escândalo do mensalão mineiro...renunciou e por isso não foi julgado ainda... ele está a seu lado... em eu palanque... apoiando... essa campanha eleitoral... isso de uma certa forma...lhe causa algum desconforto... não é... passar a mão na cabeça das pessoas...de alguém... do partido... um réu... né... nesse caso...

12AÉCIO NEVES: Ele está me apoiando... você colocou bem... Patrícia... não é o inverso... ele é um membro do partido...e que tem a oportunidade de se defender na justiça... vamos aguardar que a justiça possa julgá-lo... se condenado... ela vai... ser punido...mas eu não prejulgo... eu não prejulguei os petistas... não vou prejulgar... os tucanos... o que eu posso te dizer... e reitero é que...independente do partido político... eu acho que qualquer cidadão... tem que responder pelo seus atos... e o Eduardo vai se... responder pelo dele...pe...pe... pelos dele... vamo deixar que ele possa...se defender...

13WILLIAN BONNER: Candidato... quando o senhor era governador do estado de Minas Gerais...o senhor construiu um aeroporto no município de Cláudio...uhh...a sua fav...a sua família tem uma fazenda...há seis quilômetros desse aeroporto...e a pista foi construída ao lado de terras do seu tio-avô...o senhor já disse diversas vezes que não houve NENHUMA irregularidade nisso...que as terras eram públicas... porque já tinham sido...desapropriadas... inclusive a sua família...discorda... do valor arbitrado pra essa... desapropriação...contesta esse valor...considera injusto... tá na justiça...o senhor disse também que o aeroporto foi criado... pelo senhor...para beneficiar a economia da região... e desde que... esse assunto surgiu... o único ERRO... que o senhor...ah...admite ter cometido... eu vou... ler...as suas palavras... o senhor disse que... viu aquela obra...com os olhos da comunidade local... e não da forma como a sociedade a veria a distância... eu pergunto... mesmo... aos olhos da comunidade local... candidato...o senhor considera republicano... construir um aeroporto... ((pausa longa com expressão facial que indica seleção de palavras)) que poderia ser visto como um benefício...pra sua família.. no MÍNIMO... por valorizar as terras dela?

14AÉCIO NEVES: Bonner... eu tenho que agradecer muito... a oportunidade que você me dá... de tocar nesse tema... esperava ter essa oportunidade pra fazê-lo... o meu governo... foi um governo republicano...foi um governo absolutamente transparente...eu transformei Minas Gerais num estado... Bonner...que tem a melhor educação do Brasil... no Ensino Fundamental...a melhor saúde de toda região sudeste...nós ligamos...no planejamento... aliás algo que falta hoje... no plano federal...todas as cidades mineiras que não tinham asfalto...225 cidades... foram ligadas por asfalto no meu governo...450 cidades não tinham telefonia celular...fiz a primeira PPP do Brasil... e liguei essas cidades ao desenvolvimento... através da t... da telefonia celular... e fiz um programa chamado PROAERO... e liguei 29 cidades... de um total de um total de 92 aeroportos que existem espalhados por Minas... você sabe que Minas é... o estado que tem... o maior número de municípios... somos 853...como instrumento do desenvolvimento...regional...e veja bem... nesse caso...especificamente... se houve algum prejudicado...((rindo)) foi esse meu tio-avô... porque o estado avaliou aquela área em um milhão de reais... ele reivindica... na justiça... nove milhões de reais... não recebeu um real... até hoje... foi feito ass... de forma transparente...absolutamente republicana... e a população daquela localidade sabe a importância desse aeródromo... uma pista asfaltada...

15WILLIAN BONNER: Mas candidato... essa questão produziu muita polêmica porque...i:...imediatamente levantou-se uma suspeita sobre o benefício a sua família...que o senhor diz... não ter havido...e: ... o senhor tem algum tipo de constrangimento ético... por ter utilizado essa pista quando visitou a fazenda da sua família?

16AÉCIO NEVES: Não... não tenho... até porque não sabia que essa...ah...ah... pista não estava homologada...aliás...essa é uma questão...

17WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Perdão...não se trata da questão da homologação... a homologação é uma questão burocrática...a minha pergunta

é sobre usar um aeroporto que foi construído pelo estado de Minas Gerais para visitar uma fazenda sua... isso não lhe constrange?

18AÉCIO NEVES: Bonner...olha.... eu visitei quase todos os aeroportos de Minas Gerais... trabalhando... como governador... eh...do estado... e o fato central é esse... que a ANAC... porque é muito aparelhada hoje... nós sabemos a origem das indicações da ANAC...durante três anos não conseguiu fazer o processo...avançar...e homologar... o aeroporto... Bonner... o meu governo é reconhecido em Minas Gerais como o governo transformador... eu deixei Minas... com 92% de aprovação...e ah...é exatamente essa experiência republicana... correta... transparente do meu governo... que eu quero implementar no Brasil... não há nenhuma...

19WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala do entrevistado)) Pra fechar essa questão...

20AÉCIO NEVES: nenhuma...não há nenhum constrangimento... Bonner...nessa questão...

21WILLIAN BONNER: ((insistindo e assumindo a palavra)) Pra fechar essa questão...o que vale mais... uma fazenda COM um aeroporto ao lado... ou uma fazenda sem um aeroporto ao lado?

22AÉCIO NEVES: Olha...essa fazenda que você se refere...é uma fazenda que está na minha família há 150 anos... tem lá14 cabeças de... ah...gado... ((rindo)) essa é a grande fazenda... é um sítio que n...valorizado ou não...Bonner... é um sítio onde a minha família vai... eventualmente... nas férias...ali ninguém tá fazendo um negócio...essa cidade precisava desse aeroporto... como todas as outras que tiveram investimentos em Minas Gerais...eu nunca...na minha vida inteira...fiz nada que...que eu não pudesse defender de cabeça... erguida...criou-se... em torno desse caso uma celeuma... que você próprio deve estar surpreso agora...ah...é um sítio de... na...na... nossa parte... de talvez 30 alqueires...algo absolutamente... ah... familiar...pequeno...nada a ver com esse aeroporto... até porque... nesse local...já havia uma pista... eu poderia ter descido numa pista que já havia... que estava lá... há mais de vinte anos...

23PATRÍCIA POETA: Candidato... vamos falar de programas sociais... o senhor tem dito...que...vai manter alguns dos principais programas sociais do governo atual... como é o caso do Bolsa Família... o Prouni... o Pronatec...o Mais Médicos... e também a política de reajuste... do salário mínimo... a sensação que dá para muitos eleitores é que o senhor...sim...aprova o desempenho do PT nessa área... na área social...porque então... esses eleitores... iriam querer mudar de presidente?

24AÉCIO NEVES: Porque a verdade é essa... Patrícia...todos percebemos de forma muito clara...que o Brasil parou de crescer... os empregos de... boa qualidade deixar...deixaram de ser gerados aqui... e até os de baixa qualidade também... segundo os últimos dados oficiais... estão deixando... ah... de acontecer...e a grande realidade é que administrar...e olha que eu fui...ah... um governador... razoavelmente exitoso... é transformar... e transformar pra melhor as boas experiências... o que que é o Bolsa Família...Patrícia? O Bolsa Família é a junção... do Bolsa Escola...do Bolsa Alimentação e do Vale-Gás... que vieram do governo do presidente Fernando Henrique... e corretamente o presidente Lula os unificou... e adensou... eu não só vou continuar com o Bolsa Família... como eu quero que além da privação da renda... as pessoas que o recebem... possam ter uma ação do estado para que outras carências... eh.. de saneamento.. de educação.. de segurança...possam também ser sanadas... o Prouni... é uma inspiração... ah...de uma experiência do governo de Goiás...todo mundo de alguma forma copia e aprimora...e ninguém tem que ter... vergonha disso... o meu governo... ele vai ser... renovador... no padrão ético... na.. no padrão moral... em relação... a esse governo... e vai ampliar as boas

políticas... mas certamente vai ser um governo que vai resgatar... a capacidade do Brasil crescer...

25PATRÍCIA POETA: ((interrompendo a fala do entrevistado)) O senhor quer aprimorar... então...manter...e aprimorar esses programas sociais...como é que o senhor...

25AÉCIO NEVES: ((mantendo o fluxo de fala, entrecruzando a fala da entrevistadora)) É isso que tem que fazer o bom gestor...

27PATRÍCIA POETA: Candidato... como é que o senhor explica... o desempenho no campo social de um estado rico... como Minas Gerais que hoje sustenta... o menor índice de desenvolvimento humano... de TODA a região Sudeste... e ocupa a NONA posição no ranking nacional... ou seja... entre todos os estados brasileiros... estava em oitava posição... anos atrás... e agora está em nona posição ((fazendo gesto com a mão, indicando o declínio))...

28AÉCIO NEVES: Patrícia...esses números eles têm que ser vistos... tem que ser vistos no seu conjunto... Minas gerais avançou... e avançou muito...agora Minas tem...eh... no nosso território... encrustado no nosso território...o Vale do Jequitinhonha... o Norte mineiro... o Mucuri...que é uma região que historicamente tem um IDH... menos do que a média do Nordeste...o grande esforço do nosso... do nosso governo foi...reduzir...essas diferenças... e fizemos isso... Minas tem... hoje... a melhor educação fundamental do Brasil... mesmo sendo um estado heterogêneo...e não sendo o mais rico dos estados brasileiros...a melhor saúde de toda a região Sudeste... e é o estado que se desenvolve...muito...qual que é a questão específica? ... nós tivemos um momento ruim... de determinadas atividades econômicas nossas...que perderam valor... como o minério... e o café...e essa sazonalidade existe... mas Minas é hoje...referência... não apenas no Brasil... mas fora do Brasil... pros organismos internacionais...como o Banco Mundial... de um modelo a ser seguido... de um estado com sensibilidade social...e com gestão profissional...

29WILLIAN BONNER: O senhor mencionou já duas vezes... a saúde em Minas Gerais... o senhor tem dito que é a melhor do Sudeste...a quarta melhor do Brasil... no entanto os analistas que se debruçaram sobre investimentos públicos na saúde... de Minas... afirmam que... isso sig...foi muito mais resultado de investimentos da União... e de municípios... que do Estado...o senhor não considera a saúde uma prioridade também de governos estaduais... candidato?

30AÉCIO NEVES: Absoluta... o que nós fizemos em Minas... Bonner... é transformador... qualquer especialista nessa matéria reconhece isso... eu estive há poucos dias atrás reunido na USP...com a diretora da USP...e outros renomados especialistas em saúde pública...no meio da reunião... eu vou aqui confidenciar isso...a diretora da USP disse a mim o seguinte... Aécio... você não tem nada que aprender conosco aqui sobre saúde pública... não...o que vocês fizeram em Minas foi transformador...seja em relação à saúde preventiva...onde nós dobramos os... os números de equipe do programa Saúde da Família... quanto na qualificação dos hospitais... através do Pro-Hosp...na preparação das... pessoas... saúde é prioridade pra qualquer governo responsável... e será no nosso...

31PATRÍCIA POETA: Candidato... o nosso tempo tá acabando...última pergunta... dos projetos que o senhor tem para o país...quais seriam os prioritários?

32AÉCIO NEVES: Na verdade... Patrícia... eu quero governar o Brasil pra iniciar um novo ciclo de desenvolvimento no país...um ciclo que concilie ÉTICA... com eficiência...sem dúvida alguma... os quadros que nós temos a nossa disposição... e a coragem que teremos para fazer o que precisa ser feito...é que permitirá... que no nosso governo...o Brasil volte a crescer...mas eu quero melhorar o Brasil... é pra dona Branda... que eu

conheci essa semana lá nas margens do Rio Negro... no Amazonas... e que quer um posto de saúde melhor na sua comunidade... ou pro seu Severino... lá de Mauriti... no Ceará...que espera que as obras do São Francisco possam chegar... perto da sua casa...ele já acha que só os seus netos é que verão... eu quero que a Suelen... lá de Campina Grande... que eu conheci... no ano passado... continue vendendo na Feira... como vendia... não vende mais porque a inflação está aí a perturbar a vida de todos...eu quero fazer um governo pras pessoas...um governo responsável... corajoso...mas que pense naquele que mais precisa... da ação do Estado...por isso eu nesse instante.. peço a você que está nos ouvindo... o voto...o seu apoio pra transformarmos de verdade o Brasil... e vocês vão se orgulhar muito disso...

33PATRÍCIA POETA: Quatro segundos... três... obrigada pela sua participação aqui na bancada do Jornal Nacional... lembrando... que amanhã o entrevistado ao vivo aqui no Jornal Nacional será o candidato do PSB... Eduardo Campos.

APÊNDICE B – TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA DE DILMA ROUSSEFF

Concessão e exibição: Brasília, DF, 18/08/2014 – Jornal Nacional

1DILMA ROUSSEFF: Boa noite, Bonner. Boa noite, Patrícia Poeta. Boa noite, telespectadores!

2WILLIAN BONNER: Pois então, eh:::, o tempo total dessa entrevista é de quinze minutos... como foi d...dos demais candidatos e a gente procura reservar um minuto e meio...um minuto no fim para que o candidato possa expor aqueles projetos que ele considera prioritários para o governo no caso de ser eleito:: ou no caso de ser reeleita no caso de hoje e o tempo começa a par... a contar a partir de agora.

Candidata, no seu governo houve uma série de escândalos de corrupção e de desvios éticos... houve escândalo de corrupção no Ministério da Agricultura...houve escândalo de corrupção no Ministério das Cidades... no Ministério dos Esportes... houve escândalo de corrupção no Ministério da Saúde... no Ministério dos Transportes... houve escândalo de corrupção no Ministério do Turismo...no Ministério do Trabalho... a Petrobrás acabou se tornando objeto de duas CPIs no Congresso...A senhora sempre diz que todos esses escândalos foram revelados pela Polícia Federal e que estão sendo investigados pela Polícia Federal que é um órgão do Governo Federal... a pergunta que eu lhe faço é a seguinte: qual é a dificuldade de... desde o início... se cercar de pessoas ho-nes-tas...que lhe permitam formar uma equipe de governo honesta... e que evite essa situação que nós...vimos... de repetidos casos... de... ã:: corrupção...não há:: uma sensação...ah::: não pode haver uma sensação no ar de que::: o PT... eh:::...descuida da questão ética ou da questão da corrupção?

3DILMA ROUSSEFF: Bonner... não pode não... sabe por quê? ...porque nós...justamente fomos aquele governo que mais estruturou os mecanismos de combate à corrupção...a irregularidade... mal... e maus feitos... por exemplo... a Polícia federal no meu governo e no do presidente Lula ganhou imensa autonomia para investigar...pra descobrir...pra prender... além disso nós tivemos uma relação muito respeitosa com o Ministério Público...nenhum Procurador Geral da República foi chamado no meu governo ou no do presidente... Lula... de engavetador geral da República...por quê? Porque também escolhemos com absoluta isenção... os pocu... os procuradores... outra coisa... fomos nós que criamos as c ...a Controladoria Geral da União... que se transformou num órgão forte e que também investigou e descobriu muitos casos... terceiro... aliás eu já tô no quarto...nós criamos a lei de acesso à informação...criamos no governo um portal da transparência... mas eu quero te dizer uma coisa... nem todas as denúncias de escândalo, Bonner, resultaram em...realmente... a constatação que a pessoa tinha de ser punida...e tinha... e seria condenada...pelo contrário...

4WILLIAN BONNER: mas... ((interrompendo a fala da candidata))

5DILMA ROUSSEFF: só um pouquinho ((não se deixando interromper)).. só aqueles... que foram...identificados... pela mídia... como tendo praticado atos

indevidos... foram posteriormente... ah:... eh:... inocentados... eu quero te dizer uma coisa... eu nunca ((neste momento é interrompida novamente pelo jornalista))

6WILLIAN BONNER: Correto... candidata... mas eu quero só dizer à senhora o seguinte...a senhora listou aqui uma série de medidas que foram providenciadas depois de ocorridos os escândalos

7DILMA ROUSSEFF: ((tomando a palavra)) Não... isso tudo foi antes...

8WILLIAN BONNER: Bom... entre as medidas que a senhora providenciou de- pois dos escândalos esteve o afastamento de alguns ministros... em quatro casos a senhora trocou um ministro por alguém... que era do mesmo partido dele... e do mesmo grupo político dele... que... frequentava o mesmo círculo...essa situação... a senhora considera que não foi trocar seis por meia-dúzia?...a senhora considera que foi uma atitude PRUdente como presidente substituir nessas circunstâncias...foi uma medida eficaz de sua parte candidata?

9DILMA ROUSSEFF: Então... continuando o que eu estava dizendo Bonner...nem todos as pessoas denunciadas foram...punidas pelo... judiciário e tiveram comprovadamente culpa...muitas pessoas se afastaram... porque é realmente muito difícil resistir à pressão da família ou... à apresentação da pessoa como tendo praticado um crime... ((neste momento é interrompida pelo jornalista))

10WILLIAN BONNER: mas a senhora manteve gente do mesmo grupo nesses cargos...

11DILMA ROUSSEFF: ((mantendo a sua fala)) na segunda... respondendo à segunda pergunta... por exemplo ... recentemente eu fui muito criticada por ter substituído o César Borges pelo Paulo Sérgio...ora... o Paulo Sérgio foi meu ministro... foi ministro do presidente Lula... quando saiu do governo...ele ficou no governo num cargo importante que é na Empresa de Planejamento Logístico...o César Borges o substituiu... posteriormente... eu troquei o César Borges novamente aí pelo Paulo Sérgio... fiz a troca ao contrário... o César Borges também ficou no governo...o César Borges também ficou aí... dentro do governo... na Secretaria de Portos...os dois... são pessoas que eu escolhi... as quais...nas quais eu confio... acho que são pessoas.. bastante... ((novamente interrompida pelo jornalista))...

12WILLIAN BONNER: mas não foi exigência do partido... candidata?

13DILMA ROUSSEFF: ((retomando a fala)) os partidos...eh... podem fazer exigências... agora...eu só aceito quando eu considero que ambos... e é isso que eu queria concluir...ambos são pessoas íntegras... e não só íntegras... são competentes... têm tradição na área e são pessoas da minha confiança... (mais uma vez interrompida mas mantém a fala) eu troquei... porque eu confio nessas pessoas...

14WILLIAN BONNER: me deixe agora perguntar a senhora ((entrecortando a fala da candidata, que não se deixa interromper e conclui a fala))

15WILLIAN BONNER: E em relação ao seu partido... se partido teve um grupo de elite de... pessoas corruptas...comprovadamente corruptas... eu digo isso porque foram julgadas... condenadas e mandadas pra cadeia pela mais alta corte do judiciário brasileiro...eram corruptos... e o seu partido...tratou esses condenados por corrupção como...guerreiros!...como vítimas...como...pessoas que não mereciam esse tratamento...vítimas de uma injustiça... a pergunta que lhe faço... isso não é... ser condescendente com a corrupção... candidata?

16DILMA ROUSSEFF: Eu vou te falar uma coisa... Bonner...eu sou presidente da República...eu... não faço nenhuma observação... sobre julgamentos realizados pelo Supremo Tribunal...por um motivo muito inf...muito simples...sabe por quê Bonner... porque a Constituição... ela exige que o presidente da República...como exige dos

demais... éh::: chefes de poder... que nós respeitemos e... e... re... e consideremos a importância da autonomia... dos outros órgãos...

17WILLIAN BONNER: Então a senhora considera... a postura do PT nesse caso...

18DILMA ROUSSEFF:... eu não julgo... ações do Supremo... eu tenho... as minhas opiniões pessoais...e...

19WILLIAN BONNER: ((interrompendo a entrevistada))...mas e a... e a ação do seu partido... a senhora condena essa ação?

20DILMA ROUSSEFF: ((continuando a fala))... enquanto eu for presidente... eu não externo opinião a respeito do julgamento do Supremo... e vou te dizer... Bonner...não é a primeira vez que eu respondo isso...eu...durante o processo inteiro... não manifestei opinião nenhuma sobre o julgamento... até porque...

21WILLIAN BONNER: ((interrompendo novamente)) ...mas candidata... a pergunta que eu lhe fiz foi sobre a postura do seu partido...qual a sua posição a respeito da postura do seu partido?

22DILMA ROUSSEFF: ((continuando a fala)) ... eu não vou tomar nenhuma posição Bonner...que me coloque...em confronto... conflito... é...ou... aceitando ou não.. eu respeito a decisão da Suprema Corte brasileira...isso não é uma questão subjetiva...para mim exercer o cargo de presidência... eu tenho de fazer isso...

23PATRÍCIA POETA: Corrupção não foi o único problema... seu governo disse que investiu muito na área de saúde... e essa continua sendo a maior preocupação dos brasileiros...segundo uma pesquisa do Instituto Data Folha... e isso depois de doze anos de governos do PT... ou seja... mais de uma década candidata... não foi tempo suficiente pra colocar esses problemas nos trilhos...não?

24DILMA ROUSSEFF: Olha Patrícia... nós ainda tivemos e ainda temos muito problema... problemas a enfrentar.. e desafio a enfrentar... na saúde... eu acredito.. que nós enfrentamos... um dos mais graves desafios que há na saúde...porque na saúde você... precisa de ter médicos... você pode ter tudo... se não tiver médicos... não tem atendimento à saúde...também é possível a gente... olhar a população... é... e ver nas pesquisas que ela reclama...sempre reclamou da falta de médicos...nós tivemos uma atitude muito corajosa... o Brasil tem uma das menores taxas de médicos por mil habitantes... um vírgula oito... isso levou a uma carência imensa de médicos na tenção básica.... que são os postos de saúde...é sabido que oitenta por cento dos problemas de saúde da população... você... consegue resolver... na atenção básica... então qual foi a providência que nós tomamos com muita resistência... mas muita resistência... nós primeiro chamamos os médicos brasileiros... pra atender... o número... precisávamos em torno de catorze mil médicos...o número veio insuficiente...não tinha médicos suficientes formados no Brasil com con... condições de atender... depois chamamos médicos brasileiros ou não formados no interior individualmente... na sequência... também não chegou a um número suficiente... na sequência chamamos médicos é... cubanos através da Opas... e aí conseguimos chegar a 14.462... médicos... que... pelos dados da OMS... correspondem a uma capacidade de atendimento... de 50 milhões de brasileiros...

25PATRÍCIA POETA: ((interrompendo a entrevistada))... deixa... me permite eu só fazer um adendo aqui...candidata...

26DILMA ROUSSEFF: ((não se deixando interromper)) 50 milhões de brasileiros não tinham atendimento médico... hoje têm...agora nós estamos numa segunda etapa...a segunda etapa...

27PATRÍCIA POETA: ((interrompendo a entrevistada))... deixa... eu só fazer um adendo aqui...porque eu acho que é importante pros nossos telespectadores...

28DILMA ROUSSEFF: ... perfeitamente... Patrícia...

29PATRÍCIA POETA:... a senhora diria aqui diante dos nossos telespectadores que hoje enfrentam...filas e filas nos hospitais...que muitas vezes são atendidos em macas... que muitas vezes não conseguem fazer um exame de diagnóstico... que a situação da saúde o nosso país hoje...é minimamente razoável...depois de doze anos...

30DILMA ROUSSEFF: ...não acho... não acho... até porque Patrícia... o Brasil precisa também de uma reforma federativa... porque há responsabilidades federais... estaduais e municipais...nós assumimos... no caso do Mais Médicos... o atendimento aos postos de saúde...como uma rep... como uma responsabilidade basicamente...nós assumimos como federal... ela é uma responsabilidade compartilhada...mas assumimos como federal porque temos mais recursos...agora veja o resto do raciocínio...Patrícia...

31WILLIAN BONNER: ((interrompendo a entrevistada)) ... nós vamos falar de economia aqui...

32DILMA ROUSSEFF: ...vamos falar de economia... tenho maior prazer...Bonner...

33WILLIAN BONNER: ...vamos...

34DILMA ROUSSEFF: é: ...veja só... qual é...a sequência disso... agora...nós consideramos... que é muito importante duas coisas...primeira... tratar das especialidades...criar as condições para o Brasil dar atendimento de especialidades...que são aquelas que nós sabemos... o ortopedista... o ginecologista... o cardiologista...com exames mais rápidos...

35WILLIAN BONNER: candidata...candidata ((interrompendo a fala da entrevistada)) a senhora disse...

36DILMA ROUSSEFF: ...assim como nós enfrentamos...e resolvemos ... o problema dos catorze milhões... ((não se deixando interromper e mantendo o fluxo da fala))... do:.... do:...aliás... do:... dos cinquenta milhões de brasileiros... e dos catorze mil médicos...hoje nós temos mais já condição de resolver isso porque diminuimos a pressão... porque todo mundo que não era atendido no posto de saúde ia pra uma UPA ou pra um hospital...

37PATRÍCIA POETA: ((interrompendo)) ... a colocação era... era... doze anos... doze anos de governo... três mandatos... mas o Bonner quer falar de economia agora...

38WILLIAN BONNER: vamos... vamos...vamos à economia... que é um tema importantíssimo...

39DILMA ROUSSEFF: ...nesses três mandatos, gente, teve... não podemos esquecer... o SAMU que atende 149 milhões de brasileiros...

40WILLIAN BONNER: ((interrompendo)) ... não... a senhora já respondeu à Patrícia dizendo que não... que não é minimamente razoável... a senhora disse isso ((demonstrando impaciência))... então... vamos em frente...

41DILMA ROUSSEFF: ((mantendo o fluxo de sua fala)) ... eu acho que nós... temos de melhorar a saúde... eu não tenho dúvida disso...nenhuma...

42WILLIAN BONNER: ... vamos em frente... economia... a inflação nesse momento... a inflação anual...tá no teto... daquela meta estabelecida pelo governo... tá em 6,5 por cento... a economia encolheu 1,2 por cento no segundo trimestre desse ano... e tem uma previsão de crescimento baixíssima... pra esse ano... menor do que um por cento... o superávit do primeiro semestre desse ano foi o pior dos últimos catorze anos... quando a senhora é confrontada com esses números ruins... a senhora diz que eles são produto...são resultado de...uma crise internacional... aliás a senhora diz

que eles não são tão ruins assim...porque a senhora lembra... o caso das demissões...de milhões na Europa...e o fato de o Brasil ter hoje uma situação... praticamente de...pleno emprego... aí quando os analistas dizem que 2015...o ano que vem... vai ser um ano difícil... um ano de ac... de acertos de casa... que é preciso arrumar a economia brasileira e portanto isso vai impor alguns sacrifícios... vai ser uma no duro... a senhora diz que isso é pessimismo...e aí eu lhe pergunto... a senhora considera justo ora... olhando pros números da economia... ora culpar o pessimismo... ora culpar a crise internacional...pelos problemas... ah... o seu governo.. não tem nenhum papel... nenhuma responsabilidade nos resultados que estão aí?

43DILMA ROUSSEFF: Ô Bonner... primeiro... nós enfrentamos a crise pela primeira vez no Brasil... não desempregando... não arrojando salários... não fa... não aumentando tributos... pelo contrário... diminuimos... reduzimos e desoneramos a folha...reduzimos a... incidência de tributos sobre a cesta básica...nós... é... enfrentamos a crise...também... sem demitir...qual era o padrão anterior...

44WILLIAN BONNER: (interrompendo a fala da entrevistada) ... mas o resultado no momento é muito ruim candidata... inflação alta... indústrias com estoques elevados... ameaça de desemprego ali na frente...

45DILMA ROUSSEFF: Veja bem.. veja bem...eu não sei... daonde ((sic)) que estão os seus dados... mas nós temos...

46WILLIAN BONNER: Da indústria... candidata...

47DILMA ROUSSEFF: só um pouquinho ((referindo-se à interrupção do jornalista))... nós temos duas coisas acontecendo... nós temos uma melhoria prevista no segundo semestre... vou te dizer por que... primeiro...

48WILLIAN BONNER: ((interrompendo)) isso não é ser otimista... em contrapartida ao pessimismo que a senhora critica?...

49DILMA ROUSSEFF: ((intercalando à fala do jornalista)) Não... não... não... cê sabe, Bonner, que tem uma coisa em economia que chama os índices antecedentes... e... os índices que evidenciam como é que é a situação atual...que é que são os índices antecedentes... por exemplo... a quantidade::: de papelão que é comprada... a quantidade de energia elétrica que é consumida...a quantidade de carros que são vendidos... todos esses índices indicam uma recuperação no segundo semestre vis a vis ao primeiro... além disso... a inflação... Bonner... cai desde abril... e agora... ela atinge... hoje... se você não olhar pelo retrovisor... e olhar pelo que tá acontecendo hoje... ela atinge zero por cento...zero...

50WILLIAN BONNER: ((interrompendo a fala da entrevistada)) ... então vamos para os projetos...

51DILMA ROUSSEFF: ((mantendo o fluxo da fala)) ... a último dado do IPCS que saiu se não me engano hoje ou ontem... chegou a 0,08 (por cento) ... o que eu estou dizendo é o seguinte... o Brasil...

52WILLIAN BONNER: ((interrompendo)) Candidata...

53PATRÍCIA POETA: ... O tempo está acabando...

54DILMA ROUSSEFF: Acabou?... desculpe...

55WILLIAN BONNER: Eu quero garantir à senhora o seu...

56DILMA ROUSSEFF: Um minuto?

57WILLIAN BONNER: Um minuto e meio...

58DILMA ROUSSEFF: Muito obrigada... então... o que eu estou querendo dizer é que estamos superando a dificuldade de enfrentar uma crise sem demitir... gerando emprego e renda...

59WILLIAN BONNER: Seus projetos prioritários... candidata...

60DILMA ROUSSEFF: Olha Bonner... eu fui eleita para... dar continuidade aos avanços do governo... Lula...ao mesmo tempo preparamos o Brasil para um novo ciclo de crescimento... um Brasil moderno... mais inclusivo... mais produtivo... mais competitivo... nós... criamos as condições para o país dar um salto...colocando a educação no centro de tudo...e isso significa... Bonner... que nós.. queremos continuar a ser um país de classe média...cada vez maior... a participação da classe média... mais oportunidades para todos...

61PATRÍCIA POETA: Concluir... para concluir... nosso tempo já...

62DILMA ROUSSEFF: Queria concluir dizendo o seguinte... eu acredito no Brasil...acho que mais do que nunca todos nós precisamos acreditar no Brasil... e diminuir... o pessimismo...

63PATRÍCIA POETA: ((interrompendo)) Obrigada... candidata...

64DILMA ROUSSEFF: E peço o voto dos... dos... telespectadores... peço o voto para o Brasil continuar... avançando...

65WILLIAN BONNER: ((interrompendo a entrevistada)) Nós agradecemos a compreensão... a compreensão...

66DILMA ROUSSEFF: Eu também compreendo e... e suspendo a minha fala. Muito obrigada!

67PATRÍCIA POETA: Obrigada...

68WILLIAN BONNER: Eu que agradeço a sua presença no Jornal Nacional... vamos voltar agora ao estúdio do Jornal nacional no Rio de Janeiro com Eraldo Pereira.

ANEXO

**ANEXO A – DVD COM GRAVAÇÃO DAS ENTREVISTAS DE AÉCIO NEVES E
DILMA ROUSSEFF**